

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º 168

PSICOLOGIA EDUCACIONAL N.º 2

MARIA JOSE' DE BARROS FORNARI DE AGUIRRE

AFEIÇÃO, CÓLERA
E
MÊDO

ENTRE ADOLESCENTES ESTUDANTES
DA CIDADE DE SÃO PAULO



SÃO PAULO (BRASIL) — 1953

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Ernesto de Moraes Leme

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula

Professor da Cadeira de Psicologia Educacional
Professôra Noemy da Silveira Rudolfer

Professor Substituto
Dr. Arrigo Leonardo Angelini

Assistentes

Dra. Maria José de Barros Fornari de Aguirre
Dra. Maria Dulce Nogueira, Garcez
Lic. Odette Lourenção (substituta)
Prof. Beatriz de Freitas Wey
Prof. Eulália Alves de Siqueira
Prof. Nilontina Gonçalves Golanda

Auxiliar de Ensino
Lic. Hebe Rolim de Camargo

Tôda correspondência relativa ao
presente Boletim e as publicações em
permuta deverão ser dirigidas à:

All correspondence relating to the
present Bulletin as well as exchange
publications should be addressed to

CADEIRA DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL
Faculdade de Filosofia — Caixa Postal 8.105 — São Paulo — Brasil

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º 168

PSICOLOGIA EDUCACIONAL N.º 2

MARIA JOSE' DE BARROS FORNARI DE AGUIRRE

AFEIÇÃO, CÓLERA
E
MÊDO

ENTRE ADOLESCENTES ESTUDANTES
DA CIDADE DE SÃO PAULO

TESE DE DOUTORAMENTO APRESENTADA
À FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E
LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



SÃO PAULO (BRASIL) — 1953

AGRADECIMENTOS

Cumpre-nos exprimir aqui o nosso reconhecimento a todos aquêles a quem devemos, de alguma forma, a realização desta tese.

A Professôra Dra. Noemy da Silveira Rudolfer cabe-nos agradecer de maneira especial a orientação do presente estudo e a valiosa ajuda que nos dispensou durante a execução do mesmo.

Ao Professor Dr. Paulo Sawaya os nossos agradecimentos pelo auxílio que desinteressadamente nos prestou em várias fases da feitura dêste trabalho.

Ao Professor Adolfo Packer devemos agradecer a amável colaboração permitindo a mimeografia de grande parte dos questionários, no Serviço de Medidas e Pesquisas Educacionais, de que é Diretor.

As alunas da Cadeira de Psicologia Educacional, Carmela Pascarelli, Helena Arruda Ramos, Lair Fontes Piedra, Maria Theresza Welker de Azevedo, Nilce Mejias e Ruth Morais Vasconcelos, a quem agradecemos a dedicada colaboração no árduo trabalho de aplicação dos questionários aos alunos de ginásio e colégio desta Capital.

Finalmente a todos os nossos companheiros de trabalho, Arrigo Leonardo Angelini, Beatriz de Freitas Wey, Eulália Alves de Siqueira, Maria Dulce Nogueira Garcez, Nilontina Gonçalves Gollanda e Odette Lourenção, queremos agradecer o auxílio, colaboração e sugestões que gentilmente deram a êste trabalho.

Í N D I C E

Introdução	5
Significado da adolescência	9
A vida emocional e sua significação, principalmente durante a adolescência	17
A população investigada	20
I — Escolha da população	20
II — Estudo da população	22
O Método	23
Tratamento dos Dados	25
Afeição	27
Afetos relatados pelos adolescentes.....	27
Afetos desejados pelos adolescentes.....	31
Comparação entre os afetos mais freqüentes.....	35
Considerações gerais sôbre os resultados da pesquisa sôbre afeição	37
Cólera	40
Situações específicas de cólera.....	41
Situações gerais de cólera.....	45
Comparação entre as situações específicas e gerais de cólera	50
As causas específicas e gerais de cólera em relação à idade	51
As causas mais freqüentes de cólera em cada idade..	54
Considerações gerais sôbre as causas de cólera entre os adolescentes	56
Comportamentos específicos e gerais de cólera.....	58
Comportamentos específicos de cólera.....	59
Comportamentos gerais de cólera.....	60
Comparação entre os comportamentos específicos e gerais de cólera	62
Os comportamentos reais e prováveis de cólera em relação à idade	65
Os comportamentos mais freqüentes de cólera em cada idade	68
Considerações gerais sôbre as manifestações de cólera entre os adolescentes	69

Mêdo	72
Causas específicas de mêdo.....	73
Causas gerais de mêdo.....	75
Comparação entre as causas específicas e as causas gerais de mêdo	77
As causas reais e prováveis de mêdo em relação à idade	79
As causas mais freqüentes de mêdo em cada idade.	82
Considerações gerais sôbre as causas de mêdo entre os adolescentes	84
Comportamentos específicos e gerais de mêdo.....	87
Comportamentos específicos de mêdo.....	88
Comportamentos gerais de mêdo.....	90
Comparação entre os comportamentos específicos e os comportamentos gerais de mêdo.....	92
Os comportamentos reais e prováveis de mêdo em relação à idade	93
Os comportamentos mais freqüentes de mêdo em cada idade	96
Considerações gerais sôbre os comportamentos de mêdo entre os adolescentes.....	98
Considerações gerais sôbre a investigação das emoções de afeto, cólera e mêdo entre os adolescentes de escola secundária	100
Resumo	107
Bibliografia	109
Anexos	112



INTRODUÇÃO

Constitui a adolescência uma época de profundo interesse psicológico, um vasto campo aberto à observação, à investigação e ao estudo; que cada dia mais se acentua.

Muito embora o adolescente tenha sido através da história, objeto de atenção e preocupação freqüentes, atualmente o estudo dessa fase da vida passou a ser objeto de pesquisa mais ampla e minuciosa.

Trata-se em geral de uma idade difícil, não só para os que a atravessam, como para aqueles que tratam mais de perto com os adolescentes. (1) É toma cada vez maior vulto a necessidade de conhecer-se, de compreender-se o adolescente. Como poderão a família e a escola exercer sua influência, orientar, educar, ensinar, se a adolescência representa uma época de problemas, de interrogações, de incompreensões? Um bom conhecimento psicológico permitiria que pais e professôres, compreendendo o que se passa nessa etapa da vida, pautassem sua maneira de agir de acôrdo com os característicos e necessidades típicas da mesma.

Quais são, porém, as dificuldades que surgem na adolescência?

Os pais queixam-se comumente de que nessa idade os filhos começam a querer emancipar-se completamente; não aceitam conselhos e muito menos ordens. São exigentes, extravagantes, extremistas muitas vêzes, em valores e atitudes.

E os filhos? Estes reclamam contra a incompreensão, as injustiças e a falta de liberdade.

Será êste, porém, um fenômeno geral? Parece que sim. A adolescência moderna está constituindo um problema complexo (2) e de grandes proporções. Daí vêm as várias denominações dadas

(1) É interessante apresentar aqui a êsse respeito um trecho da autobiografia de CHESTERTON: "Boyhood is a most complex an incomprehensible thing. Even when one has been through it, one does not understand what it was. A man can never quite understand a boy, even when he has been the boy. There grows all over what was once the child a sort of prickly protection like hair; a callousness, a carelessness, a curious combination of random and quite objectless energy with a readiness to accept conventions". CHESTERTON (1936, p. 53).

(2) Veja-se por exemplo:

a) Nos Estados Unidos:

"What is wrong with our boys and girls?" Young people have no respect for authority". "I have no control over my child: he will not listen to anything I say." "Juvenile delinquency is increasing daily." "These and similar criticism of the young people of America have become the theme

a essa época da vida: “idade ingrata”, “idade de tormenta”, “idade difícil”.

Na escola as dificuldades continuam. Infelizmente, entre nós, não é ainda a escola um ambiente propício a um bom desenvolvimento da personalidade. Talhada de acôrdo com os moldes tradicionais, impera a consideração do professor e não do aluno; aquilo que se torna importante é a memorização que irá garantir a boa nota nas sabatinas e exames. Muito pouco se preocupa de saber-se se os adolescentes, em suas carteiras enfileiradas em oposição à mesa do professor, gostam do que se lhes ensina, se compreendem a matéria, ou se poderão aplicar de alguma forma o que lhes é ensinado. Mas nem sempre a culpa é do professor; êle tem um programa a cumprir e do qual deve dar contas. É verdade que há mestres que superam muitas das dificuldades criando situações interessantes para o ensino, movimentando suas aulas, ilustrando-as.

A nota, porém, ainda constitui para muitos uma arma eficiente para obter o que é preciso: disciplina e memorização nas provas mensais e de exame. É preciso lembrar que o adolescente nem sempre está na escola por querer aprender, por desejar freqüentar aulas, por espírito de curiosidade. Ele vai porque assim tem que ser: sem terminar o curso secundário, quase não é possível conseguir-se hoje um bom emprêgo, e quando se tem em vista obter mais tarde o diploma de uma escola superior, então tal curso se torna indispensável. Por estranho que pareça, para muitos o estudo é um mal necessário...

Resultantes da falta de conciliação entre os interêsses reais dos adolescentes e a escola, acentuam-se a preguiça, a má vontade, o desinterêsse pelo estudo. Uma das provas está em que o aluno brilhante nos estudos na fase da adolescência, nem sempre é o que depois se salienta na vida, aquêle que triunfa nos negócios ou na carreira escolhida. Uma das razões dêste fato, parece-nos que se encontra na disjunção entre os interêsses extra-escolares e as exigências da escola média.

Ao lado, pois, dos desajustamentos no lar, temos a falta de adaptação na escola. São dificuldades que se somam, criando problemas sérios e complicados.

of newspaper and magazine articles and are a popular subject for general conversation”. (CROW and CROW 1945, p. 2).

b) No Chile:

“La adolescencia ha sido llamada “Edad ingrata”... porque la transición entre el niño y el hombre maduro representa um período de reajustes y superación de dificultades, muy poco compatibles con la sana alegría y optimismo regocijado de las otras etapas... (PIGA 1946, p. 16).

c) Na França:

“Votre fils aîné vient d'avoir 15 ans. Il est en pleine adolescence et c'est lui, je le sais, qui vous inquiete surtout: ne traverse-t-il pas “l'âge ingrat” par excellence? (DEBESSE 1948, p. 6).

Acrescente-se a isso que os conflitos no lar se projetam e influem na vida escolar e extra escolar do adolescente, o mesmo acontecendo com as dificuldades oriundas da escola.

O adolescente irrita-se freqüentemente e isso é facilmente notado, principalmente quando encontra obstáculos às suas exigências de auto-afirmação. DÉBESSE (1936) fala dêste período como se caracterizando pela afirmação exterior, e daí resulta a revolta tão comum nessa idade, quando o lar e a escola se colocam como impedimentos a essa necessidade.

O conhecimento dos receios, conflitos e frustrações dos adolescentes e, mais especialmente dos adolescentes que estudam, torna-se imprescindível para garantia de ação eficiente.

Seria possível, entretanto, realizar um estudo dessa natureza? A resposta não pode deixar de ser afirmativa. A personalidade do adolescente oferece campo vasto para a investigação psicológica e, dada a grande soma de fatores que influem na sua formação, o estudo de alguns desses fatores poderá oferecer contribuição de valia para o melhor conhecimento dessa personalidade.

Seguindo a orientação que nos foi dada pela professora Noemy da Silveira Rudolfer, reconhecida mestra e autoridade no campo da Psicologia da Adolescência, seguimos a sua sugestão de estudar o adolescente através de sua vida afetiva, indicação e orientação que muito agradecemos.

Concentramos, portanto, nossa atenção principalmente no estudo dos distúrbios, dificuldades e problemas de fundo emocional, pois são ao nosso ver, os mais influentes e determinantes dos desajustamentos dos adolescentes em geral.

A apresentação da pesquisa, objeto desta tese, vem precedida de dois capítulos introdutórios cuja finalidade é de apenas situar o problema a investigar.

Como é sabido, tanto no que se refere à adolescência em geral, como à vida emocional principalmente nesse período, imensa é a soma de trabalhos publicados em várias partes do mundo, de maneira que nos restringimos às obras que, de vários pontos de vista, nos pareceram mais importantes. Uma parte dessa bibliografia consultada aparece em citações ou referências no decorrer dêste estudo.

SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA

As características dos adolescentes já foram assinaladas por Aristóteles em sua Retórica, ao descrever-lhes os traços próprios, em oposição aos apresentados pelos indivíduos abaixo e acima dessa idade (DENNIS 1946, p. 633).

O que nos interessa particularmente é a consideração da adolescência como período de transição, difícil e por vêzes traumático, cujo quadro Stanley Hall (1904) apresenta no seu magnífico trabalho pioneiro, em princípios dêste século, e que veio abrir à observação e ao estudo, o terreno ainda quase inexplorado da Psicologia da Adolescência.

Os limites iniciais e finais para essa época não podem ser nitidamente demarcados e diferem as opiniões dos vários autores na conceituação e localização cronológica da adolescência. Assim, para HOLLINGWORTH (1928, p. 1), aproximadamente, a adolescência é período dos "teens" cobrindo então cerca de sete anos de imaturidade. BOLTON (1931, p. 46), porém, distingue o período da adolescência entre 14 e 25 anos para o sexo masculino e entre 13 e 21 para o feminino e para THOM (1935, p. 2) a adolescência inclui as idades de 12 a 20 anos; já COLE (1942, p. 6) afirma que a adolescência talvez não seja um estágio de desenvolvimento mais importante que os outros, mas é o último antes da idade adulta... Adolescência inicial ou puberdade: 13 a 15 anos. Adolescência média: 16 a 19 anos. Adolescência final: 19 a 21 anos Para BROOKS (1948, p. 1) a adolescência estende-se aproximadamente dos 12 ou 13 até os 20 anos.

Como quer que seja, a simples observação nos mostra que, ao chegar a uma certa idade, tanto o menino como a menina já não podem ser mais tratados como crianças e se ressentem de tal tratamento, mas, o que é talvez mais difícil, não podem ainda ser considerados ou tratados como adultos. É o que nos diz PIGA (1946, p. 16), sôbre êste ponto: "Una espécie de anfibiedad caracteriza de hecho al adolescente, con todo el cortejo de incongruencias, insatisfacciones y problemas originados de un modo inevitable por la falta de contornos fijos. Qué mayor angustia, para el hombre o mujer, ha de significar — y en efecto significa — la conciencia de haber abandonado la niñez, y no hallarse, todavia, en el dominio de la edad madura?" Estão na adolescência, e portanto, de acôrdo com a própria etimologia dêsse têrmo, ainda estão em crescimento, mas crescimento um tanto diferente do que se vinha processando

anteriormente, de modo especial por via da influência dos produtos secretados pelos órgãos incretórios que constituem fator da mais alta importância a interferir no organismo e mesmo na personalidade do adolescente. O corpo modifica-se rapidamente, as várias partes do corpo crescem em ritmo diverso. São transformações orgânicas: é a idade do “estirão” que comumente se chama puberdade e que convencionalmente se deliberou considerar como início da adolescência, como aliás nos informa HOLLINGWORTH (1928, p. 2): “tornou-se convencional... fixar o primeiro sinal do poder reprodutivo, como início da adolescência”. Segundo BRIQUET (1933, p. 44), “inicia-se a adolescência aos 12 anos, pelas manifestações psíquicas da puberdade, que antecedem as somáticas e finda aos 18 anos, época em que praticamente, se ultima o crescimento em altura ou maturidade hípica”. E finalmente BROOKS (1948, p. 1): “por puberdade, entendemos a etapa inicial da adolescência”.

E quando se instala a puberdade? Existe variação quanto à idade em que se manifesta a maturidade sexual de acordo com a influência de certos fatores embora não se possa precisar bem a atuação de cada um deles: raça, constituição, clima, latitude, nutrição, meio social e cultural, etc. (PIGA, 1946 p. 58).

Para as meninas, a primeira menstruação é considerada como início da puberdade. Para os meninos, porém, não há característico tão definitivamente estabelecido. Geralmente, o aparecimento dos caracteres sexuais secundários e a mudança de voz marcam a puberdade que surge, em média, cerca de um ano mais tarde que a feminina. Em nosso meio, a puberdade feminina foi estudada do ponto de vista somático por J. Mauricio CORREA (1931), em sua tese de doutoramento na Faculdade de Medicina. Segundo os resultados finais obtidos, o advento da puberdade feminina em nosso meio se dá “ao correr dos 13 e 14 anos” (p. 45).

O púbere depara, portanto, com a necessidade de se adaptar a um corpo em mudança, em mudança rápida e estranha, um corpo que ele não compreende bem e que o assusta. É muito conhecido o fato de que algumas partes do corpo crescem mais rapidamente que as demais, em certos períodos. Assim os pés e mãos atingem um tamanho desproporcionado, no início da adolescência; o mesmo se pode dizer do nariz.

O rápido crescimento em estatura, origina para muitos púberes uma preocupação ansiosa, pelo temor de ficarem altos demais, os que já atingiram um estatura além da comum; outros, ao contrário, temem não conseguirem crescer o suficiente ou o desejado: aqueles que estão ainda muito mais baixos que os seus companheiros da mesma idade.

Além disso, o crescimento rápido vem determinar uma série de outros problemas que são causa, muitas vezes, de conflitos e aborrecimentos domésticos.

O apetite torna-se muitas vêzes extraordinário e o púbere necessita satisfazê-lo constantemente. Se a família mantém hábitos e horários rígidos de alimentação, aí já surgem desajustamentos. É o caso citado por HOLLINGWORTH (1928, p. 9): “Um menino, por exemplo, que crescera seis polegadas no seu décimo quinto ano de vida, sentia tanta fome que necessitava levantar-se à noite e beber grande quantidade de água, sem saber o que lhe estava acontecendo, e achando que êle se sentia bem logo que ficava com o estômago cheio”.

As roupas, os sapatos, pouco tempo depois de comprados, já não servem; ficam muito curtas ou estão apertados... Novamente citando HOLLINGWORTH (l.c., p. 9), “U’a mãe prática e dominante, já desesperada, fazia seu filho dormir de sapatos — “Assim êle certamente poderá usá-los durante algum tempo”.

Muito mais graves, porém, resultam as ansiedades que surgem em consequência do amadurecimento sexual. A menina, quando não preparada pode, na primeira menstruação, sofrer um choque sério, apavorada com o que lhe acontece, inexplicavelmente. Da mesma forma, o menino é suscetível de sofrer profundos distúrbios emotivos, quando aparece a primeira ejaculação seminal.

Entre as transformações biológicas, que se processam nessa época convém destacar: o crescimento em estatura; o crescimento em pêso; as alterações do aparelho circulatório; as alterações do aparelho digestivo; as modificações no sistema nervoso; o aparecimento dos caracteres sexuais secundários (modificação do sistema piloso, transformação da voz, etc.); as modificações anatômicas (o maxilar inferior torna-se mais largo e proeminente; os pés, as mãos e o nariz crescem rapidamente e atingem muito cedo o seu tamanho quase definitivo).

Convém notar ainda que “todo el organismo presenta, en esta etapa de la vida un carácter provisional y el individuo percibe sensaciones cenestésicas y musculares dolorosas, calambres y alternativas de toda suerte” (PIGA l.c., p. 59). Daí resultam as chamadas “dores de crescimento”, as quais os pais e familiares quase sempre desatendem por achá-las sem fundamento. O rápido crescimento experimentado pelo púbere, já criou uma variedade de problemas para êste e para os de casa, de modo que o queixar-se de uma dorzinha aqui, outra lá, carece de importância para os outros na ordem geral dos acontecimentos.

Em nossa sociedade não se busca auxiliar o púbere: insiste-se em considerá-lo como um imaturo, em ridicularizá-lo freqüentemente, e isso vai agravar os seus problemas. Registra-se nessa época uma crise de sociabilidade: é a idade do diário íntimo, das gavetas ciosamente trancadas a chave, do amigo predileto e exclusivo, do sentido de segredo e da privacidade pessoal.

Quando, porém, a sociedade admite essa idade como período distinto, a transição se faz de maneira muito menos abrupta e traumática.

Entre os antigos gregos e romanos existia um período de adolescência, em que o jovem, saído da infância, se preparava para entrar no grupo dos adultos. Na época do feudalismo, um certo tempo de preparação era indispensável para que o jovem pagem fôsse depois armado cavaleiro.

Nas sociedades primitivas, a puberdade assinala geralmente o início de uma nova fase, mas em muitas delas, o amadurecimento sexual não é considerado suficiente por si só para garantir ao indivíduo o status de adulto. COLE (1942, p. 3) afirma: "Há apenas um curto período de puberdade ou tempo de maturidade sexual e então o menino ou menina é admitido na sociedade dos adultos e assume também responsabilidade dêstes. A menina primitiva, que era no ano anterior social e fisicamente, uma criança, é, neste ano, uma mulher casada. O menino que, um ano antes, estava brincando infantilmente nas ruas da aldeia, pode ter passado por uma cerimônia bárbara de iniciação e estar agora caçando, com propósito sincero, o alimento para si mesmo e para sua mulher".

Em muitas sociedades primitivas, são necessárias as cerimônias ou ritos de iniciação, após os quais o menino ou a menina de antes, são admitidos imediatamente no mundo dos adultos, com os mesmos direitos e responsabilidades dêstes. Não desejamos entrar no problema discutido sobre as relações existentes entre gerontocracia e iniciação. Limitamo-nos a transcrever o que, a respeito, nos informa MÜHLMAN (ap. WILLEMS 1938, p. 53): "Todo o poder e toda a autoridade de que gozam os velhos, aparecem da maneira mais convincente, por ocasião das iniciações... Suas atitudes para com os moços são orientadas por uma certa ambivalência. De um lado, êles têm o maior interêsse em conservar e favorecer de todo modo, o tesouro mais precioso da comunidade: a geração nova, garantia da continuidade do grupo. Por isso a iniciação é precedida por uma temporada de reclusão (retiro) durante a qual os jovens vivem longe dos outros, em companhia de um velho que lhes ensina os mistérios, ritos doutrinas e tradições da tribo. Quem pretende ser "iniciado", ser aceito na sociedade dos homens, tem que frequentar essa "escola". De outro lado os velhos querem conservar a posição social conquistada, vigiando, portanto, ciosamente os jovens. Êstes têm que comprar a admissão à sociedade dos adultos, com pesados sacrifícios, têm que sofrer penas, tormentos ou espancamentos, dando provas de coragem. Antes de lhes abrirem as portas da vida dos adultos, os anciãos lhes fazem sentir o seu poder".

Em algumas sociedades primitivas, a iniciação se efetua através de ritos dolorosos ou brutais, pondo à prova a coragem, a força física, a resistência à dor, à fadiga, à fome. BROOKS (l.c., p. 3)

cita exemplos de iniciação dolorosa: “entre alguns australianos, o noviço perdia um ou vários dentes, mesmo que fôsem necessários muitos golpes para arrancá-los; espancamentos, semanas de confinamento com alimentação escassa e repugnante, caracterizavam os ritos de iniciação em certas tribos de índios norte-americanos. Entre algumas tribos brasileiras a núbil era encerrada durante um mês e alimentada a pão e água, depois conduziam-na à presença de seus parentes e amigos, os quais a espancavam até fazê-la perder os sentidos. A cerimônia às vêzes até causava a morte da menina”.

Nem sempre, pois, as cerimônias de iniciação se reservam exclusivamente para o sexo masculino, mas a elas são submetidas também, em muitos povos, as raparigas.

Em outras, a iniciação nada tem de cruel e se caracteriza pela suavidade, poderíamos dizer pelo carinho. BROOKS refere-se aos costumes de uma tribo em Nova Gales do Sul: “Cada menino é colocado a cargo de um dos anciãos, que tôdas as noites o instrui sôbre os deveres e normas que nortearão sua conduta através da vida, conselhos dados de maneira tão afetuosa, paternal e emotiva, que amiúde enternecem o coração do jovem e lhe arrancam lágrimas”. (Ibidem).

Há extrema variação quanto à época, forma e ênfase dessas cerimônias nas diversas sociedades. Os ritos só têm sentido, no entanto, dentro da cultura em que se verificam, perdendo o significado quando isolados para fins de análise.

A iniciação tem um alto alcance educativo: preparar e ensinar o indivíduo para a sua vida de adulto. É nesse sentido, uma escola, pois em muitos povos aí existe a preocupação de transmitir a tradição, e os ensinamentos indispensáveis para a vida no grupo dos adultos. Essa tarefa geralmente não está a cargo dos pais.

Como semelhanças, talvez, dessas práticas primitivas de iniciar o novo ser na vida social da comunidade, ainda perduram em nossa sociedade alguns costumes, como por exemplo, o primeiro baile da juvenzinha, nos meios mais favorecidos.

O menino primitivo, porém, após a iniciação incluía-se definitivamente no grupo adulto e como tal era considerado por todos, e como tal devia agir daí por diante.

Em nossa sociedade, porém, ainda que o adolescente e a adolescente atingida ou ultrapassada já a puberdade, tenham obtido certos privilégios ou direitos de adulto — usar calças compridas ou saltos altos, fumar ou usar pintura, etc. — ainda não são considerados por todos como tal, e revelam em sua maneira de agir, uma dualidade que os mantêm ainda ligados à infância de um lado, e apegados ao mundo dos grandes, de outro. É verdade que a variação entre os adolescentes é imensa, não só considerada através do tempo, como também nos diversos lugares do mundo. Esta é a razão pela qual se pode falar ainda de uma psicologia universal da

adolescência. É necessário que o estudo da adolescência se faça em função do meio social e geográfico. Em apóio dêste ponto de vista, invocamos a MIRA y LOPES (1945, p. 219) que diz: "Sin duda las influencias climáticas y geográficas dejan sentir mucho más su acción en el campo que en la ciudad; por ello interviene también en este ambiente un elemento que casi carece de importancia en la urbe: el paisaje. No es lo mismo vivir entre montañas o cerros, que acotan y amurallan el espacio, que vivir a campo abierto; no es lo mismo desarrollarse y asomarse a la juventud de cara al mar que entre los riscos de un valle seco y agreste". E, além disso, o adolescente urbano e o adolescente rural, o adolescente abastado, o adolescente da burguesia, o adolescente proletário, o adolescente intelectual, o adolescente marginal, (filho de estrangeiros, de imigrantes, de raça diferente, etc.) o adolescente órfão, etc., oferecem tôda uma gama de variações imensas ao estudo. Por aí se compreende bem a complexidade no estudo da Psicologia do Adolescente.

O adolescente vê o mundo de maneira diversa que antes e não dá mesma forma que os grandes. Sente-se realmente diferente, e está de fato diferente. Tem necessidades novas, por vêzes indefiníveis, estranha-se, não compreende o que se passa com êle próprio. Mesmo no meio rural, onde o fenômeno da adolescência não se apresenta com as características determinadas pelas condições da cultura moderna, existe algo que é novo e diferente para o próprio indivíduo. MIRA y LOPES (1945, p. 221) faz uma abordagem tão interessante às peculiaridades da puberdade feminina em relação aos diversos tipos de ambiente, ao falar da púbere rural, diz: "também nessa adolescente se observa a impregnação erótica de sua individualidade, principalmente evidenciável pela oposição de um sentimento de vergonha e tendência a fugir da presença de "forasteiros", aos quais antes olhava com insistente curiosidade". E se assim é, se o próprio adolescente não se compreende, poderão acaso entendê-lo melhor os outros?

Embora nem tudo possa ser ainda esclarecido, há fatôres que contribuem para agravar a crise da adolescência: distúrbios, conflitos, desorganização, super-proteção da família; falta de compreensão e consideração por parte de pais e professôres, ordens, imposições; injustiças; marginalidade (raça, pais estrangeiros, imigrantes, etc.).

Inversamente, tendem a permitir um melhor ajustamento na adolescência: vida familiar tranqüila e agradável, progenitores compreensivos e amigos; vida escolar interessante e sem divórcio dos demais interêsses da vida; professôres competentes e humanos; possibilidade de assumir responsabilidades e tomar decisões, etc.

Os conflitos ocorrem freqüentemente porque os mais velhos, familiares e professôres, não querem admitir ou aceitar que o ado-

lescente se emancipe, consiga bastar-se a si próprio e agir por sua própria conta. Preferem continuar a considerá-lo como um imaturo e lhe fecham as oportunidades de ir-se tornando independente. No entanto, os próprios primitivos reconheciam a necessidade que surge entre os 12 e 20 anos, de libertar-se da supervisão da família e de começar a viver por sua própria conta. HOLLINGWORTH (1945, p. 36). Entenda-se, porém, que libertar-se da família não significa abandonar a casa dos pais, agir desordenadamente, desafiar ou burlar a autoridade, tornar-se insolente, não dar mais conta a ninguém de seus atos. Isso não é emancipação e vem revelar a existência de sérios conflitos que podem ter-se originado em épocas diversas, e surgem agora, inevitavelmente.

A adolescência, conquanto idade difícil, como vimos até agora, não constituía porém um fenômeno de existência universal como atualmente.

“Os bisavós dos adolescentes de hoje saíam da escola, com a idade de doze ou treze anos, iam trabalhar logo após, casavam-se pouco depois dos dezesseis anos e mantinham-se economicamente desde os dezoito anos” (COLE l.c., p. 3).

A crescente complexidade da vida social fêz, porém, que a adolescência passasse, aos poucos a existir para tôdas as classes sociais e para ambos os sexos; e mais ainda: o período de adolescência tende cada vez mais a prolongar-se, pois constitui um período de preparação à vida adulta e essa preparação exige cada vez mais tempo.

“Em verdade, a mocidade doirada sempre gozou de um curto período semelhante em caráter ao da moderna adolescência, mas somente uma criança, dentre vários milhares, pertencia a essa classe. E se essa criança fôsse uma menina, tinha pouca probabilidade de adiar o casamento até muito além da maturidade fisiológica, a menos que entrasse para um convento — refúgio de muitas mulheres que queriam educar-se” (COLE l.c., p. 2).

O progresso, trazendo o uso de maquinárias dispensou o trabalho do imaturo, que antes se utilizava em misteres diversos. E, além disso, determinou a necessidade de preparo especial para o trabalho. Os antigos aprendizes foram escasseando. As escolas profissionais e industriais começaram a surgir. Tornou-se indispensável a preparação para o trabalho na vida adulta, mesmo para as classes mais desfavorecidas economicamente.

Os ideais democráticos, visando dar oportunidade a todos, vieram por sua vez, estender a instrução a tôdas as classes sociais. A vida dificultou-se e também as meninas passaram a perceber os efeitos da crescente complexidade social. A mulher, que antes vivia e se preparava exclusivamente para a vida do lar, passou a receber instrução na escola, a preparar-se para o trabalho fora de casa e a sentir, de perto, problemas que antes eram unicamente masculinos.

Os horizontes ampliaram-se e os adolescentes passaram a sentir dúvidas estranhas: desejam e anseiam por uma explicação da vida e do universo. E que lugar lhes cabe? Daí, muitas véses, as crises de religiosidade nessa época (3). É preciso que se efetue uma revisão dos valores e atitudes da infância. É o adolescente busca, em meio de um caos, encontrar-se a si mesmo.

Esse tumulto tende a acalmar-se através dos anos adolescentes e o indivíduo atinge a maturidade, a idade de relativa estabilidade, quando conseguiu obter uma explicação da vida e do universo que o satisfaça. Nem sempre o consegue, porém; alguns passam a vida buscando-a inútilmente. Serão, nesse setor, sempre adolescentes.

Socialmente, atinge a idade adulta aquêle que conseguiu sua independência econômica, definida geralmente pela profissão exercida.

É também um dos característicos de adulto ter definida a sua vocação ou determinação quanto ao seu estado civil.

A adolescência encerra-se, portanto, quando o indivíduo emerge daquele estado de dúvidas, inquietações, buscas e ansiedades que o caracterizaram nesses anos de transição.

(3) A respeito da vida religiosa na adolescência é interessante citar a obra de STARBUCK, E. D., *Psychology of religion*, Scribners, N. Y. 1899 e a tese de HILLERY, M. P. *The religious life of Adolescent girls. The Catholic University of America, Washington, 1937.*

A VIDA EMOCIONAL E SUA SIGNIFICAÇÃO, PRINCIPALMENTE DURANTE A ADOLESCÊNCIA

A importância e significação profunda da emoção sobre a personalidade está sendo reconhecida cada vez mais nos estudos psicológicos modernos. No parecer de ZACHRY (1940, p. 5) “A emoção... é intrínseca a toda a experiência, é um fator em toda a conduta. A emoção assim amplamente concebida, está fundida com o pensamento — na sua maior parte, harmoniosamente — no indivíduo saudável, normal...”

Que se poderá, no entanto, considerar como sendo emoção? Deparamos aqui com dificuldades: não é tão simples conceituar a emoção, explicar com clareza o que seja a vida emocional, o comportamento emotivo. Aliás, o termo **emoção** tem sido empregado com um grande número de significados diferentes”, como nota BROOKS (1937, p. 276) o que revela a complexidade que este aspecto do comportamento apresenta realmente.

Não há sequer acôrdo sobre o início do comportamento emocional: que emoções apresenta o recém-nascido?

Para WATSON (1917, p. 163) há três padrões primitivos: cólera, medo e amor; para TING (1948, p. 71) existem dois tipos gerais de reação emotiva no recém-nascido: a reação de agrado ou satisfação e a de desagradado ou de descontentamento; para BRIDGES (1932, p. 340) existe um padrão único inicial, traduzido por excitação.

Mesmo uma classificação das emoções oferece dificuldade e daí a variação existente nos livros e artigos sobre o assunto.

ALLPORT (1924, cap. IV) divide as emoções em: agradáveis e desagradáveis, as últimas incluindo o desgosto, o medo, a cólera, o pesar, e as primeiras, a elação, a alegria, o amor.

O acôrdo parece existir, no entanto, quanto ao desenvolvimento emocional, tanto assim que, aquilo que causa emoção e o que faz o indivíduo quando emocionado, podem servir especificamente como índice de avaliação de sua maturidade emocional e do equilíbrio de sua personalidade, em geral. Não convém esquecer, porém, que para empreender um estudo dessa natureza, é preciso ater-se às condições do meio a que pertencem os indivíduos investigados, já que muito do que existe no campo emocional sofre a influência direta da cultura, pela desaprovação ou inadequação social (MEAD, 1945, p. 130).

Existem dois fatores no desenvolvimento dos padrões emocionais: a maturação e a aprendizagem. Vários trabalhos de investigação têm abordado este assunto. GOODENOUGH (1932, p. 328) cita o caso de uma menina de dez anos, cega e surda, que reagia muito de acordo com as descrições clássicas do comportamento emocional: as suas reações de cólera, por exemplo, eram muito semelhantes às dos indivíduos que vêem e ouvem.

No entanto, há manifestações de emoção que parecem contraditórias como o pranto que pode, em vez de significar tristeza, ser às vezes, sinal de grande alegria. E pode ser ainda uma forma de linguagem, como no caso da criança que ao cair ou machucar-se só chora se há alguém perto para acudir-lá ou acariciá-la. A expressão da emoção, como nota KLINEBERG (1946, p. 48) pode ser considerada, em vários casos, como uma forma de linguagem.

É na adolescência que a vida emocional ganha em intensidade e daí a imensa importância que o estudo das emoções assume nesse período. "A caracterização do adolescente culmina na sua emotividade", como afirma BRIQUET (1933, p. 47).

O desenvolvimento emocional que tem lugar na adolescência é, porém, continuação do que se vem processando desde os primeiros anos de vida. Se as condições anteriores foram favoráveis, o adolescente terá maiores probabilidades para um bom desenvolvimento emocional e, portanto, para um equilíbrio emocional também melhor.

A vida em nossa sociedade oferece condições diversas que se refletem evidentemente sobre o ajustamento emocional. BROOKS (1948, p. 234) referindo-se a este assunto diz o seguinte: "acreditamos que a maior frequência com que se apresentam distúrbios emocionais nas meninas que nos meninos é devido, em parte, às diferenças do ambiente. O costume proporciona ao menino maior liberdade, menos "não pode fazer isso" e mais oportunidade para auto-expressão multilateral e ativa".

O estudo da emoção deve pois levar em consideração as variações determinadas pelo meio para que os resultados obtidos possam ser considerados válidos.

Não é, no entanto, tarefa simples um estudo das emoções, pois "como a eletricidade elas são essencialmente "fôrças" que devem ser estudadas através de seus efeitos" (SAUL 1947, p. 17).

E quais são esses efeitos? Como se apresentam? Existem algumas emoções mais intensas, de que se reconhecem mais facilmente as manifestações e que têm lugar, constantemente, na vida diária, principalmente do adolescente: a cólera, o medo e o afeto.

A cólera geralmente é provocada por frustrações, que existem em graus diferentes para todos os indivíduos: somos seres cuja bagagem de frustrações é bem grande.

O medo é geralmente despertado pelo sentimento de insegurança.

O afeto é básico na vida individual, pois que as conseqüências da falta de afeição ou da afeição demasiada refletem-se poderosamente sobre a vida toda do indivíduo.

As emoções têm naturalmente a sua razão de ser. Na cólera, o indivíduo ao reagir, está na realidade libertando-se de algo, pois que uma explosão de cólera traz à tona, geralmente, as frustrações que a provocam; os motivos reais e profundos surgem com facilidade. O medo tem também sua função: salvaguardar de perigos. É verdade que o medo elevado ao extremo constitui, porém, frequentemente um sério obstáculo para escapar da situação perigosa.

O afeto por sua vez é de capital importância, pois das manifestações de amor, de carinho recebidas, principalmente nos primeiros anos de vida, depende muito a personalidade que se vai desenvolvendo: daí a grande significação da infância na vida de cada um de nós.

A emoção desempenha, como vemos, um papel saliente em tudo o que fazemos, “influencia profundamente, e de maneiras muito diversas a vida humana; portanto, compreender a natureza das diferentes emoções é um assunto de grande importância prática” (YOUNG 1946, p. 17).

E como essa importância se amplia durante a adolescência, o estudo das emoções durante esse período da vida oferece interesse ainda maior. Lembrando ainda que o meio influi sobre a vida emocional de maneira indiscutível, e que a adolescência coincide atualmente com um período de escolaridade que vai se estendendo a todas as classes sociais, por que não buscar investigar a influência que a escola possa ter sobre o adolescente e, notadamente, sobre sua vida emocional?

Daí vem a razão de ser da presente investigação: estudar as emoções de afeto, cólera e medo dos adolescentes de escola secundária, em nosso meio.

TABELA XX: A AFEIÇÃO DOS FAMILIARES EM GERAL, DESEJADA PELOS ADOLESCENTES.
DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS E IDADES

AFETOS DESEJADOS	A D E S											SEXO					
												MASCULINO			FEMININO		
	11	12	13	14	15	17	18	19	20	21	22						
ABS.	4	9	20	24	13	8	2	2	5	1							
%	100.0	42.8	66.7	48.9	46.4	9	10.0	22.2	50.0	1							
Total Geral Respostas	4	21	30	49	28	31	20	9	10	3							
ABS.	1	12	17	20	25	25	5	5	1	1							
%	100.0	66.7	87.5	44.4	41.5	9	20.8	45.5	25.0	33.3							
Total Geral Respostas	1	18	40	45	60	75	24	11	4	3							

FAMILIARES
(IRMÃOS, AVÓS E DEMAIS MEM-
BROS DA FAMÍLIA.)

A POPULAÇÃO INVESTIGADA

I.

ESCOLHA DA POPULAÇÃO

A fim de que os resultados desta investigação não se aplicassem apenas a um grupo reduzido de adolescentes, este estudo foi realizado entre um grande número de alunos de curso secundário (ginásio e colégio) desta Capital.

Com exceção do único estabelecimento oficial exclusivamente para o sexo feminino e de outro onde a aplicação não foi permitida pelo seu dirigente, os questionários abrangeram todos os demais estabelecimentos oficiais, em seus cursos diurnos. Não se incluíram na presente investigação os cursos noturnos, pois nestes a composição da população não é a mesma; são indivíduos que não podem ser considerados como adolescentes porque já trabalham e se estão estudando é para melhorar a sua situação e não apenas para se prepararem para uma situação futura, como é o caso dos adolescentes em geral. Houve uma série de dificuldades na fase de aplicação, o que impossibilitou que se obtivesse um total maior do que o conseguido. A aplicação dos questionários fêz-se numa época difícil, pois, coincidindo com as comemorações cívicas da Semana da Pátria e havendo nessa época grande falta de água devido à seca, registrou-se um número bem grande de faltas dos alunos. A isto se acrescentou ainda, o fato de não se poder aplicar os questionários nas classes onde os alunos estavam realizando sabatinas ou provas mensais.

O número total de questionários respondidos aproveitados foi de 3.025; foram anulados os que se apresentavam incompletos na parte de dados indispensáveis (sexo, data de nascimento). Estes exemplares não entraram no total para a escolha da amostra. Convém notar ainda, que num dos estabelecimentos a maioria dos alunos devolveu os questionários em branco, ou se negou inicialmente a respondê-los.

ESCOLHA DA AMOSTRA REPRESENTATIVA

Para economia de ação, de acôrdo com os modernos princípios da pesquisa psicológica, em lugar de explorar a população total de

questionários, escolhemos uma amostra representativa segundo a tabela de números ao acaso de FISHER e YATES (1943).

Assim, do número total de casos, extraímos uma amostra correspondente a um quinto da população total, ou sejam 605 questionários. A amostra corresponde a 20% do número total de questionários obtidos. Esse número é exatamente o dôbro do número da amostra que CHADDOCK (1925, p. 387) tomou várias vezes de um total de 1.000 casos e que representava bem a população total.

Na amostra que se consegue através da seleção dos indivíduos ao acaso, todos os componentes do grupo que constituem a população, têm a mesma oportunidade de serem sorteados, de modo que o resultado do sorteio nos deve oferecer um grupo que, sendo menor em tamanho, tenha os mesmos característicos e propriedades da população considerada em sua forma mais ampla.

II.

ESTUDO DA POPULAÇÃO

A população obtida na amostra, escolhida ao acaso, pela tabela de FISHER e YATES, apresenta-se com ligeira superioridade da população feminina. Os dois totais são porém suficientes para permitir estudo e comparação entre ambos, pois a diferença entre eles é de apenas 6%, como se pode observar na tabela I.

DISTRIBUIÇÃO POR CURSOS E SÉRIES

Na distribuição por séries ginasiais e colegiais, a população escolar apresenta-se com a forma de cone, com base nas primeiras séries e diminuindo através dos anos escolares. Na pesquisa realizada pelo Prof. Milton da Silva Rodrigues (1948, p. 13) verifica-se o mesmo fato: decréscimo da população escolar através das séries do curso secundário. Na presente investigação, a distribuição por cursos e séries se encontra na tabela II.

DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS E IDADES

Encontramos no ginásio predominância de alunos de 13, 14, 15 e 16 anos, cujas idades se enquadram perfeitamente dentro do período considerado por muitas autoridades como sendo a fase da adolescência, o mesmo se aplicando ao colégio onde a maior frequência ocorre aos 16, 17 e 18 anos.

A distribuição por idades no curso ginasial e colegial pode ser apreciada nas tabelas III e IV e na representação gráfica das mesmas (figuras 1 e 2).

DISTRIBUIÇÃO POR IDADES, CURSOS E SÉRIES

Nas várias séries do curso secundário, a população estudada apresenta-se mais freqüente nas primeiras séries e diminuindo nas últimas; abrange alunos de 11 a 22 anos, portanto alunos em adolescência, em sua maioria, já que nas idades de 11, 20, 21 e 22 anos limites iniciais e finais do período, segundo grande número de autores, o total é muito reduzido.

A distribuição dos alunos do curso secundário por séries, sexos e idades encontra-se nas tabelas V e VI.

TABELA I: Distribuição por sexos

POPULAÇÃO INVESTIGADA	Frequência absoluta	Frequência relativa
Sexo masculino	283	47%
Sexo feminino	322	53%
TOTAL	605	100%

TABELA II: Distribuição por cursos e séries

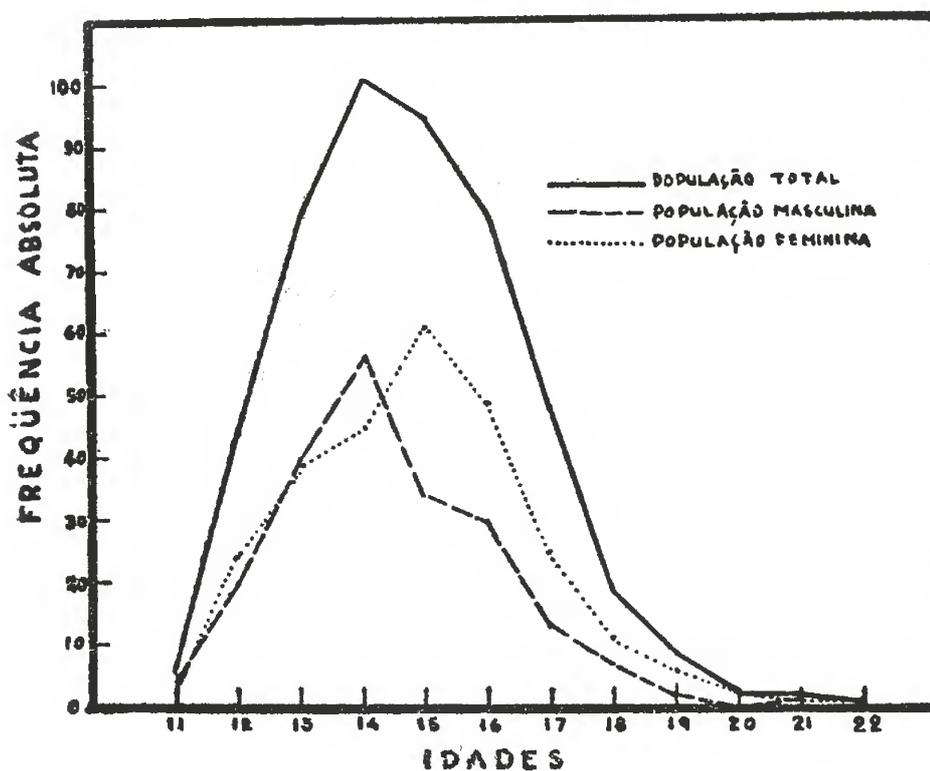
CURSO E SÉRIE	Sexo masculino	Sexo feminino	TOTAL
1.ª série ginásial	67	90	157
2.ª série ginásial	66	52	118
3.ª série ginásial	48	60	108
4.ª série ginásial	26	64	90
1.ª série colegial	30	32	62
2.ª série colegial	31	12	43
3.ª série colegial	15	12	27
TOTAL	283	322	605

DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS E IDADES NO CURSO GINASIAL

TABELA III

IDADES	Sexo Masc.	Sexo Fem.	TOTAL
11	4	2	6
12	20	24	44
13	40	39	79
14	56	45	101
15	34	61	95
16	30	49	79
17	13	25	38
18	7	11	18
19	2	6	8
20		2	2
21	1	1	2
22		1	1
TOTAL	207	266	473

FIGURA 1



DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS E IDADES NO CURSO COLEGIAL

TABELA IV

IDADES	Sexo Masc.	Sexo Fem.	TOTAL
15		2	2
16	10	19	29
17	23	9	32
18	16	12	28
19	12	6	18
20	11	4	15
21	2	3	5
22	2	1	3
TOTAL	76	56	132

FIGURA 2

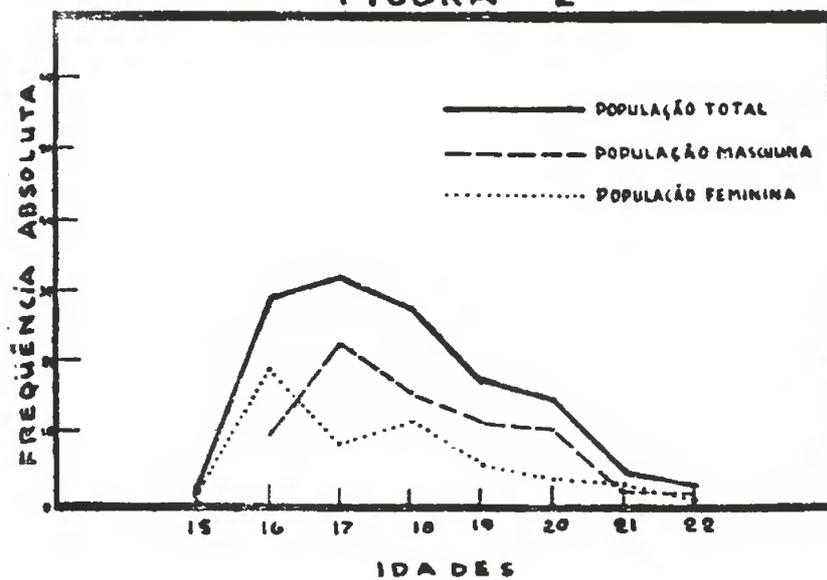


TABELA V: Distribuição por séries, sexos e idades, no curso ginasial

IDADES	1.º ginasial			2.º ginasial			3.º ginasial			4.º ginasial		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
11	4	2	6									
12	19	21	40	1	3	4						
13	19	30	49	16	9	25	5		5			
14	17	14	31	27	13	40	11	13	24	1	5	6
15	3	15	18	11	10	21	15	16	31	5	20	25
16	4	3	7	8	12	20	9	15	24	9	19	28
17	1	4	5	2	3	5	5	9	14	5	9	14
18				1		1	2	4	6	4	7	11
19		1	1		1	1	1	2	3	1	2	3
20								1	1		1	1
21										1	1	2
22					1	1						
TOTAL	67	90	157	68	52	118	48	60	108	26	64	90

TABELA VI: Distribuição por séries, sexos e idades no curso colegial

IDADES	1.º colegial			2.º colegial			3.º colegial		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
15		2	2						
16	10	19	29						
17	12	5	17	9	4	13	2		2
18	6	2	8	6	3	9	4	7	11
19	1	3	4	6		6	5	3	8
20	1		1	7	2	9	3	2	5
21				2	3	5			
22		1	1	1		1	1		1
TOTAL	30	32	62	31	12	43	15	12	27

O M É T O D O

O problema do método para uma pesquisa com adolescentes apresentava-se bastante complexo. Aliás as dificuldades existentes para o estudo nesse campo já têm sido percebidas por muitos investigadores. DEBESSE (1948, p. 15) falando sobre esse problema, comenta: "Rappelons simplement que l'adolescence est un âge fermé, volontiers secret, qui se dérobe aux questions ou fournit des réponses sujettes à caution; qu'elle est aussi un âge changeant, dont le comportement peut déconcerter l'observateur averti, et qu'enfin, elle s'illusionne volontiers sur elle. Ces difficultés sont déjà sensibles dans l'ouvrage de Stanley Hall".

CHARLOTTE BÜHLER (1947, p. 26) referindo-se aos problemas metodológicos do estudo da psicologia da juventude, faz notar claramente que — o estudo da idade juvenil tropeça com dificuldades particulares e que não se encontram na investigação do desenvolvimento infantil, nem no estudo dos indivíduos adultos. São dificuldades de consecução do material, inerentes a essa idade. Pode-se observar o comportamento de uma criança sem que esta se perturbe muito em seu modo de agir, se se procede com habilidade. Mas é muito difícil observar o adolescente, pois que este não tarda em notar a atenção que nele se fixa, ainda que muito dissimulada, e seu modo de agir se desvia do material, quando se vê observado. Com o adulto, de outro lado, pode-se conversar sobre experiências e, se se adota um método adequado, obter dele informações fidedignas sobre processos anteriores. O adolescente admite perguntas só de má vontade e, ainda que tenha a melhor intenção, pode dar respostas somente parcialmente objetivas —. E recomenda o estudo de "diários", porque aí o adolescente fala, voluntariamente de suas experiências, menos inibido que diante de uma pessoa, e com a intenção de ser sincero" (ibidem p. 17). Mas existem desvantagens no emprêgo desse método: pode o diário "estar turvado, como tôdas as produções da idade juvenil, pelo narcisismo" (ibidem, p. 17). E poderíamos acrescentar a dificuldade de se obter um número suficiente de diários para estudo. Nem todos estão dispostos a ceder o seu.

Seria possível usar o método da observação direta, mas também aí a soma de problemas seria muito grande, pois que não só seria lento o processo como também exigiria do observador muita prática nessa técnica.

Conviria lembrar aqui, falando de métodos, o que nos diz PIGA (l.c., p. 55): “Por lo demás, hay que agregar que, mientras la vida se manifiesta tal cual es, cuando fluye sin provocación, la la reacción de un individuo suele aparecer desfigurada bajo un estímulo o un experimento. En Psicología, mas que en ninguna otra ciencia, un método no es bueno ni malo, pero resulta una y otra cosa, cuando se pretende aplicar a uma determinada circunstancia sin mayor análisis y crítica severa”.

Temos também a considerar que a finalidade da investigação determina em grande parte a escolha do método. O estudo de um caso irá requerer o concurso de várias técnicas sucessivas ou concomitantes, cujos resultados serão depois comparados e correlacionados; é diferente no entanto a investigação que se propõe esclarecer algum aspecto ou aspectos da vida psíquica; aí nem sempre são utilizáveis tôdas as técnicas psicológicas.

No caso da presente investigação, tínhamos em mira o conhecimento do adolescente sob o prisma de algumas de suas reações emocionais. Nosso objetivo era um estudo das emoções de afeto, cólera e medo dos adolescentes de escola secundária, em nosso meio. Não interessava o conhecimento de cada adolescente como um ser à parte, mas sim das reações comuns aos adolescentes que freqüentam as nossas escolas secundárias. O tratamento que, via de regra, se busca dar ao adolescente na escola secundária é antes de caráter coletivo. Interessava conhecer, portanto, o fenômeno em seus aspectos de maior intensidade e não de peculiaridades individuais.

O questionário, um dos processos do método de inquérito, permitia investigar um grande número de indivíduos sem as limitações dos métodos pelos quais cada indivíduo é estudado separadamente.

Aliás, cumpre-nos dizer, êste método foi utilizado pela Professora Noemy da Silveira Rudolfer em uma pesquisa sobre Cólera, levada a efeito com adolescentes do sexo feminino, no Paraguai, onde esteve em missão do Govêrno brasileiro.

Muitas pesquisas no campo da Psicologia Educacional têm sido realizadas com a utilização de questionários, com resultados satisfatórios quanto à validade que apresentam.

Os questionários são, no dizer de SYMONDS (1931, p. 122) “instrumentos de pesquisa de grande valor”, e para o fim que tínhamos em vista apresentavam-se como o método mais indicado.

Um dos inconvenientes que se apontam a êste processo é o de que os dados impressos podem limitar ou sugerir a resposta; no caso dêste trabalho, porém, o questionário permitia respostas inteiramente livres e fornecia amplo espaço para as mesmas. Outro inconveniente apontado geralmente, refere-se à dificuldade no estudo das respostas quando estas não têm qualquer limitação; nas pesquisas preliminares já havíamos verificado, no entanto, que era per-

feitamente possível agrupar as respostas em um determinado número de categorias, sem grandes dificuldades.

Convém, entretanto, ressaltar também os méritos que apresentam os questionários: podem ser aplicados em um grande número de indivíduos, com facilidade e rapidez; não exigem investigadores treinados na técnica de pesquisas psicológicas e nem local especial para a aplicação.

Construído o questionário de acôrdo com os requisitos necessários à sua simplicidade e clareza, experimentados os seus resultados em pesquisa prévia, preparatória à investigação definitiva, temos à disposição um meio que tem sido freqüentemente empregado em varios setôres dos estudos psicológicos, com resultados apreciáveis.

O questionário por nós utilizado foi construído de maneira a ser simples e claro e foi aplicado várias vêzes experimentalmente sofrendo modificações até que se tornasse facilmente compreensível dos adolescentes. Um exemplar dêsse questionário encontra-se em anexo, na parte final dêste trabalho.

TRATAMENTO DOS DADOS

Foram os questionários que contituíam a amostra obtida, agrupados de acôrdo com o sexo e a idade dos alunos.

A idade cronológica foi calculada em meses, a partir da data do nascimento: os anos foram contados abrangendo seis meses antes de completar uma idade, até cinco meses depois desta completada. Os dias do mês foram contados também de dezesseis dias de um mês até quinze dias do mês seguinte.

As respostas, nas três partes da pesquisa, foram primeiramente agrupadas em categorias; depois foram estas codificadas para facilitar a tarefa, dando-se um número a cada uma, número êsse que figura em cada uma das respostas abrangidas nos questionários. A seguir procedeu-se à tabulação das respostas. Agrupados depois os resultados em tabelas, além da freqüência absoluta, procedeu-se ao cálculo da freqüência relativa aos totais parciais e gerais.

Com exceção da primeira parte da pesquisa sôbre afeto, tôdas as demais admitiam mais de uma classificação, visto que o que se perguntava permitia que fôsem dadas quantas respostas se desejassem.

Não se aproveitaram no presente estudo os dados referentes à profissão dos pais, visto haver um grande número de casos em que não se conseguia identificar ou classificar a profissão citada, como por exemplo "funcionário público" e outras em que o aluno não respondia a essa pergunta.

Os dados referentes a progenitores falecidos e posição na série de irmãos foram utilizados na 2.^a parte da pesquisa sôbre afeição.

As folhas de classificação, que constam em anexo na parte final dêste trabalho, foram construídas no decorrer das três pesquisas experimentais, realizadas em 1947, 1948 e 1949, sob nossa direção, pelos alunos da cadeira de Psicologia Educacional e sofreram algumas modificações para serem utilizadas agora. Os dados obtidos nessas pesquisas não foram, porém, utilizados no presente estudo.

A F E I Ç Ã O

I.ª PARTE

“De que pessoas você gostou mais em sua vida?”

Ainda que a pergunta só se referisse a pessoas de quem gostou, houve respostas referentes a animais e coisas, como objeto de afeto; não se tratando de respostas sem nexos ou incompreensíveis foram incluídas em uma categoria de classificação geral.

AUSÊNCIA DE RESPOSTA

O maior total de ausência de resposta encontra-se nas primeiras idades e daí vai decrescendo até a idade de 11 a 15 anos para elevar-se rapidamente dessa idade em diante. Talvez, porque a pergunta se refira a pessoas de quem gostou, alguns tenham entendido que os afetos atuais não deveriam ser citados, e assim se explicariam os totais mais elevados de ausência de resposta nas idades de 15 anos em diante, que abrangem a parte predominante dos adolescentes, objeto deste estudo. (Vide Tabelas VII, VIII e IX). Isto não se havia verificado, porém, na pesquisa preliminar feita no ano anterior.

É maior, entre os indivíduos do sexo masculino, a porcentagem de ausência de resposta em todas as idades, exceto de 15 a 18 em que são levemente superados pelos do sexo feminino.

AFETOS RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

Através dos resultados a que chegamos na presente investigação (vide tabela X) verifica-se que os pais representam o objeto principal de afeto, com predominância nas primeiras idades e decrescendo à medida que passam os anos. Quando um só progenitor é citado é a mãe a quem preferem.

O afeto por familiares inicia-se um pouco mais tarde e aumenta com a idade.

O namorado (a) começa a ser realmente objeto de afeição na idade de 11 a 15 anos, aumentando rapidamente daí para diante.

No entanto, o querer ao namorado não significa deixar de querer à família, tanto que, várias vèzes, familiares e namorado são citados juntos.

Os amigos, vizinhos ou conhecidos são pouco citados e menos ainda o são professôres e empregados.

Com freqüência muito reduzida e, portanto, de pouco interêsse para possibilitar referências em conclusões são as seguintes respostas: “todos”, “ninguém”, “eu mesmo” e “pessoas já falecidas”.

O número de respostas sem nexos ou incompreensíveis é muito pequeno.

As respostas “não sei” ou “não me lembro” atingem o seu máximo na idade de 0 a 2 anos, e decrescem rapidamente até a idade de 11 a 15 anos, onde se encontram apenas duas dessas respostas.

Consideremos agora pormenorizadamente cada um dos principais afetos relatados pelos adolescentes, comparando os resultados apresentados, de acôrdo com os sexos e dentro de cada nível de idade.

Embora apresentemos os resultados parciais e totais em tôdas as idades não analisaremos neste estudo os que se referem à idade de 18 anos em diante, visto ser muito reduzido o número de indivíduos que aí se incluem.

PROGENITORES

São as pessoas a quem mais se ama na vida, sendo êsse afeto muito mais intenso nos primeiros anos e decrescendo à medida que se avança em idade.

Em ambos os sexos o fenômeno se processa semelhantemente, sendo as curvas de freqüência relativa obtidas, muito parecidas quanto à sua orientação geral.

Quando são citados os dois progenitores, os indivíduos do sexo feminino superam os do sexo masculino até a idade de 7 a 10 anos, quando êstes, daí por diante, passam a manter freqüência mais elevada, como se pode observar na figura 3. Em ambos os sexos o ponto máximo da curva situa-se na idade de 2 a 4 anos.

Sempre que um só dos progenitores é citado, os indivíduos do sexo masculino apresentam porcentagem mais alta, em tôdas as idades, conforme se verifica nas figuras 4 e 5, mas para ambos os sexos a mãe continua sendo objeto de maior afeto do que o pai. Êste, apesar da pequena freqüência obtida quando citado isoladamente, é mais indicado pelos filhos na idade de 4 a 6 anos, e pelas filhas na idade de 2 a 4 anos. A mãe no entanto, é citada com total mais elevado na idade de 0 a 2 anos tanto pelos indivíduos de um como de outro sexo.

AUSENCIA DE RESPOSTA À PERGUNTA: "DE QUE PESSOAS VOCE GOSTOU MAIS EM SUA VIDA?"

TABELA VII - Sexo masculino

AFETOS CITADOS	I D A D E S																	
	0 a 2		2 a 4		4 a 6		7 a 10		11 a 14		15 a 18		18 em diante		Total			
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%		
Ausência de respostas	47	16,6	46	16,2	34	12,0	48	9,8	25	8,8	35	26,3	11	39,7	226	14,2		
Respostas obtidas	286	83,4	237	83,8	249	88,0	255	90,2	258	91,2	98	73,7	26	70,3	1359	85,8		
T O T A L	283	100,0	283	100,0	283	100,0	283	100,0	283	100,0	133	100,0	37	100,0	1585	100,0		

TABELA VIII - Sexo feminino

AFETOS CITADOS	I D A D E S																	
	0 a 2		2 a 4		4 a 6		7 a 10		11 a 14		15 a 18		18 em diante		Total			
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%		
Ausência de respostas	32	9,9	19	5,9	13	4,0	8	2,4	11	3,4	74	39,3	11	31,4	168	9,1		
Respostas obtidas	290	90,1	303	94,1	309	96,0	314	97,6	311	96,6	114	60,7	24	68,6	1665	90,9		
T O T A L	322	100,0	322	100,0	322	100,0	322	100,0	322	100,0	188	100,0	35	100,0	1835	100,0		

TABELA IX - Total geral

AFETOS CITADOS	I D A D E S																	
	0 a 2		2 a 4		4 a 6		7 a 10		11 a 14		15 a 18		18 em diante		Total			
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%		
Ausência de respostas	79	13,0	65	10,7	47	7,7	36	5,9	36	5,9	109	33,9	22	30,5	394	11,5		
Respostas obtidas	526	87,0	540	89,3	558	92,3	569	94,1	569	94,1	212	66,1	50	69,5	3024	88,5		
T O T A L	605	100,0	605	100,0	605	100,0	605	100,0	605	100,0	321	100,0	72	100,0	3418	100,0		

TABELA X: AFETOS R

AFETOS CITADOS	0 A 2 ANOS						2 A 4 ANOS						4 A 6 ANOS					
	MASC.		FEM.		TOTAL		MASC.		FEM.		TOTAL		MASC.		FEM.		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
Pais	53	22.46	96	33.10	149	33.27	82	34.60	87	28.72	169	31.30	70	28.11	70	22.65	140	25.09
Mãe	79	33.47	53	18.27	132	20.16	38	16.04	38	12.54	76	14.07	28	11.25	30	9.71	58	10.39
Pai	7	2.97	5	1.73	12	2.28	7	2.95	715	23.64	18	33.33	12	4.82	9	2.91	21	3.76
Pais e Irmãos	5	2.12	25	8.62	30	5.70	10	4.22	40	13.20	50	9.26	17	6.83	38	12.30	55	9.86
Pais e Avós	7	2.97	12	4.14	19	3.61	7	2.95	17	5.61	24	4.44	7	2.81	17	5.50	24	4.30
Pais e outros parentes	13	5.51	17	5.86	30	5.70	20	8.44	36	11.88	56	10.37	25	10.04	44	14.24	69	12.37
Familiares	22	9.32	15	5.17	37	7.04	37	15.61	28	9.24	65	12.04	58	23.29	38	12.30	96	17.20
Familiares e outras pessoas.	3	1.27	7	2.41	10	1.90	9	3.80	9	2.97	18	3.33	15	6.03	19	6.15	34	6.09
Familiares e Namorado (A)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0.32	1	0.18
Namorado (A) ou Noivo (A)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0.40	—	—	1	0.18
Amigos, conhecidos	—	—	2	0.69	2	0.38	4	1.69	5	1.65	9	1.67	7	2.81	15	4.86	22	3.94
Professores	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	1.30	4	0.72
Empregados	3	1.27	1	0.35	4	0.76	1	0.42	—	—	1	0.19	—	—	2	0.65	2	0.36
Todos	1	0.42	—	—	1	0.19	1	0.42	—	—	1	0.19	1	0.40	—	—	1	0.18
Ninguém	2	0.85	—	—	2	0.38	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Eu mesmo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0.40	—	—	1	0.18
Pessoas já falecidas	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Animais	—	—	—	—	—	—	—	—	3	0.99	3	0.55	1	0.40	1	0.32	2	0.36
Objetos, brinquedos	1	0.42	1	0.35	2	0.38	—	—	1	0.33	1	0.19	—	—	3	0.97	3	0.54
Não sei, não me lembro	37	15.68	54	18.62	91	17.30	20	8.44	26	8.58	46	8.52	5	2.01	17	5.50	22	3.94
Respostas sem nexo	3	1.27	2	0.69	5	0.95	1	0.42	2	0.66	3	0.55	1	0.40	1	0.32	2	0.36
TOTAL	236	100.00	290	100.00	526	100.00	237	100.00	303	100.00	540	100.00	249	100.00	309	100.00	558	100.00

LA X: AFETOS RELATADOS PELOS ADOLESCENTES EM RESPOSTA À PERGUNTA: "DE QUE PESSOAS VOCÊ GOSTOU MAIS EM SUA VIDA

TOTAL		7 A 10 ANOS				11 A 15 ANOS				15 A 18 ANOS				TOTAL		M				
ABS.	%	MASC.		FEM.		TOTAL	MASC.		FEM.		TOTAL	MASC.		FEM.		TOTAL	ABS.	%		
		ABS.	%	ABS.	%		ABS.	%	ABS.	%		ABS.	%	ABS.	%				ABS.	%
140	25.09	64	25.10	59	18.79	123	21.62	51	19.77	33	10.61	84	14.76	11	11.23	9	7.89	20	9.44	4
58	10.39	28	0.98	27	8.60	55	9.67	26	10.08	18	5.79	44	7.73	8	8.16	8	7.02	16	7.55	2
21	3.76	7	2.75	8	2.55	15	2.64	6	2.33	6	1.93	12	2.11	1	1.02	1	0.88	2	0.94	—
55	9.86	22	8.63	42	13.37	64	11.25	17	6.59	24	7.72	41	7.21	5	5.10	5	4.39	10	4.72	1
24	4.30	5	1.96	7	2.23	12	2.11	1	0.38	3	0.96	4	0.70	—	—	1	0.88	1	0.47	1
69	12.37	30	11.77	48	15.28	78	13.71	20	7.76	25	8.04	45	7.91	7	7.14	7	6.14	14	6.60	5
96	17.20	46	18.04	39	12.42	85	14.94	27	10.47	25	8.04	52	9.13	6	6.12	7	6.14	13	6.13	—
34	6.09	18	7.06	43	13.69	61	10.73	20	7.76	55	17.61	75	13.18	8	8.16	15	13.16	23	10.85	4
1	0.18	2	0.78	2	0.64	4	0.70	26	10.08	23	7.40	49	8.61	16	16.33	28	24.56	44	20.76	5
1	0.18	5	1.96	2	0.64	7	1.23	42	16.28	62	19.94	104	18.28	21	21.43	27	23.68	48	22.64	3
22	3.94	12	4.71	18	5.73	30	5.27	16	6.20	25	8.04	41	7.21	9	9.19	6	5.26	15	7.08	—
4	0.72	2	0.78	6	1.91	8	1.40	2	0.78	4	1.20	6	1.05	—	—	—	—	—	—	—
2	0.36	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1	0.18	2	0.78	2	0.64	4	0.70	1	0.38	2	0.64	3	0.53	2	2.04	—	—	2	0.94	—
—	—	1	0.39	—	—	1	0.17	—	—	—	—	—	—	2	2.04	—	—	2	0.94	—
1	0.18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	0.36	1	0.39	1	0.32	2	0.35	—	—	1	0.32	1	0.18	—	—	—	—	—	—	—
3	0.54	5	1.96	2	0.64	7	1.23	1	0.38	1	0.32	2	0.35	1	1.02	—	—	1	0.47	—
22	3.94	3	1.18	6	1.91	9	1.58	1	0.38	1	0.32	2	0.35	—	—	—	—	—	—	—
2	0.36	2	0.78	2	0.64	4	0.70	1	0.38	2	0.64	3	0.53	1	1.02	—	—	1	0.47	1
558	100.00	255	100.00	314	100.00	569	100.00	258	100.00	311	100.00	569	100.00	98	100.00	114	100.00	212	100.00	26

15 A 18 ANOS				18 ANOS EM DIANTE								T O T A L			
FEM.		TOTAL		MASC.		FEM.		TOTAL		MASC.		FEM.		TOTAL	
ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
9	7.89	20	9.44	4	15.38	—	—	4	8.0	361	26.56	354	21.26	—	—
8	7.02	16	7.55	2	7.69	1	4.17	3	6.0	183	13.47	175	10.51	358	11.84
1	0.88	2	0.94	—	—	—	—	—	—	40	2.94	40	2.40	80	2.65
5	4.39	10	4.72	1	3.85	2	8.33	3	6.0	77	5.67	176	10.57	253	8.37
1	0.88	1	0.47	1	3.85	—	—	1	2.0	28	2.06	57	3.42	85	2.81
7	6.14	14	6.60	5	19.23	4	16.66	9	18.0	120	8.83	181	10.87	301	9.95
7	6.14	13	6.13	—	—	1	4.17	1	2.0	196	14.42	153	9.90	349	11.54
15	13.16	23	10.85	4	15.38	1	4.17	5	10.0	77	5.67	149	8.95	226	7.47
28	24.56	44	20.76	5	19.23	7	29.17	12	24.0	49	3.61	61	3.66	110	3.64
27	23.68	48	22.64	3	11.54	8	33.33	11	22.0	72	5.30	99	5.95	171	5.65
6	5.26	15	7.08	—	—	—	—	—	—	48	3.53	71	4.27	119	3.94
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	0.29	14	0.84	18	0.60
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	0.29	3	0.18	7	0.23
—	—	2	0.94	—	—	—	—	—	—	8	0.59	4	0.24	12	0.40
—	—	2	0.94	—	—	—	—	—	—	5	0.37	—	—	5	0.17
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0.07	—	—	1	0.03
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0.06	1	0.03
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	0.14	6	0.36	8	0.26
—	—	1	0.47	—	—	—	—	—	—	8	0.59	8	0.48	16	0.56
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	66	4.86	104	6.25	170	5.62
—	—	1	0.47	1	3.85	—	—	1	2.0	10	0.74	9	0.54	19	0.63
114	100.00	212	100.00	26	100.00	24	100.00	50	100.0	1359	100.00	1665	100.00	3624	100.00

FIG. 3 : AFEIÇÃO POR AMBOS OS PROGENITORES (DADOS DA TAB. XI)

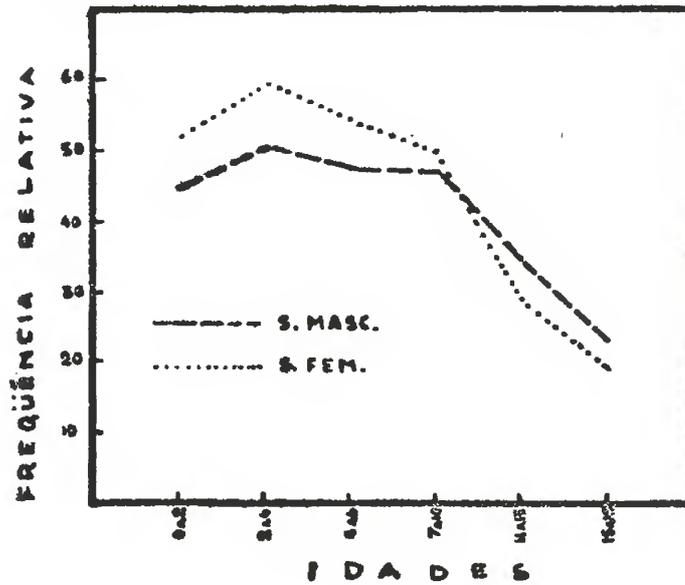


FIG. 4: AFEIÇÃO PELA MÃE (DADOS DA TAB. XI)

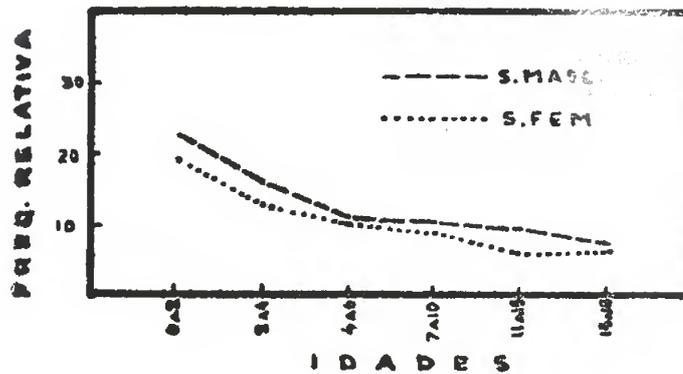
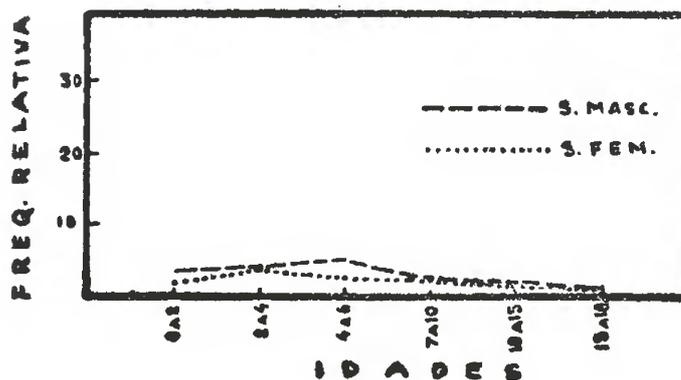


FIG. 5: AFEIÇÃO PELO PAI (DADOS DA TAB. XI)



A afeição pelos progenitores através dos vários níveis de idade pode ser considerada isoladamente na tabela XI, onde aparecem os totais do sexo masculino, feminino e total geral.

FAMILIARES

Obtêm grande soma de afeição, sendo porém ao inverso do que se observou com os pais: o afeto aumenta com a idade, visivelmente, e atinge o máximo para os indivíduos do sexo feminino na idade de 7 a 10 anos, decresce um pouco até a idade de 11 a 15 anos para elevar-se novamente; para os indivíduos do sexo masculino aumenta até 4 a 6 anos e vai depois diminuindo lentamente, como se pode constatar pelos dados da tabela XII.

Em tôdas as idades, os indivíduos do sexo feminino apresentam maior porcentagem de afeto por familiares, como se pode apreciar na figura 6, o que torna claro que, nos anos de adolescência, a família não é preterida pelo indivíduo, mas continua sendo objeto de afeto, mesmo quando outros afetos se juntam a êste, como vimos anteriormente, no caso dos namorados.

NAMORADOS

O afeto pelo namorado (a) aumenta rapidamente com a idade, apresentando as curvas de freqüência relativa, semelhança em ambos os sexos.

Embora tenhamos encontrado algumas raras citações a êste afeto na idade de 4 a 6 anos e de 7 a 10 anos, poderemos dizer que a freqüência surge realmente na idade de 11 a 15 anos em diante, sendo nessa idade ligeiramente mais elevada para os indivíduos do sexo feminino, que continuam mantendo essa superioridade, daí por diante, o que se nota perfeitamente na figura 7, e nos dados da tabela XIII.

AMIGOS, VIZINHOS, CONHECIDOS

Êste afeto apareceu mais cedo entre os indivíduos do sexo feminino que mantêm uma ligeira superioridade de freqüência sobre o masculino em quase tôdas as idades.

As curvas são semelhantes em sua orientação geral, para ambos os sexos: aumenta lentamente com a idade, como se pode notar na figura 8.

PROFESSORES

São pouquíssimos aquêles que manifestaram afeto por seus mestres, sendo que os indivíduos do sexo feminino apresentam nes-

A AFEIÇÃO PELOS PROGENITORES, FAMILIARES E NAMORADOS:
DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS E IDADES

TABELA XI

PROGENITORES	0 a 2 anos			2 a 4 anos			4 a 6 anos			7 a 10 anos			11 a 15 anos			15 a 18 anos			18 anos em diante			TOTAL				
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T		
	ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%
AMBOS	104	150	254	119	169	299	119	169	288	121	156	277	89	85	174	23	22	45	11	6	17	586	768	1.354		
	44.1	51.7	48.3	50.2	59.4	55.4	47.8	54.7	51.6	47.5	49.7	48.7	34.5	27.3	30.6	23.5	19.3	21.2	42.3	25.0	34.0	43.4	46.1	44.8		
M ã E	53	53	106	58	30	76	28	30	58	28	27	55	26	18	44	8	8	16	2	1	3	183	175	358		
	22.5	18.3	20.1	16.0	12.5	14.1	11.2	9.7	10.4	11.0	8.6	9.7	10.1	5.8	7.8	8.2	7.0	7.5	7.7	4.2	6.0	13.5	10.5	11.8		
P A I	7	5	12	7	9	16	12	9	21	7	8	15	6	6	12	1	1	2	—	—	—	40	40	80		
	3.0	1.7	2.3	3.9	3.6	3.3	4.8	2.9	9.8	2.7	2.5	2.6	2.3	1.9	2.1	1.0	0.9	0.9	—	—	—	2.9	2.4	2.6		
TOTAL DE RESPOSTAS REFERENTES A PROGENITORES	164	308	372	164	229	393	159	208	367	136	191	347	121	109	230	32	31	63	13	7	20	809	983	1.792		
	69.5	71.7	70.7	69.2	73.6	72.8	63.9	67.3	65.8	61.2	60.8	61.0	46.9	33.4	40.4	32.7	27.2	29.7	50.0	29.2	40.0	59.5	59.0	59.3		
Total geral de respostas	236	290	526	237	303	540	249	309	558	255	314	569	258	311	569	98	114	212	26	24	50	1359	1665	3024		

TABELA XII

FAMILIARES	0 a 2 anos			2 a 4 anos			4 a 6 anos			7 a 10 anos			11 a 15 anos			15 a 18 anos			18 anos em diante			TOTAL				
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T		
	ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%
TOTAL DE RESPOSTAS REFERENTES A FAMILIARES	50	76	126	89	130	213	122	157	279	193	181	304	111	155	266	42	63	105	16	15	31	547	777	1320		
	21.2	26.2	24.0	35.0	43.0	39.4	49.0	50.8	50.0	48.2	57.6	53.4	43.0	49.8	46.7	42.9	55.3	49.5	61.5	62.5	62.0	40.3	46.7	43.5		
Total geral de respostas	236	290	526	237	303	540	249	309	558	255	314	569	258	311	569	98	114	212	26	24	50	1359	1665	3024		

TABELA XIII

NAMORADO (A)	0 a 2 anos			2 a 4 anos			4 a 6 anos			7 a 10 anos			11 a 15 anos			15 a 18 anos			18 anos em diante			TOTAL				
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T		
	ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%		ABS.	%
TOTAL DE RESPOSTAS REFERENTES A NAMORADOS	—	—	—	—	—	—	1	1	2	7	4	11	68	85	153	37	55	92	8	15	23	121	160	281		
	—	—	—	—	—	—	0.4	0.3	0.9	2.7	1.3	1.9	26.4	27.3	26.9	37.8	48.2	43.4	30.8	62.5	46.0	8.9	9.6	9.3		
Total geral de respostas	236	290	526	237	303	540	249	309	558	255	314	569	258	311	569	98	114	212	26	24	50	1359	1665	3024		

FIG. 6: AFEIÇÃO POR FAMILIARES

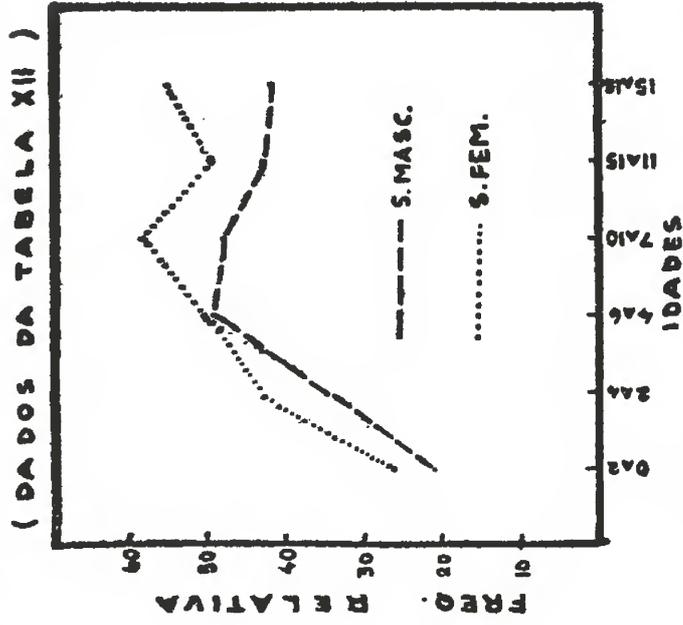


FIG. 7: AFEIÇÃO PELO NAMORADO(A)

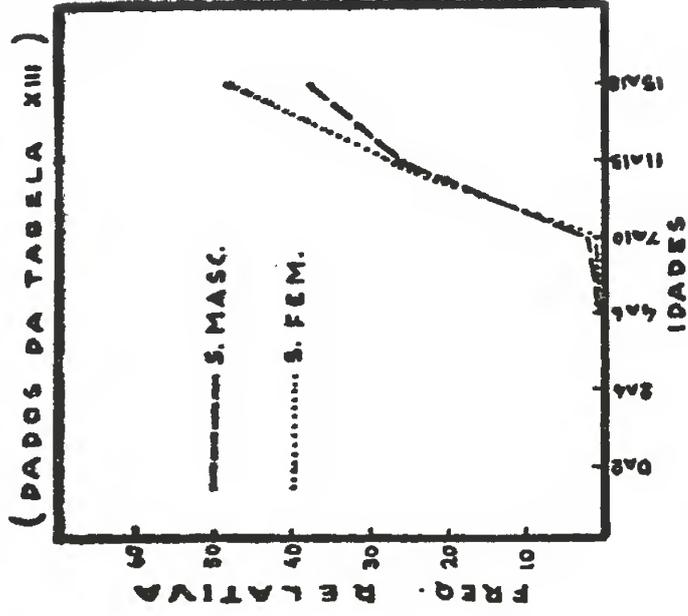


FIG. 8: AFEIÇÃO POR AMIGOS, CONHECIDOS

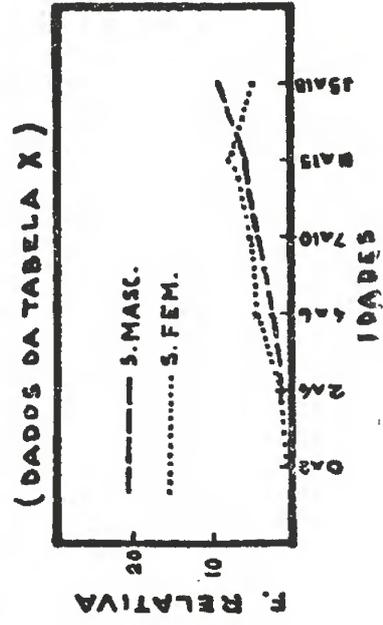
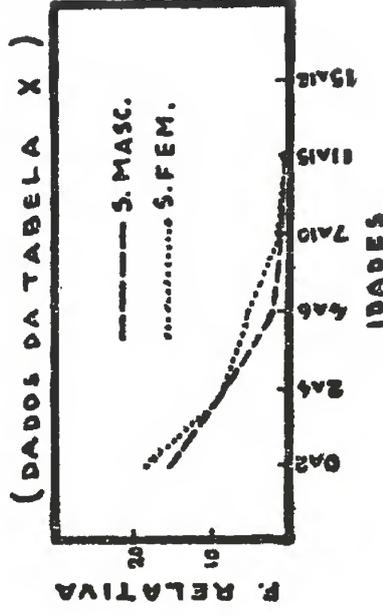


FIG. 9: "NÃO SEI, NÃO ME LEMBRO"



ta parte freqüência um pouco mais elevada (0,84%) que os do sexo masculino (0,29%), embora ambas sejam irrisórias.

Este afeto apareceu, para o sexo masculino nas idades de 7 a 10 e de 11 a 15 anos, e para o sexo feminino, de 4 a 6, 7 a 10 e 11 a 15 anos.

“NÃO SEI, NÃO ME LEMBRO”

Respostas dêste tipo foram mais freqüentes para a idade de 0 a 2 anos; daí vão decrescendo até a idade de 11 a 15 anos.

São os indivíduos do sexo feminino que dão maior número destas respostas em quase todos os níveis de idade, o que se constata pela figura 9.

CONCLUSÕES REFERENTES A PRIMEIRA PARTE DA

PESQUISA SOBRE AFEIÇÃO:

AFETOS RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

1) Os adolescentes do sexo masculino esquivam-se mais que os do sexo feminino a responder à pergunta: “De que pessoas você gostou mais em sua vida?”

2) Os progenitores são as pessoas objeto de maior afeto, cuja preponderância se verifica nos primeiros anos de vida e que vai decrescendo à medida que o indivíduo cresce em idade.

3) Quando um só progenitor é citado a mãe é a preferida, tanto pelos indivíduos do sexo masculino, como pelos do feminino.

4) O afeto pelos progenitores citados isolada ou conjuntamente alcança freqüência ligeiramente superior entre os indivíduos do sexo masculino.

5) O afeto por familiares tende a aumentar com a idade e é mais evidenciado nos indivíduos do sexo feminino.

6) O afeto por amigos, vizinhos, conhecidos, tende a aumentar lentamente com a idade, e é ligeiramente superior em freqüência para os indivíduos do sexo feminino.

7) Os professôres são citados com freqüência irrisória por ambos os sexos (0,29% e 0,84%), embora se destaque a do sexo feminino, que é ligeiramente mais elevada.

8) As respostas “não sei”, “não me lembro” são mais freqüentes para idade de 0 a 2 anos e decrescem daí em diante até a idade de 11 a 15 anos; em quase todos os níveis de idade a freqüência de respostas dos indivíduos do sexo feminino é ligeiramente superior.

II.^a PARTE

“Que afetos você desejaria ter tido em sua vida e não teve?”

Os resultados a que chegamos nesta pergunta servem para completar os da primeira parte desta pesquisa. Antes buscamos saber dos afetos possuídos durante tôda a vida e agora daqueles que não foram possuídos e que, no entanto, são desejados.

AUSÊNCIA DE RESPOSTA

Grande é o número dos que não respondem a esta pergunta, e são os indivíduos do sexo masculino os que mais se esquivam a responder a esta parte, como se pode observar pela tabela XIV.

MÉDIA DE RESPOSTAS

Prevalecem, com média de respostas ligeiramente superior, os indivíduos do sexo feminino (1,16) sôbre os do sexo masculino (1,04).

AFETOS DESEJADOS PELOS ADOLESCENTES

Nem todos indicaram os afetos que desejariam ter tido: uma boa parte (18,5%) declarou apenas que além dos que já possuía, ou havia possuído não desejava outros; estava satisfeita com os que tinha ou tivera. Esta ausência de necessidade de afeto apresenta-se com porcentagens aproximadas, em ambos os sexos.

O número de respostas sem nexos é maior entre os adolescentes do sexo masculino.

São as adolescentes as que apresentam maior número de respostas a esta pergunta, como se verifica pela tabela XV.

O afeto desejado mais freqüentemente é o de irmãos, e logo a seguir o de avós e o de namorados.

As adolescentes (15,9%), muito mais que os adolescentes (4,4%) gostariam de ter a afeição de amigos e colegas. Talvez, não gozando da mesma liberdade que os rapazes, não possam ter amigas, ou tendo-as não possam estar amiúde com elas, e daí se ressentirem da falta dessa afeição.

Ainda que com diferença mínima de freqüência, as adolescentes desejam mais que os adolescentes o afeto dos dois progenitores, que são citados conjuntamente a maior parte das vêzes. Para os rapazes o desejo de ter o afeto de familiares é ligeiramente mais pronunciado que para as moças.

Segue-se com freqüência reduzidíssima a citação de alguns outros afetos; correspondência, animais(?), pessoas eminentes, célebres ou artistas; alguns indicaram nesta parte como afeto, a necessidade que sentiram ou sentem de — dinheiro, brinquedos ou outros objetos.

A relação dos afetos desejados pelos adolescentes acha-se condensada na tabela XVI.

Vejamos a seguir, com mais minúcia, os principais afetos cuja necessidade sentiram ou sentem os adolescentes.

OS AFETOS DESEJADOS, ATRAVÉS DOS ANOS DE ADOLESCÊNCIA

É necessário, ao estudar qualquer aspecto da personalidade, levar em consideração a influência que o desenvolvimento pode apresentar. Foi por essa razão que quisemos verificar se a idade influiu, de algum modo, na indicação dos afetos que fazem falta aos adolescentes de ambos os sexos. E realmente o fenômeno apresenta variação através das várias idades do período adolescente (vide tabela XVII). Embora apresentando os resultados completos, estudaremos o fenômeno de 12 a 18 anos, pois as freqüências antes e depois dessas idades são muito reduzidas.

Entre os afetos mais citados vejamos as modificações determinadas pela idade e a variação entre os sexos.

IRMÃOS

A necessidade dêste afeto tende a diminuir com a idade tanto para um sexo como para outro, mais rapidamente, no entanto, para os indivíduos do sexo masculino, e mais lentamente para o sexo feminino. O ponto mais alto da curva é para os rapazes na idade de 15 anos, e para as adolescentes, aos 12 anos (vide fig. 10).

Quais são, porém, os adolescentes que mais sentem a falta do afeto de irmãos? Serão só aquêles cuja situação de filho único os privou de tal afeição? Não. Também os que não são filhos únicos desejam ter outros irmãos. Aquêles que só têm irmãos desejariam ter irmãs e vice versa; os que têm irmãos e irmãs preferem ter mais um irmão do sexo masculino. Entre os filhos únicos, a tendência é para desejar um irmão do mesmo sexo (vide tabela XVIII).

TABELA XIV: AUSÊNCIA DE RESPOSTA À PERGUNTA:
"QUE AFETOS VOCÊ DESEJARIA TER TIDO EM SUA VIDA E
NÃO TEVE?"

AFETOS DESEJADOS	S. Masc.		S. Fem.		Total	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Ausência de resposta	61	20.8	48	13.1	109	16.5
Respostas obtidas	232	79.2	318	86.9	550	83.5
T O T A L	293	100.0	336	100.0	659	100.0

TABELA XV: OS AFETOS DESEJADOS PELOS ADOLESCENTES;
APRESENTAÇÃO GERAL DAS RESPOSTAS

AFETOS DESEJADOS	S. Masc.		S. Fem.		Total	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Tiveram todos os desejados	42	18.1	60	18.9	102	18.5
Respostas sem nexa	33	14.2	13	4.1	46	8.4
Desejariam ter tido afetos	157	67.7	245	77.0	402	73.1
T O T A L	232	100.0	318	100.0	550	100.0

TABELA XVI: OS AFETOS DESEJADOS PELOS ADOLESCENTES;
DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS

AFETOS DESEJADOS	S. Masc.		S. Fem.		Total	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Tiveram todos os desejados	42	18.1	60	18.9	102	18.5
Irmãos	38	16.4	59	18.6	97	17.6
Avós	37	15.9	44	13.8	81	14.7
Namorado (a)	34	14.7	44	13.8	78	14.0
Amigos colegas	7	3.0	39	12.3	46	8.4
Pais	15	6.5	26	8.2	41	7.5
Familiares	13	5.6	16	5.0	29	5.3
Compreensão	2	0.9	8	2.5	10	1.8
Animais	5	2.1	3	0.9	8	1.5
Pessoas eminentes, artistas	2	0.9	4	1.3	6	1.1
Objetos, brinquedos, dinheiro	4	1.7	2	0.6	6	1.1
Respostas sem nexa	33	14.2	13	4.1	46	8.3
T O T A L	232	100.0	318	100.0	550	100.0

TABELA XVIII: O DESEJO DO AFETO DE IRMÃOS MANIFESTADO PELOS ADOLESCENTES

DESEJARIAM TER O AFETO DE	Só têm irmãos			Só têm irmãs			Têm irmãos e irmãs			São filhos únicos			Total			
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	
Irmão	Abs.	2	1	3	14	12	26	5	8	13	5	3	8	26	23	49
	%	20.0	5.0	10.0	87.5	92.3	89.7	83.3	57.1	6.5	83.3	25.0	44.4	68.4	39.7	51.0
Irmã	Abs.	8	17	25	—	—	—	—	4	4	1	5	6	9	26	35
	%	80.0	85.0	83.3	—	—	—	—	28.6	20.0	16.7	41.7	33.3	23.7	44.8	36.4
Irmão e irmã	Abs.	—	2	2	2	1	3	1	2	3	—	4	4	3	9	12
	%	—	10.0	6.7	12.5	7.7	10.3	16.7	14.3	15.0	—	33.3	22.2	7.9	15.5	12.6
TOTAL	Abs.	10	20	30	16	13	29	6	14	20	6	12	18	38	58	96
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	99.9	100.0	100.0	100.0

AVÓS

O desejo do afeto de avós (avô e avó, geralmente) tende a decrescer com a idade até os 17 anos, onde começa a elevar-se de novo.

Para o sexo feminino a curva dêsse afeto tem o seu ponto mais alto aos 12 anos, de onde decresce rapidamente com fraca elevação aos 14 anos, continuando a decrescer mais lentamente até 17 anos, e daí principia a ascender novamente.

Para o sexo masculino êsse afeto eleva-se dos 12 aos 13 anos e daí decresce até os 17 anos para nova elevação dessa idade em diante.

Os dois sexos apresentam semelhança, na idade de 14 anos em diante, sendo que os indivíduos do sexo masculino revelam frequência maior dos 13 aos 15 anos e daí em diante são superados pelos do sexo feminino (vide fig. 11).

NAMORADOS

Aumenta com a idade o desejo do afeto do namorado ou namorada, indicado já aos 12 anos pelos indivíduos do sexo masculino e aos 13 pelos do sexo feminino. A frequência baixa um pouco aos 14 anos para as adolescentes e aos 15 anos para os adolescentes, para elevar-se depois mais lentamente no sexo feminino e mais rapidamente no masculino onde atinge o seu ponto máximo aos 18 anos.

Temos aqui o inverso do que sucede com os irmãos e avós: à medida que se sucedem os anos é mais desejado o afeto de um namorado ou de uma namorada (vide fig. 12).

AMIGOS, COLEGAS

Verifica-se a necessidade do afeto de amigos ou colegas predominantemente entre as adolescentes, cuja frequência é superior em tôdas as idades à dos adolescentes.

Para ambos, no entanto, as curvas de frequência relativa seguem orientação semelhante: os indivíduos do sexo feminino manifestam o desejo dêste afeto, mais pronunciado aos 12 anos baixando levemente até 14 anos, elevando-se um pouco até 15, decrescendo rapidamente aos 16 para aumentar dessa idade em diante. Poderíamos portanto dizer que a afeição de amigas é desejada em tôdas as idades com frequências aproximadas e que diminuem lentamente com a idade, exceção feita na idade de 15 anos em que o total baixa sensivelmente.

Os indivíduos do sexo masculino também manifestam o desejo de afeição por parte de amigos e colegas, principalmente aos 12 anos; daí em diante há uma queda rápida de frequência e nova elevação que se vai processar muito lentamente dos 15 anos em diante. (vide fig. 13).

PROGENITORES

Nota-se semelhança entre os adolescentes de ambos os sexos na manifestação do desejo de afeto de progenitores, embora a necessidade desta afeição seja maior em tôdas as idades, exceto aos 18 anos, para os indivíduos do sexo feminino. Há uma ascensão lenta através das idades. Acentua-se o desejo de afeto dos progenitores aos 14 anos, para os dois sexos; diminui depois até os 16 e torna a aumentar dessa idade em diante, havendo um pequeno decréscimo após os 17 anos, só para o sexo feminino (vide fig. 14). A privação do afeto dos progenitores poderia entretanto referir-se à falta dos mesmos por morte. Fizemos então o estudo dos progenitores falecidos, cujos resultados se encontram na tabela XIX. A porcentagem mais elevada é a de pai falecido, sendo também maior o número dos que desejariam possuir ou ter possuído o afeto do progenitor. Metade, porém das adolescentes cujo pai é falecido não desejaria ou não sentiria falta da afeição do mesmo.

Entre os que não têm mãe encontra-se indicação em quase todos da necessidade do afeto materno.

A falta de ambos os progenitores foi muito rara e, portanto, não permite maiores considerações.

O total de adolescentes que têm um ou ambos os progenitores falecidos é, no entanto, reduzido, pois, equivale apenas a 7,8 por cento da população total.

FAMILIARES EM GERAL

São os adolescentes do sexo masculino que indicam com maior frequência o desejo de possuir ou ter possuído o afeto da família em geral, ou de alguns familiares em particular. Para êles a necessidade de tal afeição é predominante aos 13 anos, diminuindo depois para tornar a acentuar-se aos 16 anos, já com frequência mais reduzida, decrescendo daí até 17 anos, não sendo mais citada após esta idade.

Para as adolescentes a necessidade desta afeição é muito menos intensa: predomina nas idades de 13 e 15 anos com igual frequência e vai decrescendo depois, suavemente, como se nota na figura 15. Se considerarmos, porém, o afeto dos familiares em geral, somado ao afeto de avós e irmãos, encontramos um rápido decréscimo deste afeto através da adolescência, o que não sucede com as demais afeições desejadas (vide tabela XX).

TABELA XIX: OS AFETOS DESEJADOS PELOS ADOLESCENTES QUE TÊM UM OU AMBOS OS
PROGENITORES FALECIDOS

AFETOS DESEJADOS		PROGENITORES FALECIDOS											
		Ambos		Pai		Mãe		Total					
		M	F	M	F	M	F	M	F	F	T		
Paterno	Abs.	-	-	7	12	-	-	-	-	7	12	19	
	%	-	-	58.3	50.0	-	-	-	-	46.7	37.5	40.4	
Materno	Abs.	-	-	1	-	2	5	3	5	8			
	%	-	-	8.3	-	100.0	83.3	20.0	15.6	17.0			
Paterno e materno	Abs.	1	-	-	-	-	-	1	-	1			
	%	100.0	-	-	-	-	-	6.7	-	2.1			
Outros afetos	Abs.	-	1	3	10	-	-	3	11	14			
	%	-	50.0	25.0	41.7	-	-	20.0	34.4	29.8			
Teve todos os que desejou	Abs.	-	1	1	2	-	1	1	4	5			
	%	-	50.0	8.3	8.3	-	16.7	6.7	12.5	10.7			
TOTAL	Abs.	1	2	12	24	2	6	15	32	47			
	%	100.0	100.0	99.9	100.0	100.0	100.0	100.1	100.0	100.0			

AFETOS MAIS FREQUENTEMENTE DESEJADOS PELOS ADOLESCENTES. (DADOS DA TABELA XVII)

DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS E IDADES

FIG. 10: DE IRMÃOS

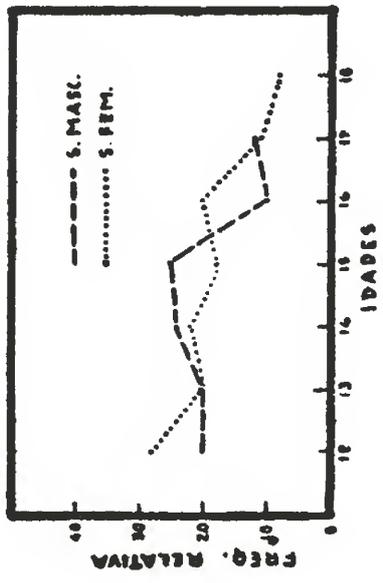


FIG. 11: DE AVÓS

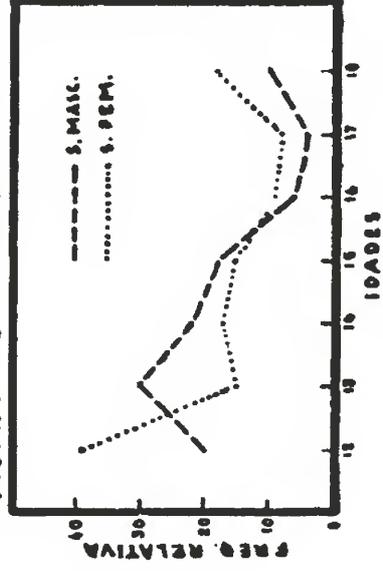


FIG. 12: DE NAMORADO (A)

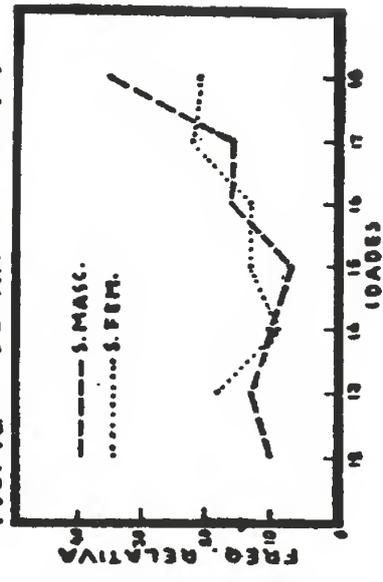


FIG. 13: DE AMIGOS E COLEGAS

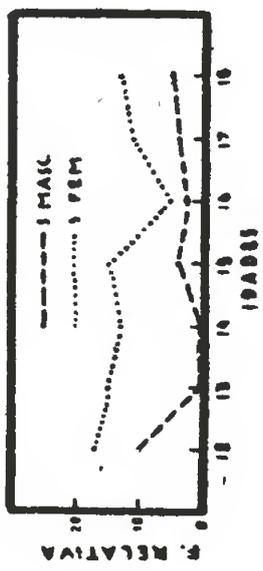


FIG. 14: DE PAIS

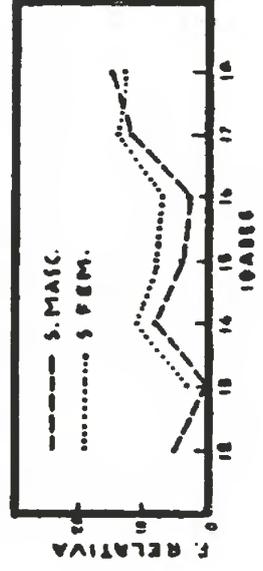


FIG. 15: DE FAMILIARES



Os adolescentes do sexo masculino, exceto na idade de 12 anos, mostram ter desejado mais que as adolescentes esta afeição, mas, são por estas superados a partir dos 16 anos.

CONCLUSÕES REFERENTES À SEGUNDA PARTE DA PESQUISA SÔBRE AFEIÇÃO

AFETOS DESEJADOS PELOS ADOLESCENTES

1) Registrou-se um grande número de ausência de respostas (16,5%), predominando, no entanto a porcentagem dos indivíduos do sexo masculino (20,8%) sôbre os do sexo feminino (13,1%).

2) Grande parte dos adolescentes investigados, de ambos os sexos, demonstra não ter desejado outros afetos além dos que já tem ou tivera (18, 5%).

3) O afeto mais desejado é o de irmãos (24, 1%), seguido de perto pelo de avós (20,2%) e de namorados (19,4%).

4) A necessidade do afeto de amigas e colegas é bem maior para os indivíduos do sexo feminino (15, 9%) que para os do sexo masculino (4, 4%).

5) Manifesta tendência a decrescer com a idade, o desejo do afeto de familiares, amigos e colegas.

6) Manifesta tendência a elevar-se com a idade, o desejo do afeto de namorados e progenitores.

7) O afeto de colegas e amigas e o dos progenitores é desejado predominantemente pelas adolescentes, em tôdas as idades.

8) O afeto dos progenitores é mais desejado pelas adolescentes em tôdas as idades, exceto aos 18 anos em que a freqüência dos indivíduos do sexo masculino é mais elevada.

9) O afeto de familiares é mais desejado pelos adolescentes do sexo masculino.

COMPARAÇÃO ENTRE OS AFETOS MAIS FREQUENTES: PROGENITORES, FAMILIARES, NAMORADOS, AMIGOS E COLEGAS

Entre os adolescentes de ambos os sexos predomina a afeição por progenitores, familiares, namorados, amigos, conhecidos ou colegas, ou o desejo de possuir a afeição dos mesmos.

A afeição pelos pais declina levemente até o nível da idade de 7 a 10 anos, enquanto a afeição por familiares se vai elevando até essa idade; daí por diante o afeto pelos progenitores decresce com

mais rapidez, enquanto que pelos familiares conserva-se mais ou menos estacionário.

A afeição pelos namorados citada por adolescentes de ambos os sexos na idade de 4 a 6 anos e de 7 a 10 anos, talvez se refira à pessoa que atualmente é o namorado e que naquela idade seria talvez um companheiro de brinquedos. Essa afeição atinge frequência significativa entre 11 e 15 anos e aumenta rapidamente até a idade de 15 a 18 anos, sendo êsse aumento maior para o sexo feminino.

A afeição por amigos e colegas, muito menos intensa que as anteriores, aumenta lentamente com a idade, sendo um pouco mais pronunciada para os indivíduos do sexo feminino, em quase tôdas as idades.

A orientação geral apresentada pelas curvas que representam gráficamente a evolução dêsses diversos afetos revela semelhança para os indivíduos de ambos os sexos; a comparação entre essas afeições pode ser apreciada na figura 16. Por aí se vê que os progenitores mantêm a supremacia como objetos de afeto até o nível de idade de 7 a 10 anos para as filhas e de 11 a 15 para os filhos, sendo então suplantados por outras pessoas da família que continuam sendo, em ambos os sexos, mais queridos do que os namorados. Os amigos, vizinhos ou conhecidos receberam reduzida quota de afeto em tôdas as idades consideradas.

Assim se apresentam as afeições que os adolescentes manifestam ter tido, desde o comêço de sua existência; vejamos agora os afetos de que se viram privados e que lhes agradaria possuir ou ter possuído antes.

São os familiares, destacando-se os irmãos e avós, as pessoas de quem mais desejado é o afeto, logo no início da adolescência. Embora diminua bem o desejo de tal afeição durante os anos de adolescência, para as adolescentes suplanta sempre os demais em tôdas as idades; para os adolescentes do sexo masculino o desejo do afeto de familiares é superado só aos 18 anos pelo da namorada, que se eleva rapidamente. São as adolescentes que a partir dos 16 anos manifestam com maior porcentagem, privação do afeto de familiares.

Os progenitores a quem tanto se quis, principalmente durante a infância, são pouco indicados como pessoas de quem se desejou ou se deseja a afeição. E, contrariamente ao que verificamos com os familiares a privação do afeto dos pais acentua-se um pouco, através do período adolescente. São as filhas as que revelam maior necessidade de tal afeto, sendo superadas pelos rapazes somente aos 18 anos.

Entre os adolescentes, o desejo da afeição de namorados eleva-se um pouco, através de oscilações, durante a adolescência, aproximando-se aos 17 anos do afeto que desejariam ter por parte de pessoas da família, aí se mantendo; entre os adolescentes, o de-

sejo desta afeição se inicia mais cedo e acentua-se levemente com a idade, embora com oscilações, até os 17 anos para depois subir rapidamente suplantando o desejo de qualquer outro afeto.

Os amigos foram pouco citados como objeto da afeição e dêles também os adolescentes do sexo masculino não desejam muito possuir a amizade: mais citados aos 12, a frequência é nula aos 13 e 14 anos, passando daí por diante a aumentar levemente; podemos dizer que dos afetos mais freqüentemente indicados é o menos importante para os rapazes. Com as adolescentes, entretanto, o caso já é diverso: as amigas são mais desejadas do que os pais até os 16 anos e que o namorado aos 12, 14 e 15 anos; o desejo desta afeição tende a declinar levemente através dos anos de adolescência.

O estudo comparativo das afeições mais freqüentes, sentidas ou desejadas, pode-se fazer melhor, comparando êsses afetos através da representação gráfica por sexos e idades que aparece nas figuras 16 e 17. Aí se nota, à primeira vista, a predominância dos progenitores e familiares como objetos de afeição e o rápido aumento do afeto pelo namorado; ao lado disto temos, entre os afetos apontados como desejados antes ou agora, a preponderância dos familiares sobre todos os demais.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE AFEIÇÃO

Pela presente investigação verificamos que são os progenitores as pessoas objeto de maior afeição, principalmente nos primeiros anos de vida, e que êsse afeto vai decrescendo à medida que o indivíduo aumenta em idade. Isso está de acôrdo com a afirmação de COLE (1942, p. 114) de que os primeiros objetos de amor são adultos do mesmo sexo ou do sexo oposto que dão à criança aquilo de que ela necessita principalmente: cuidados e segurança. São os pais as pessoas que, normalmente, provêm essas necessidades, cuidando e amparando o filho durante os primeiros tempos de vida dêste; a êles, portanto, o pequeno ser dedica as primícias de sua afeição.

Quando citados isoladamente encontramos preferência pela mãe, tanto pelos indivíduos do sexo masculino como feminino. Êste resultado concorda com os que SIMPSON (citado por Jersild 1946, p. 775) obteve em um estudo com crianças de 5 a 12 anos: a maioria, tanto de meninas como de meninos expressava maior afeição por suas mães, que por seus pais.

Há diferenças facilmente perceptíveis entre os indivíduos do sexo masculino e os do sexo feminino, tanto do ponto de vista das afeições que relatam nos vários anos de vida, como do ponto de vista das afeições que desejariam ter tido antes ou ter presentemente. Os

adolescentes do sexo masculino quiseram mais que as adolescentes a seus progenitores; e estas desejariam ter tido, mais do que eles esse afeto em quase todas as idades. Vemos, portanto, que são os filhos os que parecem estar mais seguros do afeto de seus pais: não o incluem tanto quanto as filhas entre os afetos desejados, por não necessitarem de algo que já possuem.

Quanto aos familiares, em geral o caso é exatamente ao contrário: são as adolescentes as que mais citam afetos dedicados aos parentes e são os adolescentes os que mais sentem a falta dessa afeição.

Por aí já se pode notar, como frisa ANASTASI (1937, p. 443) que os ambientes afetivos de rapazes e moças, que eram muito semelhantes no começo da infância, vão gradualmente apresentando diferenciação pronunciada, e isto se reflete na divergência crescente que apresentam os sexos quanto à instabilidade emocional.

São as moças as que apresentam índice maior de instabilidade emocional a partir dos 11 anos, e com tendência a aumentar, enquanto para os rapazes a tendência é para decrescer, segundo o que se apurou com a aplicação do questionário WOODWORTH-MATHEWS (citado por ANASTASI, l.c., p. 142) a indivíduos de 9 a 19 anos. São as mulheres as que apresentam, segundo os resultados desse estudo, maior tendência à manifestação de sintomas neuróticos.

Tal como está constituída a sociedade, há maior tolerância e maior liberdade para os rapazes do que para as moças; estas encontram muito mais restrições e impedimentos que aquêles; isso já se nota no lar através da educação diversa que se dá a meninos e meninas. Essa diversidade de ambiente irá evidentemente determinar diferenças entre os indivíduos do sexo masculino e feminino, como pudemos notar nos resultados da investigação há pouco citada, sendo que isso não se refere exclusivamente aos ajustamentos emocionais.

São as adolescentes que, talvez por não gozarem da mesma facilidade que os rapazes para sair com amigos e companheiros, apresentam, com frequência muito superior à destes, o desejo de ter a afeição de amigas e colegas; e são elas também que revelam maior privação de afeto por parte dos progenitores.

A afeição por namorados, conquanto apareça já ao nível de 4 a 6 anos de idade não sobrepuja os demais afetos relatados pelos sobre adolescência aplicado a estudantes de universidade (WHEELER 1945, p. 54): verificou-se que alguns indivíduos confessavam ter sentido tal interesse aos 11 ou 12 anos se bem que a maioria Entre aquilo que sucedeu há pouco e determinou talvas ou adolescentes; ainda que aumente visivelmente durante a adolescência, é sobrepujada ou chega, no máximo, a igualar a afeição dedicada aos familiares. Para ambos os sexos o fato apresenta semelhança.

O interesse pelo sexo oposto foi investigado em um questionário

o tenha indicado como presente aos 15 ou 16 anos, havendo ainda alguns para os quais só apareceu aos 21 anos ou mais tarde.

Entre os adolescentes, por nós investigados, o afeto pelo namorado parece desenvolver-se durante a adolescência, e embora aumente significativamente com a idade, não relega os demais afetos, principalmente o afeto por familiares.

Entre os afetos apontados como desejados por não terem sido possuídos, o desejo de afeição de namorados não é o preponderante, a não ser para os indivíduos do sexo masculino aos 18 e 19 anos.

Por se tratar de adolescentes, alunos de escola secundária, cabe lembrar aqui que a afeição por professores é quase nula, não só durante a adolescência, mas em tôdas as idades anteriores.

Em resumo, podemos dizer que os adolescentes que constituíram a população do presente estudo manifestam grande afeição por seus progenitores, registrando-se declínio da mesma através das várias idades, desde o nascimento; dedicam também grande dose de afeto aos vários membros da família, com ligeira tendência a aumentar com a idade, e durante a adolescência nota-se também o desenvolvimento da afeição pelo namorado, sem no entanto anular as duas anteriores.

Entre os afetos que desejariam ter tido e não tiveram, predomina o de familiares, com frequência maior do desejo do afeto de irmãos e avós, decrescendo durante a adolescência; segue-se o desejo da afeição de namorados e depois de progenitores, ambos com ligeira tendência a aumentar através dos anos de adolescência.

C Ó L E R A

CAUSAS ESPECÍFICAS E CAUSAS GERAIS DE CÓLERA

Referem-se as causas específicas a situações que provocaram realmente cólera dentro do período de três meses anteriores à data da investigação e as causas gerais a tudo aquilo que possa ser causa de cólera, quer haja sucedido ou não: trata-se, portanto de situações reais e situações prováveis de cólera.

AUSÊNCIA DE RESPOSTAS

Verifica-se falta de respostas tanto na primeira como na segunda parte desta pesquisa.

Registra-se ligeira superioridade no total de ausência de respostas para o sexo masculino, tanto nas situações específicas como gerais de cólera, ainda que a porcentagem para os indivíduos de ambos os sexos seja bem reduzida, o que se pode observar na tabela XXI.

MÉDIA DE RESPOSTAS POR INDIVÍDUO

Excluindo do total geral de indivíduos de cada sexo, o número daqueles que não responderam a cada uma das partes desta pesquisa, temos uma média de respostas de 1,43 para o sexo masculino e de 1,47 para o sexo feminino nas situações específicas de cólera, e de 1,09 para o sexo masculino e 1,33 para o sexo feminino nas situações gerais de cólera. Isso equivale a dizer que são as adolescentes que apresentam maior número de respostas referentes a situações causadoras de cólera, tanto reais como possíveis. Predomina ligeiramente, porém, o número de situações ocorridas nos últimos três meses, tanto para um como outro sexo, sobre tudo aquilo que pode chegar a encolerizar.

AS SITUAÇÕES DE CÓLERA RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

Ainda que bem reduzido, o número de respostas referentes à ausência de cólera, podemos notar que as adolescentes se encolerizaram menos que os adolescentes no período de três meses anterior à data da pesquisa. São, porém, os adolescentes do sexo masculino que em maior número dizem não se encolerizar, quando res-

TABELA XXIII: SITUAÇÕES REAIS DE CÓLERA RELATADAS PELOS ADOLESCENTES
DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS

SITUAÇÕES ESPECÍFICAS DE CÓLERA	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
FRACASSO, PRINCIPALMENTE ESCOLAR	87	23.7	86	20.2	173	21.8
IMPEDIMENTO DE FAZER OU OBTER O DESEJADO	35	9.5	83	19.5	118	14.9
ABORRECIMENTOS, AMOLAÇÕES	58	15.8	50	11.8	108	13.6
BRIGAS, CONFLITOS, DISCUSSÕES	39	10.6	50	11.8	89	11.2
INJUSTIÇAS	32	8.7	37	8.7	69	8.7
PESSOAS QUE CAUSARAM CÓLERA	16	4.4	17	4.0	33	4.1
MENTIRAS, FALSIDADES	9	2.5	23	5.4	32	4.0
IMPEDIMENTOS MATERIAIS	13	3.6	13	3.1	26	3.3
CAÇOADAS, HUMILHAÇÕES	9	2.5	13	3.1	22	2.8
ATIVIDADES DESAGRADÁVEIS	8	2.2	10	2.4	18	2.2
INTERFERÊNCIA EM OBJETOS	8	2.2	5	1.2	13	1.6
AULAS, ESTUDO	8	2.2	4	0.9	12	1.5
SANÇÕES NEGATIVAS	7	1.9	5	1.2	12	1.5
FALTA DE CORRESP. OU CONSIDERAÇÃO	6	1.6	5	1.2	11	1.4
PERDA OU DANIFICAÇÃO DE OBJETOS	8	2.2	3	0.7	11	1.4
NAO CUMPRIMENTO DE PROMESSAS	2	0.5	5	1.2	7	0.9
ESBARRÕES, PISOES	6	1.6	—	—	6	0.8
APARENCIA FÍSICA	2	0.5	4	0.9	6	0.8
INTROMISSAO DE OUTRAS PESSOAS NA VIDA	3	0.8	2	0.5	5	0.6
INCOMPREENSÕES	3	0.8	2	0.5	5	0.6
ORDENS E IMPOSIÇÕES	2	0.5	1	0.2	3	0.4
CORRUPÇÃO MORAL	2	0.5	1	0.2	3	0.4
ACUSAÇÕES	1	0.3	1	0.2	2	0.3
IMPERFEIÇÕES, INCOMPETÊNCIA	1	0.3	1	0.2	2	0.3
INTERFERÊNCIA EM ATIVIDADE	1	0.3	1	0.2	2	0.3
ALIMENTAÇÃO DESAGRADÁVEL	—	—	2	0.5	2	0.3
MOTIVOS FÚTEIS, À TOA	1	0.3	1	0.2	2	0.3
T O T A L	367	100.0	425	100.0	792	100.0

pondem à pergunta: “Que é que sempre faz você ficar zangado ou com raiva?”

O número de respostas sem nexos é mínimo, não sendo, portanto, significativo.

Predominam as respostas aproveitáveis, com total bem destacado, o que se verifica na tabela XXII.

Passemos, portanto, ao estudo das respostas abrangidas nas várias categorias encontradas.

SITUAÇÕES ESPECÍFICAS DE CÓLERA

As respostas classificadas, afastadas pois as sem nexos ou incompreensíveis, e as que indicavam ausência de cólera, apresentam-se segundo o que se pode observar na tabela XXIII.

O fracasso, principalmente escolar, traduzido por nota baixa ou reprovação é a causa máxima de cólera para os adolescentes em geral, dentro do período, de três meses, considerado. Isso refere-se principalmente aos adolescentes do sexo masculino onde esta causa não só tem a maior frequência, como se destaca sobre todas as demais. Quando não se refere à situação escolar, o fracasso relatado pelos rapazes, refere-se a situações esportivas — quando o clube predileto não ganha a partida de futebol, por exemplo. Para os adolescentes do sexo feminino, o fracasso apresenta-se com porcentagem aproximada à de impedimento de fazer ou obter o desejado, que para os do sexo masculino é muito menos significativo.

Vejamos como se apresentam em ambos os sexos as causas de cólera mais comuns, cuja frequência relativa é igual ou superior a cinco por cento:

TABELA XXIV

Posição relativa das causas específicas de cólera de maior frequência

C A U S A S	S E X O	
	Masculino	Feminino
Fracasso escolar	1º	1º
Aborrecimentos, amolações	2º	3º
Brigas, conflitos	3º	4º
Impedimentos de fazer ou obter o desejado	4º	2º
Injustiças	5º	5º
Mentiras, falsidades		6º

Com exceção da causa de menor frequência — mentiras, falsidades — as causas mais frequentes de cólera são idênticas para os adolescentes de ambos os sexos, variando apenas a significação maior ou menor de cada um segundo o total que apresentam. Assim, o fracasso sendo a causa mais comum de cólera para os adolescentes em geral, é muito mais significativa para os do sexo masculino onde a porcentagem de ocorrência desta causa (23,7%) se salienta sobre tôdas as outras: aborrecimentos e amolações (15,8%), brigas, conflitos (10,6%), impedimento de fazer ou obter o desejado (9,5%) e injustiças (8,7%). Já para os indivíduos do sexo feminino o fracasso (20,2%) e o impedimento de fazer ou obter o desejado (19,5%) são causas cuja frequência é muito aproximada, não havendo uma causa que seja a mais importante de tôdas, mas sim duas que se equivalem; vêm depois aborrecimentos e amolações (11,8%), brigas, conflitos (11,8%), injustiças (8,7%) e mentiras e falsidades (5,4%).

Não encontramos, entre as demais causas cuja frequência é inferior a cinco por cento, pisões e esbarrões como causa de cólera para os indivíduos do sexo feminino, e alimentação desagradável para os do sexo masculino.

Consideradas de uma forma geral, as causas de cólera relatadas pelos adolescentes não podem, no entanto, ser devidamente apreciadas; tornam-se mais expressivas e reais se consideradas dentro das situações em que verdadeiramente ocorreram. Temos então que considerar a influência do lar, da escola e do namorado na determinação das causas de cólera entre os adolescentes.

A FAMÍLIA, A ESCOLA E O NAMORADO (A)

Tomando-se inicialmente os resultados mais gerais, conforme aparecem na tabela XXV, vemos que, entre os adolescentes por nós investigados, a escola e o lar são responsáveis por uma grande porcentagem das cóleras relatadas.

Talvez o total de situações domésticas seja, na realidade, muito maior, pois várias respostas, embora não se referindo diretamente à família, deixavam perceber essa origem, como por exemplo: “quando não me deixam ir ao cinema”. É quase certo que isso se passa em casa, mas não quisemos ir além da própria resposta e interpretá-la.

Para ambos os sexos, a escola é maior causadora de cólera que o lar, e êste também é situação mais provocadora de cólera que o namôro.

Se quisermos considerar as diferenças ou semelhanças em relação ao sexo, teremos semelhança entre ambos quanto às porcentagens de cólera devidas à escola; e diferença quanto às cóleras devi-

TABELA XXV: A FAMÍLIA, A ESCOLA E O NAMORADO (A) COMO CAUSADORES REAIS DE CÔLERA

SITUAÇÕES ESPECÍFICAS DE CÔLERA	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
SITUAÇÕES DOMÉSTICAS	58	15.8	93	21.9	151	19.1
SITUAÇÕES ESCOLARES	103	28.1	127	29.9	230	29.0
SITUAÇÕES SENTIMENTAIS	9	2.4	18	4.2	27	3.4
SITUAÇÕES NÃO DISCRIMINADAS	197	53.7	187	44.0	384	48.5
TOTAL	367	100.0	425	100.0	792	100.0

TABELA XXVI: SITUAÇÕES DE CÔLERA NO MEIO FAMILIAR

SITUAÇÕES DOMÉSTICAS	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
IMPED. DE FAZER OU OBTER O QUE DESEJA	13	22.4	34	36.5	47	31.1
BRIGAS, CONFLITOS, DISCUSSÕES	12	20.7	27	29.0	39	25.7
ABORRECIMENTOS, AMOLAÇÕES	16	27.6	15	16.1	31	20.5
SANÇÕES NEGATIVAS	6	10.4	2	2.2	8	5.3
INJUSTIÇAS	3	5.2	5	5.4	8	5.3
PESSOAS QUE CAUSARAM CÔLERA	1	1.7	7	7.5	8	5.3
INTERFERÊNCIA EM OBJETOS	4	6.9	2	2.2	6	4.0
MENTIRAS, FALSIDADES	1	1.7	--	--	1	0.7
FALTA DE CORRESPOND. OU CONSIDERAÇÃO	1	1.7	--	--	1	0.7
INTROMISSÃO DE PESSOAS NA VIDA	--	--	1	1.1	1	0.7
NÃO CUMPRIMENTO DE PROMESSAS	1	1.7	--	--	1	0.7
TOTAL	58	100.0	93	100.0	151	100.0

TABELA XXVII: SITUAÇÕES DE CÓLERA NO MEIO ESCOLAR

SITUAÇÕES ESCOLARES	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
FRACASSO	58	56.3	58	45.7	116	50.4
INJUSTIÇAS	21	20.4	25	19.7	46	20.0
ABORRECIMENTOS, AMOLAÇÕES	8	7.8	20	15.8	28	12.2
PESSOAS QUE CAUSARAM CÓLERA	5	4.8	9	7.1	14	6.1
BRIGAS E CONFLITOS	7	6.8	4	3.1	11	4.8
AULAS E ESTUDO	4	3.9	4	3.1	8	3.5
IMPEDIMENTO DE FAZER OU OBTER O DESEJADO	—	—	4	3.1	4	1.7
INTERFERÊNCIA EM OBJETOS	—	—	2	1.6	2	0.9
ACUSAÇÕES	—	—	1	0.8	1	0.4
TOTAL	103	100.0	127	100.0	230	100.0

TABELA XXVIII: SITUAÇÕES DE CÓLERA ENTRE NAMORADOS

SITUAÇÕES SENTIMENTAIS	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
BRIGAS, CONFLITOS	6	66.7	16	88.9	22	81.5
PESSOAS QUE CAUSARAM CÓLERA (NAMORADO)	2	22.2	1	5.5	3	11.1
MENTIRAS, FALSIDADES	1	11.1	1	5.5	2	7.4
TOTAL	9	100.0	18	99.9	27	100.0

das ao lar, sendo aí mais elevada a porcentagem para os indivíduos do sexo feminino; o mesmo pode-se dizer das situações sentimentais.

Como se revelam, porém, nessas três situações: domésticas, escolares e sentimentais as causas de cólera referidas nas respostas que obtivemos?

Os resultados estão agrupados nas tabelas XXVI, XXVII e XXVIII.

NO LAR

Tomadas de maneira geral, aí predominam: impedimento de fazer obter o desejado, brigas e conflitos, aborrecimentos e amolações; assumem, porém, posições diferentes para cada sexo. Vejamos como se apresentam as causas de cólera com porcentagem igual ou superior a cinco por cento, nas situações domésticas.

TABELA XXIX

Posição relativa das causas específicas de cólera mais frequentes no lar

C A U S A S	S E X O	
	Masculino	Feminino
Aborrecimentos, amolações	1º	3º
Impedimento de fazer ou obter o o desejado	2º	1º
Brigas, conflitos	3º	2º
Sanções negativas (castigos)	4º	
Interferência em objetos	5º	
Injustiças	6º	5º
Pessoas que causaram cólera ..		4º

Queixam-se os adolescentes de cada sexo diferentemente do lar, pois não apresentam as mesmas porcentagens e variam também as causas de cóleras ocorridas em casa, por êles relatadas.

Para os adolescentes do sexo masculino, os aborrecimentos e amolações são a causa principal de cólera (27,6%), seguida de per-

to por impedimento de fazer ou obter o que deseja (22,4%) e por brigas e conflitos (20,7%).

Para os adolescentes do sexo feminino o que mais irrita é o impedimento de fazer ou obter o que deseja, com porcentagem que se destaca sôbre as demais (36,5%) seguida de brigas e conflitos (29,0%), cuja porcentagem é superior ainda à maior porcentagem obtida no sexo masculino.

Os aborrecimentos e amolações afetam muito menos as adolescentes (16,1%) que os adolescentes (27,6%) e são êstes que também se ressentem mais das sanções negativas (10,4%) as quais apresentam entre o sexo feminino, uma porcentagem mínima (2,2%).

A interferência em objetos é também mais citada pelos rapazes.

Quanto a injustiças, as porcentagens se aproximam. Não encontramos no sexo masculino intromissão de pessoas na vida, como causa de cólera, e no feminino não aparecem: mentiras e falsidades, falta de consideração ou correspondência e não cumprimento de promessas, como causas de cólera no lar.

NA ESCOLA

Duas causas salientam-se sôbre tôdas as outras: fracasso e injustiça.

Para os adolescentes de ambos os sexos, o fracasso escolar determinado por notas baixas e reprovações é a causa de cólera que se registra mais freqüentemente, predominando a porcentagem do sexo masculino sôbre a do feminino.

Seguem-se as injustiças com ligeira predominância da porcentagem do sexo masculino, mas ocupando ainda um lugar de destaque em relação às demais causas.

Em terceiro lugar temos aborrecimentos e amolações com predominância da porcentagem exibida pelos indivíduos do sexo feminino.

Os adolescentes do sexo masculino citam ainda com porcentagem superior a cinco por cento: brigas e conflitos. Não citam, porém, impedimento de fazer ou obter o desejado, interferência em objetos e acusações, causas que aparecem no sexo feminino com porcentagem muito reduzida; as adolescentes apresentam com porcentagem superior a cinco por cento, causas de cólera devidas a professores e colegas, sem maior especificação (pessoas que causaram cólera).

NAMORADOS

Embora o número de causas de cólera devidas a situações sentimentais seja muito reduzido, convém ressaltar apenas o que é mais comum nessas situações: brigas e conflitos, tanto para um como pa-

ra outro sexo, sendo superior a porcentagem dos indivíduos do sexo feminino.

CONCLUSÕES REFERENTES AS SITUAÇÕES REAIS DE CÓLERA RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

1) A causa mais freqüente de cólera para os adolescentes em geral é o fracasso, principalmente escolar, traduzido por notas baixas ou reprovação.

2) A família e a escola são grandes causadoras de cólera entre os adolescentes.

3) A escola é responsável por maior número de cóleras que a família.

4) A escola e a família apresentam freqüência de causas de cólera muito superior à encontrada em situações sentimentais.

5) No lar, a causa máxima de cólera refere-se ao impedimento de fazer ou obter o desejado.

6) Na escola a causa mais freqüente de cólera são as notas baixas e reprovações.

7) Entre namorados, a causa de cólera mais comum deriva de brigas e conflitos.

8) A família apresenta maior variedade de causas que as que se encontram em situações escolares e estas que as encontradas em situações sentimentais.

9) As adolescentes apresentam maior porcentagem de cólera tanto nas situações domésticas, como nas situações escolares e sentimentais.

SITUAÇÕES GERAIS DE CÓLERA

As situações gerais, ou seja, aquelas situações que são apontadas como de ocorrência provável, diferem das situações que de fato produziram cólera há pouco tempo.

A distribuição geral das respostas referentes a — tudo aquilo que faz ficar zangado ou com raiva, encontra-se na tabela XXX.

Embora predominem em ambos os sexos as mesmas causas gerais de cólera, não têm, entretanto, em cada um, a mesma ordenação.

Enquanto o impedimento de fazer ou obter o desejado é a causa mais freqüente para o sexo feminino (16,5%), encontramos como causa predominante no sexo masculino, aborrecimentos e amolações (14,3%).

Consideremos, porém, somente aquelas causas de cólera cuja freqüência atinge ou ultrapassa cinco por cento, e observemos a sua distribuição em ordem decrescente para cada sexo.

TABELA XXX: SITUAÇÕES PROVÁVEIS DE CÓLERA RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS

CAUSAS GERAIS DE CÓLERA	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
IMPEDIMENTO DE FAZER OU OBTER O DESEJADO	39	12.7	64	16.5	103	14.8
ABORRECIMENTOS, AMOLAÇÕES	44	14.3	43	11.1	87	12.5
FRACASSO, PRINCIPALMENTE ESCOLAR	40	13.0	42	10.8	82	11.8
PESSOAS QUE CAUSARAM CÓLERA	27	8.8	30	7.7	57	8.2
INJUSTIÇAS	21	6.8	30	7.7	51	7.3
BRIGAS, CONFLITOS	20	6.5	24	6.2	44	6.3
IMPEDIMENTOS MATERIAIS	22	7.2	13	3.4	35	5.0
CAÇOADAS, HUMILHAÇÕES	10	3.2	22	5.9	33	4.8
ATIVIDADES DESAGRADÁVEIS	12	3.9	20	5.2	32	4.6
MENTIRAS, FALSIDADES	7	2.3	23	5.9	30	4.3
SANÇÕES NEGATIVAS	5	1.7	14	3.6	19	2.7
AULAS, ESTUDO	7	2.3	11	2.9	18	2.6
ESBARRÕES, PISÕES	16	5.2	1	0.3	17	2.5
IMPERFEIÇÕES, INCOMPETÊNCIA	11	3.6	1	0.3	12	1.7
APARÊNCIA FÍSICA	6	1.9	5	1.3	11	1.6
FALTA DE CORRESP. OU CONSIDERAÇÃO	5	1.6	6	1.5	11	1.6
INTERFERÊNCIA EM OBJETOS	5	1.6	6	1.5	11	1.6
INTERFERÊNCIA EM ATIVIDADE	6	1.9	4	1.0	10	1.4
ORDENS E IMPOSIÇÕES	1	0.3	7	1.8	8	1.2
PERDA OU DANIFICAÇÃO DE OBJETOS	1	0.3	5	1.3	6	0.9
INCOMPREENSÕES	-	-	5	1.3	5	0.7
MOTIVOS FÚTEIS, À TOA	1	0.3	4	1.0	5	0.7
INTROMISSÃO DE OUTRAS PESSOAS NA VIDA	-	-	3	0.8	3	0.4
NÃO CUMPRIMENTO DE PROMESSAS	-	-	2	0.5	2	0.3
ALIMENTAÇÃO DESAGRADÁVEL	-	-	2	0.5	2	0.3
ACUSAÇÕES	1	0.3	-	-	1	0.1
CORRUPÇÃO MORAL	1	0.3	-	-	1	0.1
TOTAL	308	100.0	388	100.0	696	100.0

TABELA XXXI

Posição relativa das causas gerais de cólera de maior freqüência

C A U S A S	S E X O	
	Masculino	Feminino
Aborrecimentos e amolações ..	1º	2º
Fracasso escolar	2º	3º
Impedimento de fazer ou obter o desejado	3º	1º
Pessoas que causaram cólera ..	4º	4º
Impedimentos materiais	5º	
Injustiças	6º	4º
Brigas e conflitos	7º	5º
Esbarrões, pisões.....	8º	
Mentiras e falsidades		6º
Caçoadas, humilhações		6º
Atividades desagradáveis		7º

As três primeiras causas gerais de cólera citadas, tanto pelos adolescentes de um como de outro sexo são idênticas, e as porcentagens se aproximam, o que não encontramos nas causas específicas. Podemos, portanto, considerar como causas principais de cólera em geral, para ambos os sexos: **aborrecimentos e amolações, fracasso, principalmente escolar e impedimento de fazer ou obter o desejado.**

As demais causas, cuja freqüência é superior a cinco por cento apresentam também semelhanças para os dois sexos, com exceção de impedimentos materiais e esbarrões e pisões cuja freqüência é

muito reduzida e inferior à masculina, e com exceção também de mentiras e falsidades, caçoadas e humilhações e atividades desagradáveis, cuja frequência masculina é inferior à feminina.

Não aparecem entre os adolescentes do sexo masculino causas gerais de cólera devidas a incompreensões, a intromissão de outras pessoas na vida, não cumprimento de promessas e alimentação desagradável; entre os do sexo feminino não se encontram acusações e corrupção moral como determinantes de cólera em geral.

Passemos agora à consideração dessas mesmas causas de cólera dentro das situações em que realmente se verificaram: no ambiente familiar, no ambiente escolar e entre namorados.

A FAMÍLIA, A ESCOLA E O NAMORADO

Tal como se verifica com as causas específicas de cólera, também entre as causas gerais a escola e a família têm grande influência como causadoras de cólera entre os adolescentes, ainda que em porcentagem menos elevada, como se observa na tabela XXXII.

Enquanto as adolescentes revelam-se um pouco mais frustradas no lar que os adolescentes, estes manifestam porcentagem ligeiramente superior de cólera provocada pelo meio escolar.

O total de causas devidas a situações sentimentais é mínimo, em relação aos dois anteriores, e assemelha-se muito para os dois sexos.

A relação das situações de cólera verificadas no lar, na escola e entre namorados, encontra-se nas tabelas XXXIII, XXXIV e XXXV.

NO LAR

Enquanto os adolescentes indicam mais frequentemente pessoas da família como possíveis causadoras de cólera (22,7%) sem especificar a razão pela qual os poderão irritar, as adolescentes citam igualmente pessoas de casa como causa mais provável de cólera (22,1%) e com igual frequência citam também aborrecimentos e amolações.

Com pequena diferença de frequência as causas de cólera mais comuns no meio familiar são as mesmas e mantêm idêntica ordenação em ambos os sexos, como se pode notar na tabela XXXVI.

TABELA XLI - COMPORTAMENTOS REAIS DE CÓLERA RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

COMPORTAMENTOS ESPECIFICOS DE CÓLERA	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
CHORAR	8	2.6	99	27.9	107	16.2
NÃO FAZER NADA	44	14.4	46	12.9	90	13.6
REPRESSÃO OU CONTRÓLE	37	12.1	47	13.2	84	12.7
AGRESSÕES VERBAIS	38	12.4	34	9.5	72	10.9
RECUSA, NEGATIVISMO	39	12.7	26	8.4	65	9.8
ATIVIDADES SUBSTITUTAS	28	9.2	22	6.2	50	7.6
AGRESSÕES FÍSICAS CONTRA OUTREM	27	8.8	6	1.6	33	5.0
MANIFESTAÇÕES MOTORAS	14	4.6	17	4.7	31	4.7
COMPORTAMENTO VERBAL NÃO AGRESSIVO	13	4.3	16	4.5	29	4.4
BRIGAR, EXPLODIR, REAGIR, ETC.	15	4.9	6	1.6	21	3.2
PESSIMISMO, ANGÚSTIA, RAIVA, ETC.	8	2.6	11	3.1	19	2.9
DESFORRAR-SE, VINGAR-SE	8	2.6	6	1.6	14	2.1
DESEJO DE VINGAR-SE	9	2.9	4	1.1	13	1.9
CONFORMAR-SE, RESIGNAR-SE	6	2.0	7	1.9	13	1.9
AGRESSÃO CONTRA OBJETOS	6	2.0	6	1.6	12	1.8
AGRESSÃO CONTRA SI PRÓPRIO	3	1.0	--	--	3	0.5
DESEJO DE MORRER	--	--	1	0.2	1	0.2
RUBOR, PALIDEZ	1	0.3	--	--	1	0.2
PERTURBAÇÕES DIGESTIVAS	1	0.3	--	--	1	0.2
AGRESSÃO CONTRA ANIMAIS	1	0.3	--	--	1	0.2
TOTAL	306	100.0	354	100.0	660	100.0

COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS DE CÓLERA

A relação dos comportamentos específicos de cólera encontra-se na tabela XLI, com distribuição por sexos.

Nos comportamentos de cólera que tiveram lugar no prazo de três meses anteriores à data da investigação, destaca-se o choro como comportamento predominante e destacado (27,9%) entre as adolescentes; para os rapazes a frequência maior refere-se a não fazer nada (14,4%) seguida de perto por outros tipos de comportamento: recusa ou negativismo (12,7%), agressões verbais (12,4%) e repressão ou controle (12,1%). Os comportamentos mais frequentes entre os adolescentes são também os mais citados pelas adolescentes superando ligeiramente os rapazes em repressão ou controle (13,2%) e apresentando frequência mais baixa em não fazer nada (12,9%), agressões verbais (9,5%) e recusa ou negativismo (8,4%).

Temos ainda, com frequência superior a cinco por cento, citados pelos rapazes os seguintes comportamentos: atividades substitutas (9,2%) e agressões físicas contra outrem (8,8%); e relatadas pelas moças: atividades substitutas (6,2%).

Em ordem decrescente de frequência assim se apresentam os comportamentos mais frequentes de cólera entre os adolescentes:

TABELA XLII

Posição relativa dos comportamentos específicos de cólera de maior frequência

COMPORTAMENTOS	SEXO	
	Masculino	Feminino
Não fazer nada	1º	3º
Recusa ou negativismo	2º	5º
Agressões verbais.....	3º	4º
Repressão ou controle.....	4º	2º
Atividades substitutas	5º	6º
Agressões físicas contra outrem..	6º	
Chorar		1º

As principais diferenças que se notam são no comportamento de chorar, tão comum entre as adolescentes e que tão pouco se verifica entre os adolescentes do sexo masculino (2,6%) e no comportamento agressivo contra outrem mais típico dos rapazes e mínimo entre as moças (1,6%).

Se considerássemos os comportamentos com totais inferiores a cinco por cento, encontraríamos também diferença principalmente no comportamento explosivo mais comum entre os rapazes (4,9%) do que entre as mocinhas (1,6%).

Não aparece nos indivíduos do sexo masculino o desejo de morrer como comportamento de cólera, que é aliás, citado uma única vez por uma das adolescentes.

Por sua vez, não se encontram entre as moças os comportamentos seguintes verificados entre os rapazes: agressão contra si próprio, rubor ou palidez, perturbações digestivas e agressão contra animais, todos aliás relatados com frequência mínima.

Como se vê, são os rapazes que apresentam maior variedade de comportamentos efetivos de cólera.

CONCLUSÕES REFERENTES AOS COMPORTAMENTOS REAIS DE CÓLERA RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

1) Chorar é o principal comportamento de cólera relatado pelas adolescentes, sendo mínimo entre os adolescentes do sexo masculino.

2) Os rapazes apresentam como comportamento mais frequente de cólera: não fazer nada, com frequência pouco mais elevada do que recusa ou negativismo, agressões verbais e repressão ou controle.

3) Em agressões físicas — contra outrem, contra objetos, contra animais ou contra si próprio — predominam ou só existem frequências masculinas.

4) A maior diferença entre os adolescentes de cada sexo reside em chorar, que é comportamento quase exclusivamente feminino; em agressões e explosões, comportamentos predominantemente masculinos.

COMPORTAMENTOS GERAIS DE CÓLERA

A distribuição das respostas que referem comportamentos possíveis de cólera acha-se na tabela XLIII.

Em tudo aquilo que se pensa fazer quando surgir uma ocasião de raiva ou zanga, tem o primeiro lugar o choro entre as adolescentes (23,0%) com grande superioridade sobre os demais comportamentos e a repressão ou controle entre os adolescentes do sexo masculino (17,2%).

TABELA XLIII COMPORTAMENTOS PROVÁVEIS DE CÓLERA RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

COMPORTAMENTOS GERAIS DE CÓLERA	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
REPRESSÃO OU CONTRÔLE	46	17.2	59	16.5	105	16.8
CHORAR	6	2.3	82	23.0	88	14.1
ATIVIDADES SUBSTITUTAS	39	14.6	33	9.2	72	11.5
AGRESSÕES VERBAIS	23	8.6	41	11.5	64	10.3
RECUSA, NEGATIVISMO	26	9.7	27	7.6	53	8.5
NÃO FAZER NADA	22	8.2	25	7.0	47	7.5
MANIFESTAÇÕES MOTORAS	17	6.4	27	7.6	44	7.1
BRIGAR, EXPLODIR, REAGIR	21	7.9	14	3.9	35	5.6
AGRESSÕES FÍSICAS CONTRA OUTREM	21	7.9	6	1.7	27	4.3
DESFORRAR-SE, VINGAR-SE	8	3.0	12	3.4	20	3.2
COMPORTAMENTO VERBAL NÃO AGRESSIVO	6	2.3	12	3.4	18	2.9
DESEJO DE VINGAR-SE	7	2.6	6	1.7	13	2.1
AGRESSÃO CONTRA OBJETOS	9	3.4	2	0.6	11	1.8
CONFORMAR-SE, RESIGNAR-SE	9	3.4	2	0.6	11	1.8
PESSIMISMO, ANGUSTIA, RAIVA, ETC.	2	0.7	4	1.1	6	1.0
AGRESSÃO CONTRA SI PRÓPRIO	3	1.1	3	0.8	6	1.0
RUBOR, PALIDEZ	2	0.7	1	0.2	3	0.4
DESEJO DE MORRER	--	--	1	0.2	1	0.1
TOTAL	267	100.0	357	100.0	624	100.0

Embora pensem em chorar bastante quando enraivecidas, as moças também esperam controlar-se (16,5%) quase tanto como os rapazes (9,7%) do que pelas mocinhas (7,6%), o mesmo podendo-se dar de inibirem as manifestações de cólera recorrendo a atividades substitutas ou compensatórias (14,6%).

As agressões verbais são mais lembradas pelas adolescentes (11,5%), ainda que a elas pensem recorrer também os adolescentes (8,6%).

O comportamento de recusa ou negativismo é mais citado pelos rapazes (9,7%) do que pelas mocinhas (7,6%), o mesmo podendo se dizer com referência àqueles que pensam não fazer nada quando encolerizados (8,2% e 7,0%).

São os adolescentes do sexo masculino que agridem e que “explodem” mais, como se pode notar pela diferença de porcentagem entre a frequência masculina e feminina em cada um dos comportamentos seguintes: agressões físicas contra outrem (7,9% e 1,7%), contra objetos (3,4% e 0,6%) contra si mesmo (1,1% e 0,8%); brigar, explodir ou reagir (7,9% e 3,9%).

Em manifestações motoras as adolescentes (7,6%) superam um pouco os adolescentes (6,4%).

A comparação entre os adolescentes de ambos os sexos pode-se estabelecer melhor através do paralelo entre as posições dos comportamentos cuja frequência é igual ou superior a cinco por cento, como se aprecia na tabela seguinte:

TABELA XLIV

Posição relativa dos comportamentos gerais de cólera de maior frequência

COMPORTAMENTOS	SEXO	
	Masculino	Feminino
Repressão ou contrôle	1º	2º
Atividades substitutas	2º	4º
Recusa ou negativismo	3º	5º
Agressões verbais.....	4º	3º
Não fazer nada	5º	6º
Brigar, explodir, reagir.....	6º	
Agressões físicas contra outrem.	6º	
Manifestações motoras.....	7º	5º
Chorar		1º

Tal como se deu nos comportamentos efetivos de cólera, chorar é comportamento tipicamente feminino, mantendo frequência reduzidíssima entre os rapazes (2,3%); no entanto a repressão ou contrôle da manifestação de cólera alcança porcentagem aproximada entre os adolescentes de ambos os sexos.

Enquanto os rapazes pensam desferrar-se agredindo fisicamente, as moças preferem agredir verbalmente aquêles que as encolerizarem.

O desejo de morrer, como comportamento provável de cólera citado apenas por uma adolescente, é o único tipo de comportamento que os adolescentes do sexo masculino não indicam, tal como se verificou na relação dos comportamentos reais de cólera.

CONCLUSÕES REFERENTES AOS COMPORTAMENTOS PROVÁVEIS DE CÓLERA, RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

1) As adolescentes apresentam como comportamento mais provável de cólera: chorar.

2) A repressão ou contrôle da manifestação é o comportamento mais indicado pelos rapazes nas possíveis situações de cólera que surjam.

3) Os adolescentes do sexo masculino preferem agredir fisicamente enquanto as adolescentes são mais inclinadas às agressões verbais.

4) As diferenças mais acentuadas entre os adolescentes de cada sexo estão em: chorar, que é citado predominantemente pelas adolescentes e explodir e agredir fisicamente, que são mais freqüentes entre rapazes.

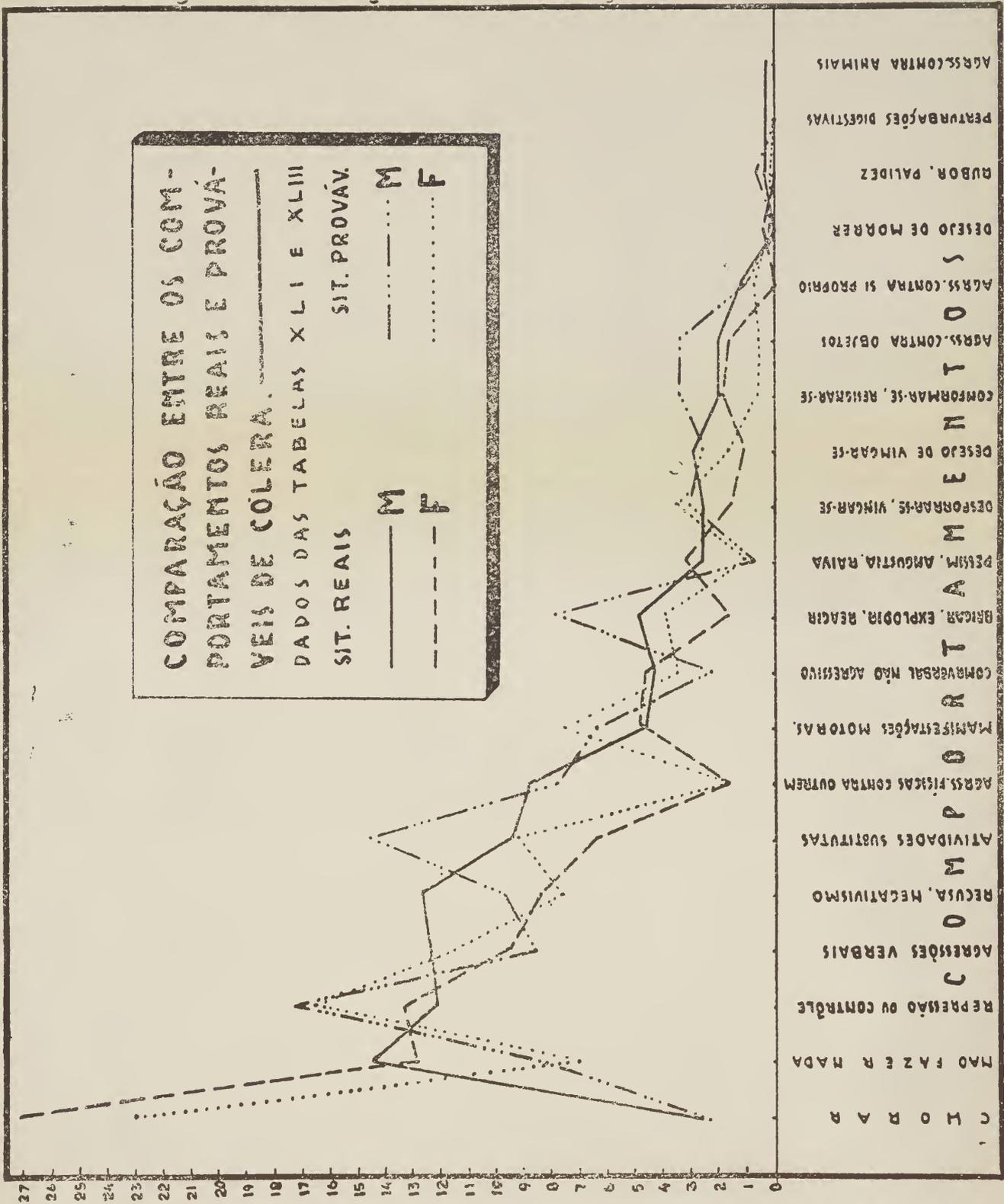
COMPARAÇÃO ENTRE OS COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS E GERAIS DE CÓLERA

Entre os comportamentos efetivos e os comportamentos prováveis de cólera existe diferença. Nem tudo aquilo que se fez quando encolerizado é alegado como reação a qualquer outra situação possível de cólera que surja, e muito do que é indicado como comportamento de cólera em geral, não ocorreu nas situações reais e recentes.

O paralelo entre os comportamentos reais e os comportamentos possíveis de cólera, relatados por adolescentes de ambos os sexos encontra-se representado na figura 26.

Por aí pode-se notar que chorar, que alcança freqüência tão elevada e predominante, é comportamento tipicamente feminino tanto

FIGURA 26



real quanto possível, sendo, porém, mais freqüente como comportamento já ocorrido do que como comportamento esperado. Os rapazes quase não choram e também quase não pensam em chorar quando encolerizados.

No nível adulto as mulheres, conforme observou LANDIS (citado por JERSILD 1946, p. 761), choram mais do que os homens; essa conclusão poderia aplicar-se também agora às adolescentes em situações de cólera.

A inibição da manifestação de cólera pode assumir formas diferentes: uma delas é aquela em que o indivíduo trata de dominar-se **controlando-se** ou **reprimindo-se** e outra é a em que o indivíduo não pode ou não tenta fazer algo contra aquilo que o enraiveceu, permanecendo quieto; talvez aqui tenhamos como causa real e verdadeira dessa **incapacidade confessada de reagir**, o medo de provocar uma situação pior ainda. Como se apresenta, porém, o contrôle de si mesmo entre os adolescentes? Esse comportamento é muito mais citado como aquilo que se espera fazer em situações de cólera, do que aquilo que realmente se fez em situações já ocorridas. São os adolescentes do sexo masculino os que, com freqüência pouco mais elevada que as adolescentes, alegam pensar em controlar-se ou dominar-se em possíveis situações de cólera, mas são as adolescentes as que relatam maior número de vêzes em que se dominaram efetivamente. A inibição da manifestação por incapacidade de reagir assume aspecto diverso: é comportamento muito mais real do que esperado e predomina entre os rapazes como comportamento efetivo ou provável de cólera.

Há ainda uma terceira forma de auto-domínio, reprimindo a manifestação de raiva: é substituí-la por outra atividade qualquer. Temos então o comportamento que podemos chamar de **substituto** ou **compensatório**. É comportamento ocorrido mais freqüentemente entre os adolescentes do sexo masculino e mais freqüentemente também citado por eles como provável em situações que se derem.

Se considerarmos êsses três tipos de comportamento que inibem a manifestação de cólera, verificaremos que o domínio de si mesmo pela repressão do comportamento em situações de raiva ou zanga, é mais freqüente entre os rapazes do que entre as mocinhas.

As **agressões verbais** manifestam-se muito mais como comportamento de cólera entre os adolescentes masculinos nas situações efetivas relatadas e são mais lembradas pelas adolescentes, principalmente em situações prováveis.

Já em **agressões físicas** dirigidas contra outrem os rapazes têm a primazia tanto no que já fizeram como no que pensam fazer quando com raiva; as mocinhas além de citarem bem poucas vêzes essa reação, apresentam-na com freqüência muito aproximada tanto no comportamento efetivo como no comportamento esperado.

Em agressões contra objetos os rapazes ganham também, sendo porém mais freqüentes entre eles os comportamentos que talvez venham a dar-se do que os que já se deram; as adolescentes, ao contrário, são efetivamente mais agressivas do que imaginam: descarregaram sua raiva em objetos mais do que pensam fazê-lo em novas oportunidades. O contrário se verifica ao considerarmos as agressões contra si próprio: embora comportamento muito pouco freqüente convém observar que as moças manifestaram-no reduzidas vêzes mas pensam manifestá-lo mais freqüentemente; os rapazes fazem exatamente o contrário: agrediram-se mais realmente do que desejam fazê-lo em outras ocasiões. DOLLARD (1939) nota que a auto-agressão pode muitas vêzes ocorrer, tal como outros comportamentos agressivos, como consequência de frustração.

De um modo geral, os indivíduos do sexo masculino são mais agressivos e isso se revela principalmente em agressões físicas. As mulheres, mais reprimidas, usam pouco o comportamento de agressão física, para com êle descarregarem suas cóleras e zangas.

Fazer "greves" recusando-se a algo ou assumindo atitude de negativismo predomina entre os adolescentes do sexo masculino como comportamentos recentes relatados ou comportamentos possíveis imaginados. Tanto para um como para outro sexo, porém, os comportamentos efetivos de recusa ou negativismo são mais freqüentes que os comportamentos prováveis citados.

Em manifestações motoras, como comportamento de cólera, os adolescentes de ambos os sexos assemelham-se muito quanto à freqüência de tal reação em situações que se deram há pouco tempo; diferem, porém, quanto às situações prováveis em que a freqüência feminina é mais elevada que a masculina.

Tanto os adolescentes como as adolescentes acham muito mais fácil explodir, estourar, reagir em situações que talvez ocorram, do que em situações que de fato ocorreram, mas em ambas os rapazes são os que mais se salientam.

Há várias reações ainda cuja análise seria interessantíssima se fôsem relatadas mais freqüentemente; convém no entanto, apesar disso, considerar rapidamente algumas delas:

O comportamento de vingança ou desforra é lembrado para ocasiões de cólera que possam verificar-se, mas não foi muito empregado quando se deparou a ocasião para tal; já o desejo de vingar-se foi usado praticamente pelos rapazes mais do que imaginativamente e pelas moças é comportamento mais provável do que real.

Revelam-se mais deprimidas as adolescentes do que os adolescentes quando falam de pessimismo, angústia, raiva como reações de cólera, tanto reais como esperadas; não são elas, porém, as que citam conformidade ou resignação como comportamentos mais freqüentes. Se observarmos melhor, no entanto, veremos que as moças se conformam realmente muito mais do que imaginam; com os ra-

pazes temos caso oposto: alegam muito mais conformidade do que manifestam.

O comportamento verbal não agressivo é mais comum na realidade do que se espera, tanto em adolescentes de um como de outro sexo, sendo porém, as moças que mais o empregaram e que mais pensam em usá-lo quando com raiva.

O desejo de morrer, que pode ser também considerado como uma forma de auto-agressão é revelado apenas por adolescentes do sexo feminino, uma vez apenas como ocorrência efetiva e outra vez como ocorrência possível.

Perturbação digestiva e rubor ou palidez, foram indicados quase exclusivamente por adolescentes do sexo masculino. No entanto é bem conhecido o fato da influência que têm os estados emocionais sobre o funcionamento orgânico. DUNBAR (1946, p. 273 e 373) apresenta resultados de estudos e considerações sobre as emoções determinando perturbações digestivas e distúrbios relacionados com a pele.

No estudo dos comportamentos de cólera encontramos tal como já havíamos constatado no estudo das causas de cólera, uma variação entre aquilo que se fez realmente ao estar encolerizado e o que se poderá talvez fazer em situações futuras: nem tudo que se alega como comportamento de cólera já foi de fato usado como tal e inversamente. As reações que tiveram lugar realmente, nem sempre são as que se esperam repetir mais tarde.

O que encontramos permite-nos verificar que a manifestação do comportamento de cólera vai desde as explosões até a ausência de reação. JERSILD (1946, p. 770) nota que um inventário das manifestações de cólera na idade escolar e nível adolescente incluiria não somente explosões violentas de temperamento, mas também as incontáveis expressões menos vulcânicas de cólera que se encontram no emburramento, na resistência, na conduta de obstinação, na prevenção, na implicância, nas ameaças, na crítica hostil, bem como em muitas formas de comportamento chamado anti-social que frequentemente representa uma forma de agressão, tal como no roubo, na mentira, no vandalismo, na vadiagem e na crueldade.

Poderíamos acrescentar que já no nível adolescente se encontra com frequência não muito reduzida a inibição da manifestação de cólera, o que é mais aproximado da maturidade do adulto.

OS COMPORTAMENTOS REAIS E PROVÁVEIS DE CÓLERA EM RELAÇÃO À IDADE

Estudados em bloco, sem que se leve em consideração a variação que apresentam através dos anos adolescentes, os comportamentos de cólera não são tão significativos. Vejamos, portanto, a evolução das condutas de cólera mais citadas pelos adolescentes, cujas frequências constam das tabelas XLV e XLVI.

REPRIMIR-SE OU CONTROLAR-SE

A capacidade de repressão ou contrôle das manifestações de cólera cresce com a idade e parece ser, tanto nas situações reais como nas situações esperadas, uma resposta que se torna predominantemente masculina.

Tanto as curvas do desenvolvimento efetivo como de expectativa revelam ser a capacidade de auto-contrôle uma forma de desenvolvimento do comportamento na cólera, pois, segundo afirma BROOKS (1937, p. 300), os primitivos modos de resposta são suplantados por outros, menos violentos e mais aprovados socialmente; aí entra, pois, em grande parte a repressão da manifestação de cólera (vide fig. 27).

CHORAR

Ao contrário do primeiro tipo de comportamento, o choro é reação tipicamente feminina. Poucos rapazes dizem chorar ou esperar chorar — e isto só nos anos de puberdade.

Em tôdas as idades, as jovens choram com grande freqüência ou alegam — com freqüência ainda maior — esperar chorar quando se encolerizam. Há um aumento, com a idade, de choro como reação emocional entre as moças, quando zangadas ou irritadas; JERSILD (1946, p. 761) observa que entre as crianças maiores e entre os adultos há um aumento relativo do choro às escondidas por razões de pesar, diferente de aborrecimentos momentâneos (vide fig. 28).

ATIVIDADES SUBSTITUTAS OU COMPENSATÓRIAS

Buscar realmente atividades substitutas de manifestação da cólera é conduta com predomínio masculino. Oscila como tal entre os 13 e 17 anos, tendo cume idêntico para rapazes e moças aos 16 anos. Como conduta esperada é mais freqüente na adolescência média masculina, com intensificação pubertária.

As mocinhas usam menos essa forma de comportamento, talvez porque represente ela uma forma de auto-contrôle que, como vimos, é mais masculina. Se, porém, as atividades substitutas forem prova de mau ajustamento, como fuga, ao enfrentar efetivo da causa de frustração, então é natural essa intensificação do comportamento na puberdade (vide fig. 29).

AGRESSÕES VERBAIS

Falar, quando com cólera, é resposta real predominante entre rapazes aos 12 e aos 16 anos, com decréscimo após esta idade. Eles

OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE CÓLERA EM RELAÇÃO AO SEXO E IDADE

FIG. 27 REPRIMIR-SE OU CONTROLAR-SE

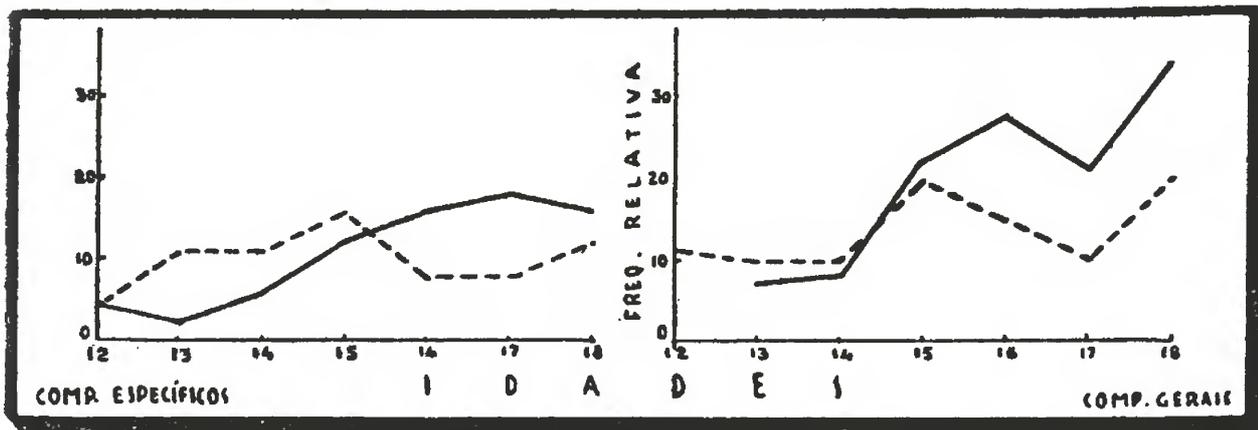


FIG. 28 C H O R A R

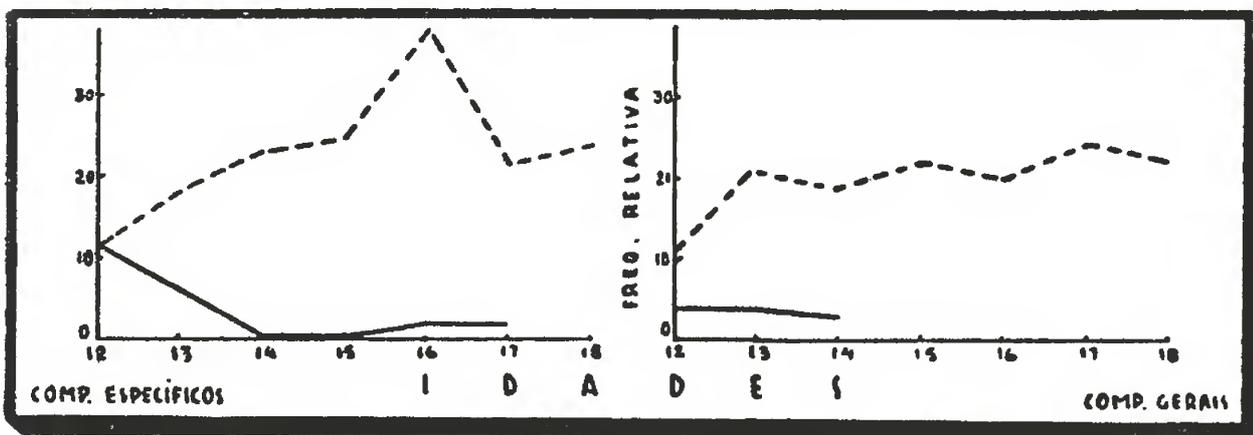


FIG. 29 ATIVIDADES SUBSTITUTAS

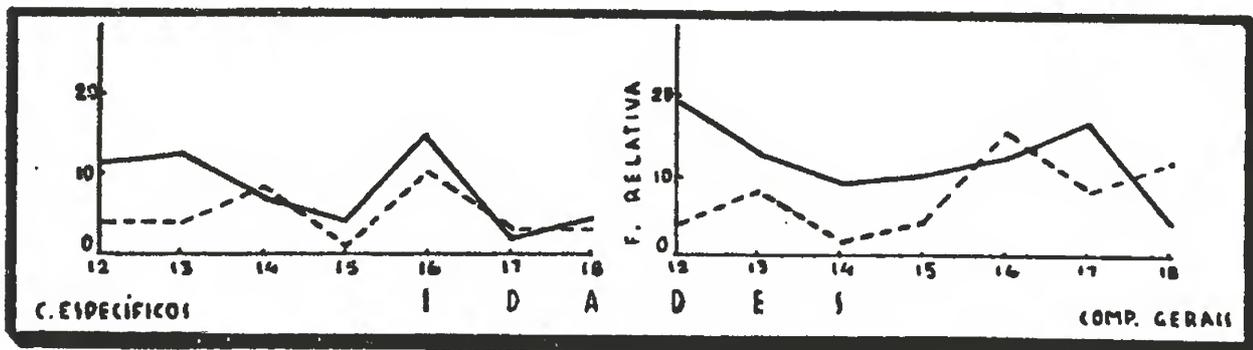
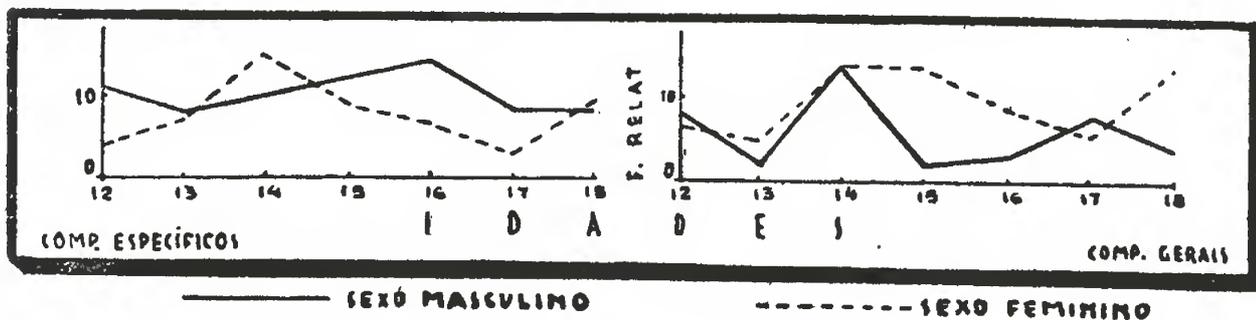


FIG. 30 AGRESSÕES VERBAIS



———— SEXO MASCULINO - - - - - SEXO FEMININO

falam mais do que elas quando encolerizados. E as mocinhas o fazem mais aos 14 anos.

Como conduta esperada é mais feminina que masculina, decrescendo nos últimos anos, com nova elevação aos 18 anos (vide fig. 30).

RECUSA, NEGATIVISMO

Respostas de auto-asserção, revelam-se como predominantemente masculinas, mantendo-se em certa uniformidade de frequência através das idades, tanto para os rapazes, como para as moças.

A resistência, representada por essa recusa ou negativismo, é uma resposta esperada à frustração que conduz à cólera e se mantém, com oscilações durante toda a adolescência.

O comportamento de recusa é, como nota JERSILD (1942, p. 285) uma forma indireta de agressão (vide figura 31).

NÃO FAZER NADA

Reprimir-se em suas reações coléricas, num reconhecimento da própria incapacidade de reagir, cresce com a idade, sendo predominante nos últimos anos para as moças, tanto nos comportamentos reais como esperados. Para os rapazes, enquanto a frequência tende a elevar-se quando relatam comportamentos que de fato ocorreram, mantém-se mais ou menos uniforme durante a adolescência, quando se trata de comportamento de possível ocorrência.

Pode-se supor que uma forma de crescimento do comportamento de cólera seja justamente essa inibição das manifestações (vide fig. 32).

MANIFESTAÇÕES MOTORAS

Predominantes entre os jovens do sexo masculino na adolescência média, inverte-se o fenômeno como resposta real nas idades mais jovens e finais, em que se registra maior frequência para as moças.

Como resposta esperada, diminui com a idade tanto para os adolescentes de um, como de outro sexo.

Comportamentos deste tipo, tais como espernear, fazer cara feia, ficar emburrado, encontram-se entre outros anotados por GOODE-NOUGH (citada por JONES 1935, p. 351) como respostas de cólera em crianças.

É provável encontrar-se, portanto, aqui outro sinal do desenvolvimento do comportamento da cólera: diminuem as manifestações motoras com o avançar da idade (vide fig. 33).

TABELA XLV

OS COMPORTAMENTOS REAIS DE CÓLERA MAIS FREQUENTES, EM FUNÇÃO DA IDADE

COMP. ESPECÍFICOS DE CÓLERA	SEXO MASCULINO											SEXO FEMININO												
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
Reprimir-se ou controlar-se	ABS.	—	1	1	4	6	7	8	4	1	3	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	%	—	4	2	6	12	16	17	16	6	23	—	100	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Chorar	ABS.	—	3	3	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	—	11	6	—	—	2	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Atividades substitutas	ABS.	—	3	6	5	2	6	1	1	1	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	—	11	12	7	4	14	2	4	6	15	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Agressões verbais	ABS.	—	3	4	7	6	6	4	2	2	2	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	—	11	8	10	12	14	8	8	12	15	40	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Recusa ou negativismo	ABS.	1	1	7	6	5	6	7	4	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	25	4	14	8	10	14	15	16	12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Não fazer nada	ABS.	—	—	7	9	9	4	5	5	2	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	—	—	14	13	18	9	11	21	12	23	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Manifestações motoras	ABS.	—	2	1	6	4	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	—	7	2	8	8	—	—	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Brigar, Explodir	ABS.	1	1	1	4	4	1	1	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	25	4	2	6	8	2	2	—	12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Agressão física contra outrem	ABS.	1	5	6	8	1	2	2	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	%	25	19	12	11	2	5	4	—	—	8	20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
TOTAL GERAL DE RESPOSTAS		4	27	48	70	50	42	47	24	17	13	5	2	2	27	45	66	75	80	35	33	13	8	4

OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE CÔLERA EM RELAÇÃO AO SEXO E IDADE

FIG. 31 RECUSA, NEGATIVISMO

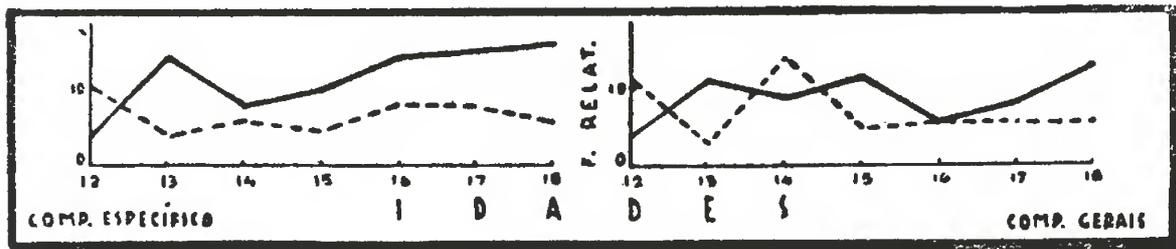


FIG. 32 NÃO FAZER NADA

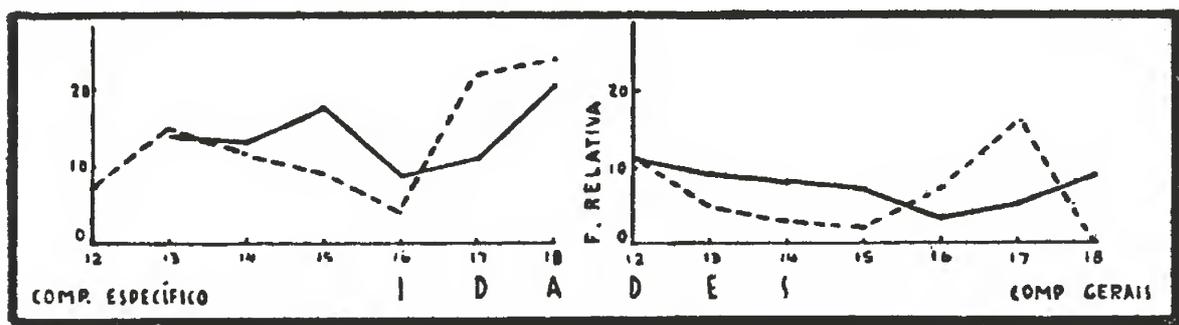


FIG. 33 MANIFESTAÇÕES MOTORAS

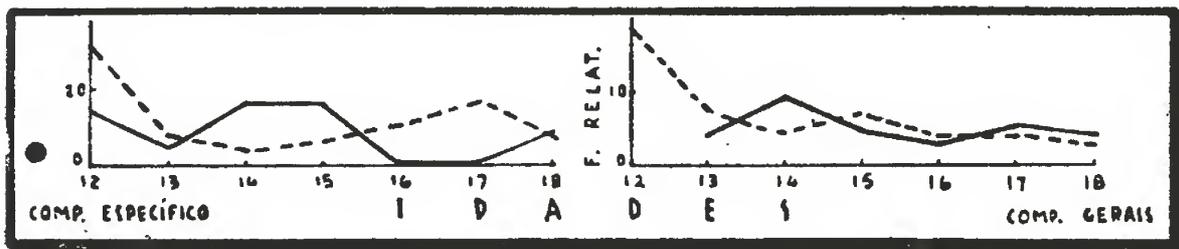


FIG. 34 BRIGAR, EXPLODIR, REAGIR

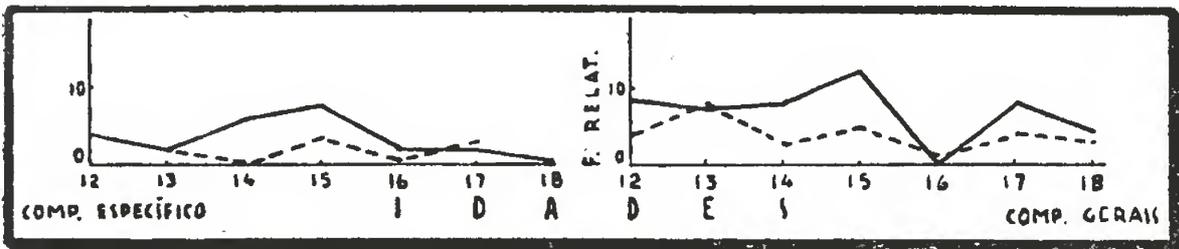
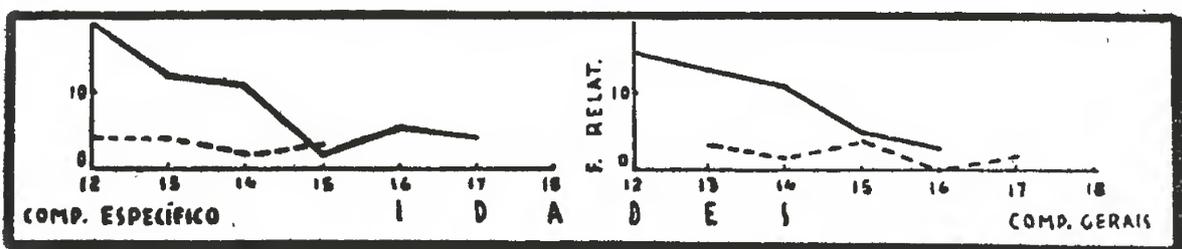


FIG. 35 AGRESSÕES FÍSICAS CONTRA OUTREM



————— SEXO MASCULINO

----- SEXO FEMININO

BRIGAR, EXPLODIR, REAGIR

São respostas tipicamente masculinas, com uma acentuação na adolescência média, e em diminuição com o crescer da idade. Revelando-se as adolescentes mais reprimidas que os jovens, é de supôr-se que se limitem mais nas condutas explosivas de cólera.

JERSILD (1946, p. 760) afirma que o declínio das "explosões" com a idade não depende somente do desenvolvimento de inibições e substituição por respostas menos evidentes, mas surge também em parte pela mudança na natureza da emoção. (vide fig. 34).

AGRESSÕES FÍSICAS

É conduta predominantemente masculina, com pequena frequência para os indivíduos do sexo feminino, nas poucas idades que entre êstes se apresenta efetiva e possivelmente.

Registra-se sensível diminuição com o crescer da idade ,

Aquí está, pois, mais uma prova do crescimento nos comportamentos de cólera: diminuem as agressões físicas.

A agressão aberta é mais aceitável já desde a infância, para os meninos em nossa cultura, expõe PINTLER (1946) e frequentemente êles recebem estimulação para tal, por parte dos pais, professores e companheiros. É possível, pois, que tenhamos aqui um resultado influenciado pelos padrões da cultura (vide fig. 35).

OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE CÓLERA EM CADA IDADE

A comparação entre os comportamentos manifestados por adolescentes de ambos os sexos, em situações recentes e os comportamentos prováveis em situações que talvez ocorram, encontra-se na figura 36.

Aos 12 anos os rapazinhos agridem fisicamente quando encolerizados e as mocinhas demonstram suas raivas e zangas através de manifestações motoras tais como "cara feia", "emburramento", "espernear" e "pular". Estas são, nessa idade, as reações mais comuns de cólera, embora outras sejam também citadas, encontrando-se variação entre os adolescentes de cada sexo nos comportamentos relatados. Se considerarmos, porém, os comportamentos que os adolescentes de 12 anos esperam ter em situações prováveis de cólera, verificaremos que as adolescentes mantêm as manifestações motoras como principal comportamento esperado; já os adolescentes do sexo masculino pensam mais em recorrer a atividades substitutas, inibindo assim a reação de cólera que poderiam ter.

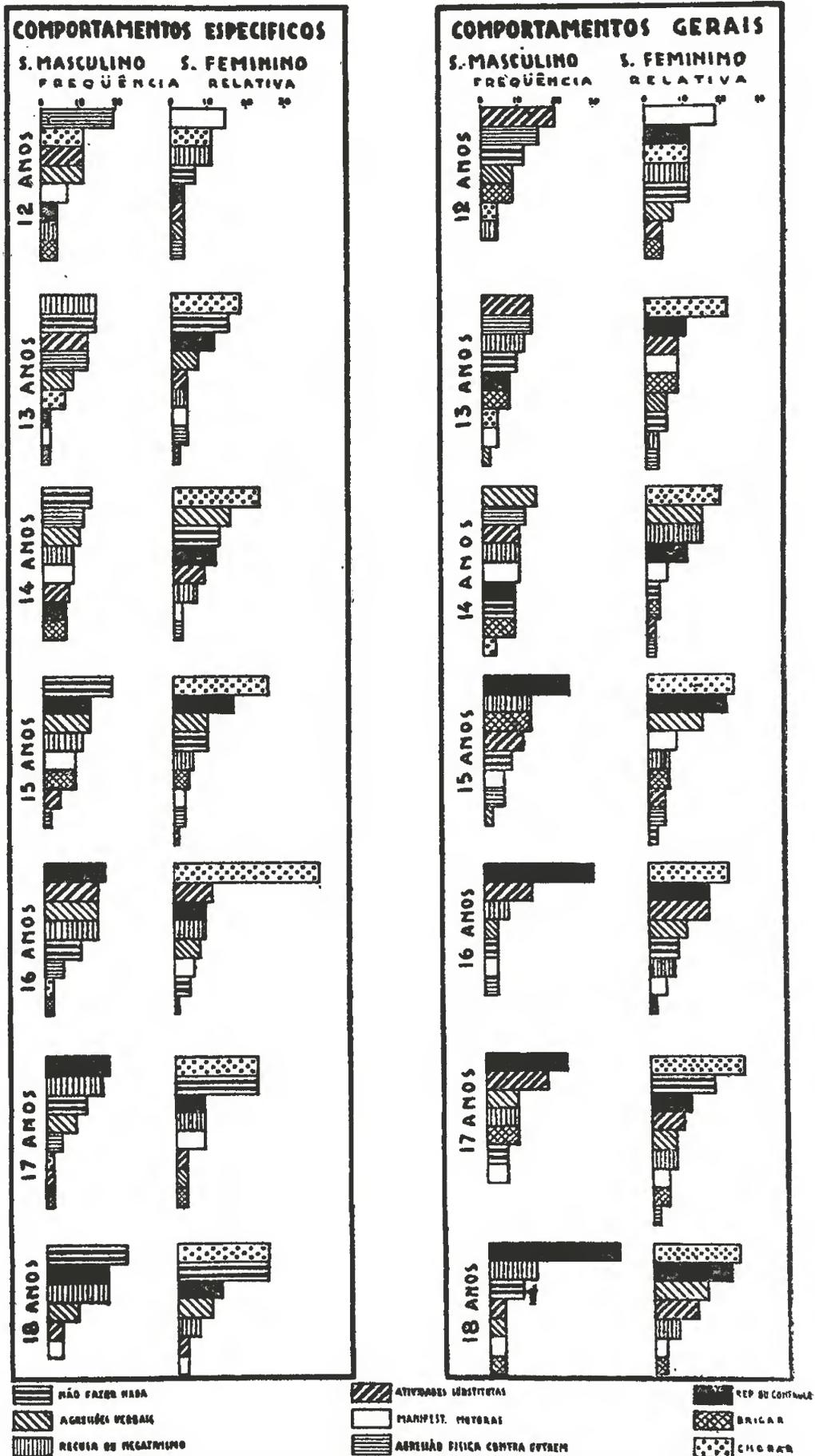
TABELA LXI - OS COMPORTAMENTOS REAIS DE MEDO MAIS FREQUENTES, EM FUNÇÃO DA IDADE

COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS DE MEDO	SEXO MASCULINO											SEXO FEMININO													
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
CHORAR, GRITAR, TREMER	ABS.	1	4	4	7	9	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	33	22	9	12	24	4	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6		
REZAR, PEDIR AUXÍLIO	ABS.	1	1	5	6	6	2	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	4	12	10	4	16	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6		
AFASTAR-SE, FUGIR	ABS.	1	6	10	8	6	2	2	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	33	26	23	14	16	4	6	17	18	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11		
NÃO SABER O QUE FAZER	ABS.	1	1	5	7	6	8	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	4	12	12	16	17	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6		
CONTRÔLE DE CAUSAS (PREVENIR)	ABS.	1	2	4	9	6	11	4	2	1	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	2	4	9	6	11	4	2	1	3	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
PROCURAR ESQUECER OU DISTRAIR-SE	ABS.	1	1	1	4	3	3	6	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	1	4	3	3	6	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
OCULTAR-SE	ABS.	1	1	5	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	33	4	12	3	3	2	3	6	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9		
ENFRENTAR A SITUAÇÃO	ABS.	1	1	2	3	2	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	2	3	2	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
CONTROLAR-SE	ABS.	1	1	1	4	2	2	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	1	4	2	2	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
BUSCAR COMPANHIA	ABS.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
TOTAL GERAL DE RESPOSTAS		9	23	43	57	37	46	32	17	11	9	4	3	3	28	39	54	65	71	33	18	10	3	4	2

TABELA LXII - OS COMPORTAMENTOS PROVÁVEIS DE MEDO MAIS FREQUENTES, EM FUNÇÃO DA IDADE

COMPORTAMENTOS GERAIS DE MEDO	SEXO MASCULINO											SEXO FEMININO													
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
CHORAR, GRITAR, TREMER	ABS.	1	2	5	8	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	33	9	14	19	10	5	3	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15		
REZAR, PEDIR AUXÍLIO	ABS.	1	3	3	4	1	4	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	3	3	4	1	4	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
AFASTAR-SE, FUGIR	ABS.	1	3	7	6	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	33	13	19	10	6	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
NÃO SABER O QUE FAZER	ABS.	1	3	3	7	3	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	3	3	7	3	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
CONTRÔLE DE CAUSAS (PREVENIR)	ABS.	1	3	2	4	4	7	5	3	2	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	3	2	4	4	7	5	3	2	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
PROCURAR ESQUECER OU DISTRAIR-SE	ABS.	1	1	5	3	6	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	5	3	6	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
OCULTAR-SE	ABS.	1	3	6	6	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	3	6	6	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
ENFRENTAR A SITUAÇÃO	ABS.	1	2	1	2	2	5	1	4	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	2	1	2	2	5	1	4	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
CONTROLAR-SE	ABS.	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	1	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
BUSCAR COMPANHIA	ABS.	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
	%	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
TOTAL GERAL DE RESPOSTAS		3	23	37	59	31	42	30	21	13	14	1	1	2	27	39	57	71	74	42	24	10	4	2	2

FIG. 36 OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE CÓLERA EM CADA IDADE
 (DADOS DAS TABELAS XLV E XLVI)



Aos 13 anos passam a ocupar o primeiro lugar, entre os rapazi-
nhos, o **comportamento de recusa ou negativismo**, geralmente atra-
vés de “greves” e a **ausência de qualquer manifestação** que parece
ser na realidade determinada pelo temor de provocar uma situação
pior que a do momento; entre as mocinhas, predomina o **chôro** como
reação mais freqüente de cólera, reação que é ainda mais freqüente
como comportamento possível em novas ocasiões.
relatam como reações mais prováveis de cólera: **atividades substitu-
tas e agressões físicas**.

Aos 14 anos enquanto as adolescentes continuam a citar o **chôro**
como comportamento esperado. Os adolescentes do sexo masculino
que preferiram nada fazer, pensam recorrer, em novas situações, a
agressões verbais.

Aos 15 anos as moças citam com freqüência ainda mais elevada
o **chorar** como reação real e esperada e os rapazes que relataram em
situações efetivas **nada terem feito**, indicam a **repressão ou contrôle**
como comportamento efetivo e provável de cólera, os adolescentes

Aos 16 anos os rapazes reprimiram suas reações de cólera e in-
dicam o mesmo comportamento, com freqüência mais elevada, em
situações prováveis; as moças choraram muito quando encolerizadas
e pensam fazer o mesmo quando se zangarem novamente.

Aos 17 anos temos caso idêntico, sendo que o **chôro** diminui
entre as moças como reação efetiva e aumenta como reação prová-
vel; entre os rapazes o **contrôle** aumenta ligeiramente como compor-
tamento real e baixa como comportamento esperado.

Aos 18 anos os rapazes indicam com freqüência muito elevada
o **contrôle** como reação provável de cólera e relatam **ausência de ma-
nifestação** como reação efetiva e recente. As moças recorreram e
continuam pensando em recorrer ao **chôro** quando encolerizadas..

Considerados, pois, os comportamentos mais freqüentes em cada
idade notamos que as moças resolvem o caso chorando, ou seja na-
da fazendo de efetivo para resolver a situação de raiva ou zanga.
Os rapazes manifestam maior capacidade de inibir a reação de có-
lera, seja usando a repressão, seja através do **contrôle de si mesmo**
ou da **ausência manifesta de qualquer reação**. As atividades substitu-
tas que revelam também **auto-contrôle** são mais indicadas por êles.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE AS MANIFESTAÇÕES DE CÓLERA ENTRE OS ADOLESCENTES

A citação de maior número de comportamentos diferentes de
cólera refere-se às situações efetivas dentro do prazo de três meses,
anterior à data em que se fêz a investigação. Nota-se, porém, uma
variação entre rapazes e moças: aquêles citam com freqüência
maior comportamentos em situações reais de cólera e estas, em si-

tuações prováveis, o que nos sugere a conclusão de que os indivíduos do sexo masculino são mais efetivos em suas manifestações de cólera reagindo quando encolerizados, enquanto os indivíduos do sexo feminino pensam mais em reações possíveis que poderão empregar, mas não as executam sempre, revelando assim repressão mais acentuada.

Impossibilitados de manifestar livremente suas reações de cólera, as mulheres buscam refúgio no pranto, altamente freqüente entre elas quando encolerizadas; essa reação, mínima entre os homens, caracteriza-se, pois, por ser tipicamente feminina, não só como comportamento que já se deu, mas também como comportamento que provavelmente se há de dar.

Os homens revelam maior capacidade de auto-domínio reprimindo-se, seja anulando inteiramente a reação de cólera, seja substituindo-a por outra atividade compensatória.

Não só nas reações mais freqüentes divergem os indivíduos de um e outro sexo: há diferenças várias em muitos outros aspectos do comportamento emotivo, em situações de cólera.

Os rapazes demonstram maior agressividade visível do que as moças, principalmente quando relatam agressões físicas, e dão mais expansão do que elas às suas raivas e zangas em explosões ou “estouros”. As mulheres, mais reprimidas, usam menos agressão como resposta de cólera; muitas delas, porém desejariam agredir mais do que o fazem ou de que o podem fazer, o que se constata pela diferença entre os comportamentos reais e prováveis que relataram.

Por que variam assim os indivíduos de cada sexo? YOUNG, K. (1946, p. 71) declara que desde que a aprendizagem humana tem lugar em meio social, é evidente que não apenas as emoções são em certo sentido, respostas aprendidas, mas são socialmente determinadas. E a sociedade determina evidentemente diferenças de educação e de maneiras de agir para cada sexo.

O estudo dos comportamentos de cólera através das idades do período adolescente nos permitiu verificar que embora se possa perfeitamente notar um desenvolvimento em vários tipos de reação colérica, continuam existindo entre os adolescentes comportamentos de cólera que são comuns em crianças. Isto não deve espantar, pois, já RICHARDSON e GATES (citados por JERSILD 1946, p. 770) ao descreverem reações de cólera do nível adulto incluíram entre as mesmas, muitas formas de comportamento que são também exibidas por crianças: impulsos para irritar os outros, réplicas sarcásticas ou descorteses; choro, gritos, juras; impulsos para chamar a outras pessoas ou apelar para a autoridade; imagens visuais e motoras, invectivas imaginárias e observações cortantes; palavras irascíveis e ações tendentes a provocar desagrado, mas disfarçadas em gracejos; uso de sátira e ironia, insinuações, etc.; exaltação imaginária do ego e

preocupação com a conduta que poderá ser usada como resposta à futura provocação.

Embora o comportamento emotivo apresente normalmente um desenvolvimento através do qual os padrões infantis de manifestação de cólera se modifiquem, aproximando-se mais e mais das respostas menos violentas, mais aceitas e aprovadas socialmente, é fato comum notar-se em um mesmo indivíduo variação em suas manifestações de cólera, nos diversos ambientes a que se ajusta. Além disso, o desajustamento em um ou em vários dos ambientes a que pertence, pode refletir-se em todo o comportamento que apresente. Assim, o aluno desadaptado na escola pode ser na realidade um desajustado no lar, onde não encontra condições favoráveis, e êsse desajustamento reflete-se em sua vida escolar e geral.

M Ê D O

SITUAÇÕES ESPECÍFICAS E GERAIS DE MÊDO

Os mêdos ocorridos recentemente, isto é, no período de três meses, anteriores à data da investigação, são estudados como situações específicas e os que podem ocorrer em qualquer tempo incluem-se nas situações gerais de mêdo.

AUSÊNCIA DE RESPOSTA

Tanto nas causas específicas como nas causas gerais de mêdo há ausência de resposta por parte dos adolescentes de ambos os sexos, como se observa na tabela XLVII. Predomina a ausência de resposta quando se trata de tudo aquilo que faz ficar com mêdo, ou seja de tôdas aquelas situações em que o indivíduo espera ficar atemorizado.

MÉDIA DE RESPOSTAS POR INDIVÍDUO

Excluído o número de indivíduos cujos questionários revelam ausência de resposta e considerando-se o total de respostas dadas pelos indivíduos restantes, encontra-se maior média de respostas que relatam situações gerais de mêdo, o que importa em dizer que aquilo que se teme nem sempre chegou a surgir realmente. É, portanto, diferente ter mêdo do que possa acontecer e ter sentido mêdo de coisas que de fato aconteceram.

São as adolescentes que manifestam maior número de respostas tanto nas causas específicas (1,5) como nas causas gerais de mêdo (1,7) do que os adolescentes do sexo masculino (1,2 e 1,5 respectivamente).

SITUAÇÕES DE MÊDO RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

Os resultados mais gerais do estudo das respostas obtidas encontram-se na tabela XLVIII.

Na ausência de mêdo as adolescentes alcançam maior frequência quando se trata de respostas relativas a situações reais e recentes;

TABELA XLVII - AUSÊNCIA DE RESPOSTA NAS SITUAÇÕES ESPECÍFICAS E GERAIS DE MEDO

SITUAÇÕES DE MEDO	EM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS				EM SITUAÇÕES GERAIS				
	M	F	T	M	F	T	M	F	T
AUSÊNCIA DE RESPOSTAS	25	22	47	47	35	82			
%	7.4	5.3	6.2	11.8	6.7	8.9			
RESPOSTAS OBTIDAS	314	391	705	351	490	841			
%	92.6	94.7	93.8	88.2	93.3	91.1			
ABS.	339	413	752	398	525	923			
%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0			
TOTAL									

TABELA XLVIII - SITUAÇÕES DE MEDO RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

APRESENTAÇÃO GERAL DAS RESPOSTAS

RESPOSTAS OBTIDAS	EM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS				EM SITUAÇÕES GERAIS				
	M	F	T	M	F	T	M	F	T
AUSÊNCIA DE MEDO	28	41	69	23	25	48			
%	8.9	10.5	9.8	6.6	5.1	5.7			
RESPOSTAS SEM NEXO	4	3	7	16	9	25			
%	1.3	0.8	1.0	4.6	1.8	3.0			
TIVERAM OU PODERÃO TER MEDO	282	347	629	312	456	768			
%	89.8	88.7	89.2	88.8	93.1	91.3			
ABS.	314	391	705	351	490	841			
%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0			
TOTAL									

são os adolescentes do sexo masculino, porém, os que com porcentagem um pouco mais elevada esperam não sentir medo futuramente.

As respostas sem nexos ou incompreensíveis, dada a sua frequência tão reduzida, não serão objeto de atenção especial.

Passemos ao estudo das respostas que referem medos sentidos recentemente e medos prováveis em situações vindouras.

CAUSAS ESPECÍFICAS DE MEDO

A distribuição por frequência das causas efetivas de medo entre os adolescentes de ambos os sexos encontra-se na tabela XLIX.

Os adolescentes revelam o seu grande problema de estudantes ao indicar o fracasso na escola como causa máxima de medo, problema esse sentido mais intensamente pelos adolescentes do sexo masculino (34,4%) do que pelos do sexo feminino (16,4%).

Para os rapazes o fracasso escolar, traduzido por notas baixas ou reprovação, é a principal causa de medo, com grande superioridade sobre todas as demais; para as moças, as situações perigosas, tais como desastres e assaltos, aparecem como porcentagem muito semelhante (16,1%) à da primeira causa apontada. Os indivíduos do sexo masculino mostram-se menos preocupados com perigos oferecidos pelo tráfego e pelos assaltantes (14,2%). Seria interessante verificar se em adolescentes do interior o receio de desastres de rua ocorre com frequência igual ou menor, pois que entre adolescentes da cidade de São Paulo esse medo é perfeitamente compreensível.

As causas predominantes de medo têm, como vemos, significação semelhante para os adolescentes de cada sexo, mas já se notam variações que se observam melhor pela posição que mantêm as situações de medo, relatadas com frequência superior a cinco por cento (vide tabela L).

Aparecem com porcentagens muito semelhantes, para os adolescentes de ambos os sexos, o medo determinado por sanções negativas, castigos em geral (13,1% e 13,8%, respectivamente), pela morte (7,4% e 6,9%) e por animais (5,7% e 5,5%).

Mostra-se o sexo feminino mais suscetível à impressão causada por filmes, leituras e programas de rádio (8,4%) do que o sexo masculino (4,3%); o mesmo pode-se dizer quanto ao medo provocado por ruídos (4,9% no sexo feminino e 1,4% no masculino).

As adolescentes manifestam também, embora aqui as porcentagens já não possam ser consideradas como significativas, mais medo de ficar só (4,3%) do que os adolescentes (2,5%).

Não se registram entre os rapazes, medos referentes a situações ou indivíduos estranhos, perda de pessoa querida por afastamento ou abandono, situações ou problemas sexuais, acontecimentos inesperados, perda de segurança ou de propriedade.

TABELA XLIX - SITUAÇÕES REAIS DE MEDO RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

SITUAÇÕES ESPECÍFICAS DE MEDO	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
FRACASSO PRINCIPALMENTE ESCOLAR	97	34.4	57	16.4	154	24.5
SITUAÇÕES PERIGOSAS	40	14.2	56	16.1	96	15.3
SANÇÕES NEGATIVAS	37	13.1	48	13.8	85	13.5
MORTE	21	7.4	24	6.9	45	7.1
IMPRESS. CAUSADA POR CINE, RÁDIO, LEITURA	12	4.3	29	8.4	41	6.5
ANIMAIS	16	5.7	19	5.5	35	5.6
DOR, TRATAM. MÉDICO, DOENÇA	12	4.3	19	5.5	31	4.9
ACONTECIMENTOS DESAGRADÁVEIS (aborrecim.)	13	4.6	12	3.5	25	4.0
ESCURO	9	3.2	14	4.0	23	3.6
FICAR SÓ	7	2.5	15	4.3	22	3.5
RUIDOS	4	1.4	17	4.9	21	3.3
CRIATURAS OU ACONTECIMENTOS IMAGINARIOS	8	2.8	6	1.7	14	2.2
SONHOS, PESADELAS	5	1.8	9	2.6	14	2.2
SITUAÇÕES OU INDIVÍDUOS ESTRANHOS	—	—	10	2.9	10	1.6
PERDA DE PESSOAS QUERIDAS POR AB. OU AFAST.	—	—	7	2.0	7	1.1
SITUAÇÕES OU ASSUNTOS SEXUAIS	—	—	3	0.9	3	0.5
ACONTECIMENTOS INESPERADOS (sustos)	—	—	1	0.3	1	0.2
CATR	1	0.3	—	—	1	0.2
PERDA DE SEGURANÇA, DE PROPRIEDADE	—	—	1	0.3	1	0.2
TOTAL	282	100.0	347	100.0	629	100.0

TABELA L

Posição relativa das causas reais de medo mais frequentes, entre os adolescentes

C A U S A S	S E X O	
	Masculino	Feminino
Fracasso, principalmente escolar	1º	1º
Situações perigosas	2º	2º
Sanções negativas.....	3º	3º
Morte	4º	5º
Animais	5º	6º
Impressão causada por leitura, rádio, cinema		4º
Dor, tratamento médico, doença		6º

O único medo não relatado pelas moças é o referente a cair e que aparece uma única vez citado por um rapaz.

Não trataremos dos medos cuja citação não alcança porcentagem igual ou superior a cinco por cento, dada sua tão reduzida frequência, embora constem das tabelas que apresentamos.

CONCLUSÕES REFERENTES ÀS CAUSAS REAIS DE MEDO RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

1) A principal causa efetiva de medo refere-se ao fracasso escolar: notas baixas e reprovações, seguida do medo de situações perigosas, principalmente desastres e assaltos e sanções negativas: castigos, repreensões.

2) Os indivíduos do sexo masculino apresentam o fracasso escolar como causa de medo que se destaca sobre tôdas as demais (34,4%). Para os indivíduos do sexo feminino, ainda que o fracasso escolar esteja em primeiro lugar (16,4%), encontramos com frequência muito aproximada o medo de situações perigosas (16,1%).

3) O medo de sanções negativas apresenta frequência aproximada nos dois sexos (13,1% e 13,8%) podendo-se dizer o mesmo

TABELA LI- SITUAÇÕES PROVÁVEIS DE MEDO RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

SITUAÇÕES GERAIS DE MEDO	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
FRACASSO, PRINCIPALMENTE ESCOLAR	73	23.4	64	14.1	137	17.8
SITUAÇÕES PERIGOSAS, DESASTRES	50	16.1	77	16.9	127	16.5
SANÇÕES NEGATIVAS (castigos, repreensões)	30	9.6	58	12.8	88	11.5
ANIMAIS	26	8.3	36	7.9	62	8.1
FICAR SÓ	14	4.5	47	10.3	61	7.9
MORTE	25	8.0	35	7.7	60	7.8
ACONTECIMENTOS DESAGRADÁVEIS (aborrecim.)	22	7.1	23	5.0	45	5.9
ESCURO	11	3.5	29	6.4	40	5.2
DOR, TRATAMENTO MÉDICO, DOENÇA	16	5.1	21	4.6	37	4.8
IMPRESS. CAUSADA POR CINE, RÁDIO, LEITURA	12	3.9	16	3.5	28	3.6
CRIMAT. OU ACONTECIMENTOS IMAGINÁRIOS ..	14	4.5	10	2.2	24	3.1
RUIDOS	7	2.2	13	2.9	20	2.6
SITUAÇÕES OU INDIVÍDUOS ESTRANHOS	7	2.2	12	2.6	19	2.5
SONHOS, PESADELOS	3	1.0	7	1.5	10	1.3
PERD. DE PESS. QUERID. POR ABAND. OU AFAST.	1	0.3	2	0.4	3	0.4
ACONTECIMENTOS INESPERADOS, SUSTOS	-	-	2	0.4	2	0.3
PERDA DE SEGURANÇA, DE PROPRIEDADE	-	-	2	0.4	2	0.3
SITUAÇÕES OU PROBLEMAS SEXUAIS	-	-	2	0.4	2	0.3
CAIR	1	0.3	-	-	1	0.1
TOTAL	312	100.0	456	100.0	768	100.0

do medo da morte (7,4% e 6,9%), e do medo provocado por animais (5,7% e 5,5%).

4) Os indivíduos do sexo feminino apresentam maior número de medos devidos à impressão causada por filmes, leituras e programas de rádio (8,4%) do que os indivíduos do sexo masculino (4,3%).

5) Ainda que inferior à porcentagem feminina, o medo de desastres é também bastante acentuado nos indivíduos do sexo masculino (14,2%).

6) Via de regra, em condições semelhantes, os indivíduos do sexo feminino ultrapassam os do sexo masculino no número e frequência das causas de medo.

CAUSAS GERAIS DE MEDO

A relação das causas prováveis de medo com as respectivas frequências encontra-se na tabela LI.

As causas gerais de medo não são diferentes das causas específicas e mesmo a posição relativa que ocupam é semelhante nas causas de maior frequência como se pode notar pela tabela adiante.

TABELA LII

Posição relativa das causas prováveis de medo, mais frequentes, entre os adolescentes

CAUSAS	SEXO	
	Masculino	Feminino
Fracasso, principalmente escolar	1º	2º
Situações perigosas.....	2º	1º
Sanções negativas.....	3º	3º
Animais	4º	5º
Morte	5º	6º
Acontecimentos desagradáveis .	6º	8º
Dor, tratamento médico, doença	7º	
Ficar só		4º
Escuro		7º

Tal como nas situações específicas, o fracasso escolar ocupa o primeiro lugar entre tudo aquilo que possa causar medo aos adolescentes do sexo masculino (23,4%). Já as adolescentes alegam as **situações perigosas** (17,0%) como aquilo que mais as pode atemorizar; o fracasso na escola vem em segundo lugar (14,0%), e com porcentagem bem menor que para os rapazes. Estes apresentam as situações perigosas em segundo lugar e com porcentagem semelhante (16,0%) à do sexo feminino, que citou esta causa como principal.

Figura depois para ambos os sexos o medo de sanções negativas, mais significativo para as moças (12,8%) do que para os rapazes (9,6%).

Os animais são lembrados pelos adolescentes do sexo masculino com porcentagem muito semelhante (8,3%) à das adolescentes (7,9%). A estas, também a morte amedronta um pouquinho menos (7,7%) do que a êles (8,0%).

Os adolescentes do sexo masculino apresentam com porcentagens muito reduzidas o medo do escuro (3,5%) e o de ficar só (4,5%) enquanto para as adolescentes êstes medos são de maior significação (6,3% e 10,4%).

O medo de dores, tratamento médico e doenças aflige mais aos indivíduos do sexo masculino (5,2%) do que aos do feminino (4,6%); o mesmo se aplica ao medo de acontecimentos desagradáveis (7,0% e 5,0%).

As demais causas de medo apresentam-se com frequência tão reduzida que deixam de ser significativas.

Não se registram para o sexo masculino como causas de medo, nesta parte: acontecimentos inesperados (sustos), perda de segurança ou de propriedade, situações ou problemas sexuais. E para o sexo feminino não aparece o medo de cair como causa provável de temor.

CONCLUSÕES REFERENTES ÀS CAUSAS PROVÁVEIS DE MEDO RELATADAS PELOS ADOLESCENTES

1) Entre as causas prováveis de medo alcançam maior frequência: fracasso escolar e situações perigosas.

2) O fracasso escolar é citado predominantemente pelos indivíduos do sexo masculino, ocupando o primeiro lugar entre as demais causas (23,4%).

3) Para os indivíduos do sexo feminino, a causa principal de medo são as situações perigosas (17,0%) seguida de perto de medo do fracasso na escola (14,0%).

4) O medo de sanções negativas é maior entre os indivíduos do sexo feminino (12,8%) que entre os do masculino (9,6%).

5) O medo de animais apresenta frequência aproximada em ambos os sexos (8,3% e 7,9%), aplicando-se o mesmo ao medo da morte (8,0% e 7,7%).

A porcentagem de medo devido a ficar só é maior para os indivíduos do sexo feminino (10,3%) em relação aos do sexo masculino (4,5%), o mesmo acontecendo com o medo do escuro, que apresenta maior frequência entre os indivíduos do sexo feminino (6,4%) e baixa bem entre os do sexo masculino (3,5%).

7) Os indivíduos do sexo masculino manifestam em maior porcentagem, medo devido a acontecimentos desagradáveis (7,1%) do que os do sexo feminino (5,0%).

8) Tanto no número, como na frequência das causas de medo, os indivíduos do sexo feminino ultrapassam os do sexo masculino.

COMPARAÇÃO ENTRE AS CAUSAS ESPECÍFICAS E AS CAUSAS GERAIS DE MEDO

O número de situações prováveis de medo relatadas por adolescentes de ambos os sexos revelou-se maior que o número de situações reais, em que houve de fato uma experiência de medo. Temos então que, nem tudo aquilo que se teme é por haver ocorrido anteriormente, e isso se dá porque, como explica JERSILD (1946, p. 763), à medida que a criança adquire capacidade crescente de discriminação, de agir em termos de impressões passadas, de imaginar e antecipar o futuro, seus medos são formulados predominantemente em termos de perigos remotos ou imaginários, desgraças que possam ocorrer futuramente.

A comparação entre as causas efetivas e esperadas de medo pode ser estabelecida mais facilmente através da figura 37.

A principal causa de medo relatada em situações recentes por adolescentes de ambos os sexos refere-se ao fracasso na escola: medo de tirar notas baixas ou de ser reprovado. É também em situações prováveis, o fracasso escolar, uma causa de medo bastante considerável, principalmente para os adolescentes do sexo masculino que parecem, como já se tem verificado não apenas em nosso meio (ANASTASI, 1937 p. 396 e SILVA RODRIGUES 1948, p. 9), menos ajustados à realidade escolar do que os indivíduos do sexo feminino.

Enquanto os rapazes estão predominantemente atemorizados pelos recentes fracassos na escola e continuam temendo-os mais do que a qualquer outra coisa, as adolescentes, embora receiem notas baixas e reprovações, tanto em situações efetivas como em situações prováveis, receiam, também, com frequência igual ou superior às situações perigosas, geralmente apresentadas por desastres e assal-

tos. Em situações esperadas esta causa é a que obtém mais elevada freqüência entre as jovens.

As situações perigosas são também causa comum de temor entre os rapazes e a freqüência se assemelha à das moças: é, em ordem decrescente, a segunda causa de medo para os jovens.

As sanções negativas constituídas por castigos e repreensões — raramente os adolescentes davam maiores detalhes — foram causa de medo em situações recentes, com freqüência maior do que se espera ver repetidas situações desse tipo. São as jovens que um pouco mais do que os rapazes amedrontam-se com possíveis castigos e repreensões; em situações efetivas a freqüência é muito aproximada para os adolescentes de ambos os sexos.

As causas mais destacadas de medo para os adolescentes em geral são, pois: fracasso escolar, o que se entende perfeitamente, já que estamos lidando com estudantes para os quais as notas baixas e reprovações são realmente uma perspectiva que pode atemorizar bastante; situações perigosas, e mais particularmente, desastres e assaltos, cuja freqüência é para amedrontar não apenas aos adolescentes mas a todos os que vivem em uma cidade como S. Paulo; e finalmente sanções negativas, ministradas principalmente em casa por um ou ambos os progenitores: os adolescentes ainda temem castigos e repreensões.

Temos ainda outras causas menos significativas porque de menor ocorrência, mas cuja freqüência atinge ou ultrapassa o mínimo de cinco por cento.

O medo da morte domina igualmente aos dois sexos tanto em situações reais como em situações esperadas, e as freqüências se equivalem em ambas.

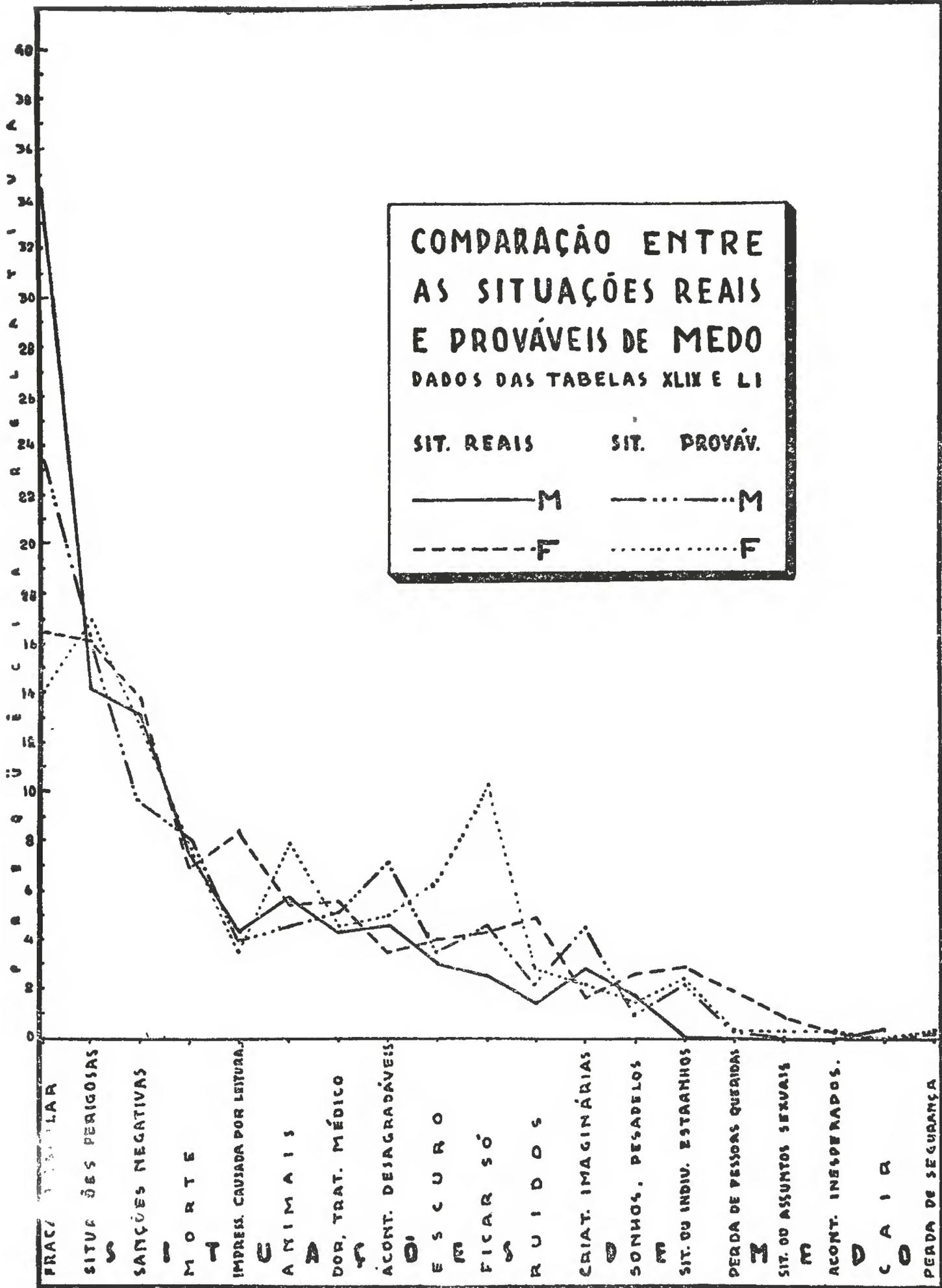
Já as moças revelam-se muito mais impressionáveis, devido a leituras, filmes ou programas de rádio, do que os rapazes, em situações recentes; tratando-se, porém, de situações prováveis esta causa é muito pouco lembrada tanto pelos adolescentes de um como de outro sexo.

Continuam os adolescentes a ter medo de animais, sendo esse medo maior do que na realidade tiveram ocasião de sentir; de fato, para moças e rapazes este medo como fator possível é mais citado do que em ocasiões recentes.

O receio de sofrer dores, de ficar doente, de ter que submeter-se a tratamento médico, etc. aparece com freqüência aproximada, quer quando citada em situações recentes, quer quando se refere a situações de ocorrência provável; isto tanto para moças, como para rapazes.

Os acontecimentos desagradáveis, tais como receber uma notícia, má, uma carta portadora de tristes novas, são principalmente relatados como causas prováveis de medo, já que a freqüência com que são citadas em situações efetivas é mais reduzida; são os jo-

FIGURA 37



vens os que mais revelam ter medo de acontecimentos desagradáveis que possam sobrevir.

O medo do escuro predominou entre as moças e é muito mais uma expectativa de medo do que um medo real. Os rapazes apresentam frequência aproximada e bem reduzida quer quando relatam situações recentes em que o escuro os atemorizou, quer quando falam em ocasiões que possam talvez vir a ter lugar.

Ficar só é entre as jovens uma causa de medo que existe principalmente como expectativa.

Outras causas ainda são relatadas, tanto efetivas como prováveis, mas que dada a sua tão limitada frequência não são significativas. Aliás, esta investigação tendo por finalidade conhecer o que é mais comum como causa de medo entre os adolescentes, não busca estudar detidamente aquilo que é pouco frequente e não oferece significação para os resultados gerais.

Tanto no número de causas relatadas — quer em situações efetivas como em situações esperadas — como na frequência das causas de medo alegadas, são os adolescentes do sexo masculino superados pelas adolescentes.

AS CAUSAS REAIS E PROVÁVEIS DE MEDO EM RELAÇÃO À IDADE

A comparação entre os medos sentidos realmente e os medos que se espera ter próxima ou remotamente pode ser melhor estabelecida através das tabelas LIII e LIV onde estão apresentados através das idades para cada sexo.

FRACASSO ESCOLAR

É a causa mais frequente de medo entre os medos sentidos nos últimos três meses. Comparando-se os sexos verifica-se que, em todas as idades é mais frequente no sexo masculino, onde é menor aos 13 anos, atingindo o máximo aos 15 anos e passando a decrescer daí por diante. Já para o sexo feminino 13 e 18 anos marcam idades de predominância com decréscimo mais sensível aos 15 anos, justamente ao contrário do que encontramos para os adolescentes do sexo masculino.

Entre as causas esperadas, o medo do fracasso na escola é sempre mais frequente entre os rapazes. Entretanto, aqui o cume da curva masculina se desloca para os 17 anos; o segundo ponto culminante encontra-se, como na curva das causas específicas, aos 12 anos; aos 13 anos diminui a frequência para aumentar gradativamente até os 17 e diminuir novamente.

Assim, se o fracasso escolar para os adolescentes investigados constitui uma causa real de medo nos últimos anos do ginásio ou na

entrada no Colégio, como expectativa de causa apresenta-se mais próximo do ingresso ao curso superior.

Para o sexo feminino as duas curvas apresentam bastante semelhança, sendo, pois, o receio do fracasso escolar uma causa efetiva e provável de medo igualmente significativa. (vide fig. 38).

SITUAÇÕES PERIGOSAS

O desenvolvimento desta causa varia também em função do sexo. Enquanto para o sexo masculino esse medo é menos freqüente, em situações reais, aos 13 anos e alcança seu cume aos 18 anos, para o sexo feminino os cumes encontram-se aos 12, 15 e 18 anos. As situações perigosas são, em geral, desastres e assaltos, ambos freqüentes na cidade de São Paulo. Por que, no entanto o medo de tais situações é mais intenso nas mocinhas, ao 12 anos, e nos rapazes ao 18 anos?

Como causas prováveis de medo, as situações perigosas citadas pelos adolescentes do sexo masculino traduzem-se em curva que mantém equilíbrio através das idades; já as adolescentes apresentam maiores freqüências aos 13 e 14 anos, com tendência a decréscimo daí por diante. Já nos medos relatados nas causas específicas havíamos encontrado a mesma tendência à diminuição desta causa de medo através das idades, para as moças. (vide fig. 39).

SANÇÕES NEGATIVAS

Referem-se a castigos e repreensões. Em situações reais a freqüência é maior para os rapazes, dos 13 aos 16 anos, mas as moças apresentam predominância dos 17 aos 18 anos. É possível que as sanções negativas se exerçam mais para o rapaz na idade de maior rebelião, que é no meio da adolescência.

Citadas como causas gerais de medo, isto é, como expectativa de padrão de conduta, o desenvolvimento é diverso: vão diminuindo com a idade, isto é, os adolescentes investigados, se afirmam que tiveram medo porque foram realmente objeto de castigos ou repreensões, esperam que as terão de temer cada vez menos com o correr da idade, ao inverso do que efetivamente se deu. (vide fig. 40).

MORTE

É uma causa de medo que permanece mais ou menos oscilante para os indivíduos do sexo feminino, com freqüência não muito significativa; para os do sexo masculino é mais freqüente até os 15 anos, decrescendo bem aos 16 para de novo subir até os 18 anos.

TABELA LIII - AS CAUSAS REAIS DE MEDO MAIS FREQUENTES, EM FUNÇÃO DA IDADE

CAUSAS ESPECÍFICAS DE MEDO	SEXO MASCULINO											SEXO FEMININO													
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
FRACASSO ESCOLAR	ABS.	-	9	11	19	16	10	6	3	3	1	1	-	4	9	10	7	14	3	5	1	1	2	1	
	%	-	38	22	31	40	32	30	24	25	30	75	100	-	15	19	15	8	15	8	21	8	20	50	50
SITUAÇÕES PERIGOSAS	ABS.	-	2	2	11	5	6	4	6	3	1	-	-	-	7	8	8	15	8	3	4	3	-	-	
	%	-	8	4	18	13	12	12	36	25	10	-	-	-	26	17	12	18	9	8	16	25	-	-	
SANÇÕES NEGATIVAS	ABS.	1	3	5	10	6	9	2	1	-	-	-	-	3	5	6	11	14	6	3	-	-	-	-	
	%	39	13	10	16	15	18	6	6	-	-	-	-	11	11	9	13	15	16	12	-	-	-	-	
MORTE	ABS.	-	2	5	4	5	1	2	2	-	-	-	-	-	2	1	3	8	4	9	1	1	1	-	
	%	-	8	10	7	13	2	6	12	-	-	-	-	-	7	2	5	10	4	8	4	8	20	-	
ANIMAIS	ABS.	-	1	6	2	2	1	2	1	-	1	-	-	1	1	2	7	3	4	1	-	-	-	-	
	%	-	4	12	3	5	2	6	6	-	10	-	-	50	4	4	11	4	4	3	-	-	-	-	
IMPRESSÃO CAUSADA POR LEITURA, CINEMA, RÁDIO...	ABS.	2	3	1	4	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	5	5	4	7	3	1	1	1	-	
	%	67	13	2	7	5	-	-	-	-	-	-	-	-	7	11	8	5	8	4	8	20	-	-	
DOR, TRATAMENTO MÉDICO	ABS.	-	1	2	2	-	1	3	-	1	2	-	-	1	1	1	2	6	4	2	2	-	-	-	
	%	-	4	4	3	-	2	9	-	8	20	-	-	50	4	2	3	7	4	5	8	-	-	-	
ACONTECIMENTOS DESAGRADÁVEIS	ABS.	-	-	-	1	-	6	3	2	-	1	-	-	1	1	1	-	2	3	2	2	-	1	-	
	%	-	-	-	2	-	12	9	12	-	25	-	-	4	2	-	2	3	5	8	-	-	25	-	
ESCURO	ABS.	-	1	4	2	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	5	2	3	3	-	-	-	-	
	%	-	4	8	3	-	2	-	6	-	-	-	-	-	4	-	8	2	3	8	-	-	-	-	
FICAR SÓ	ABS.	-	-	3	-	1	1	-	1	1	-	-	-	-	-	1	1	4	7	2	-	-	-	-	
	%	-	-	6	-	9	2	-	6	8	-	-	-	-	-	2	2	5	8	5	-	-	-	-	
TOTAL GERAL DE RESPOSTAS		3	24	51	61	40	50	33	25	12	10	4	1	2	27	46	63	83	87	36	24	12	5	4	2

TABELA LIV - AS CAUSAS PROVÁVEIS DE MEDO MAIS FREQUENTES, EM FUNÇÃO DA IDADE

CAUSAS GERAIS DE MEDO	SEXO MASCULINO											SEXO FEMININO													
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	
FRACASSO ESCOLAR	ABS.	-	10	7	11	7	12	13	7	1	3	1	1	-	6	5	12	10	16	6	5	1	1	1	
	%	-	26	14	17	19	22	33	23	7	19	50	50	-	17	12	14	9	14	9	17	5	25	33	25
SITUAÇÕES PERIGOSAS	ABS.	1	5	8	9	5	6	6	5	2	3	-	-	1	3	9	19	18	14	9	2	2	-	-	
	%	33	13	16	14	14	11	15	17	14	19	-	-	25	9	21	23	16	13	14	7	11	-	-	
SANÇÕES NEGATIVAS	ABS.	1	5	4	7	3	5	3	1	1	-	-	-	1	7	5	11	12	11	7	4	-	-	-	
	%	33	13	8	11	8	9	8	3	7	-	-	-	25	20	12	13	11	10	11	13	-	-	-	
MORTE	ABS.	-	4	4	1	2	3	3	3	3	2	-	-	-	1	-	4	8	7	4	4	4	3	-	
	%	-	10	8	2	5	5	8	10	21	12	-	-	-	3	-	5	7	6	6	13	22	75	-	
ANIMAIS	ABS.	-	2	5	5	6	2	1	1	1	3	-	-	1	2	7	6	4	9	4	2	-	-	1	
	%	-	5	10	8	16	4	3	3	7	19	-	-	25	6	16	7	4	8	6	7	-	-	25	
IMPRESSÃO CAUSADA POR LEITURA, CINEMA, RÁDIO...	ABS.	-	3	6	3	-	3	-	-	-	-	-	-	-	2	3	-	4	4	2	-	1	-	-	
	%	-	8	6	5	-	5	-	-	-	-	-	-	-	6	7	-	4	4	3	-	5	-	-	
DOR, TRATAMENTO MÉDICO	ABS.	-	4	1	1	-	4	4	1	1	1	-	-	1	2	1	4	1	7	3	1	1	-	-	
	%	-	4	1	2	-	7	10	3	7	6	-	-	25	6	2	5	1	6	5	3	5	-	-	
ACONTECIMENTOS DESAGRAD.	ABS.	-	-	4	2	2	5	3	4	1	1	1	1	-	-	1	4	3	5	4	4	1	-	1	
	%	-	-	6	5	9	8	13	7	7	50	50	-	-	2	5	3	5	6	13	5	-	33	-	
ESCURO	ABS.	-	1	4	3	-	2	-	-	-	1	-	-	-	2	-	4	11	5	2	4	1	-	-	
	%	-	3	8	5	-	4	-	-	6	-	-	-	-	6	-	4	11	5	2	4	1	-	-	
FICAR SÓ	ABS.	1	4	2	2	2	2	-	1	-	-	-	-	2	2	2	6	10	5	3	13	5	-	-	
	%	33	10	4	2	2	2	-	1	-	-	-	-	2	2	2	6	14	15	2	2	2	-	2	
TOTAL GERAL DE RESPOSTAS		3	39	49	65	37	55	39	30	14	16	2	2	4	34	42	80	105	108	59	30	17	4	8	4

AS SITUAÇÕES DE MEDO MAIS FREQUENTES, EM RELAÇÃO AO SEXO E IDADE

FIG. 38.- FRACASSO ESCOLAR

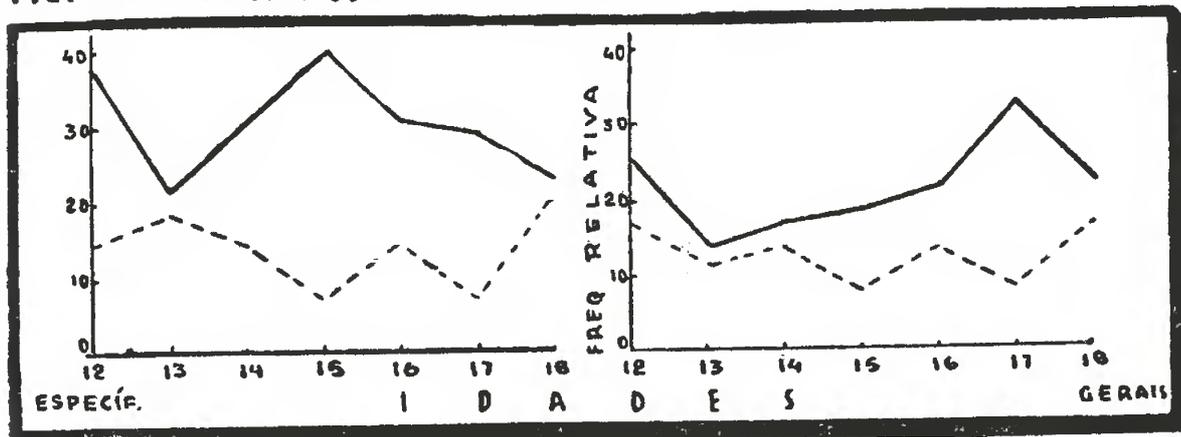


FIG. 39.- SITUAÇÕES PERIGOSAS

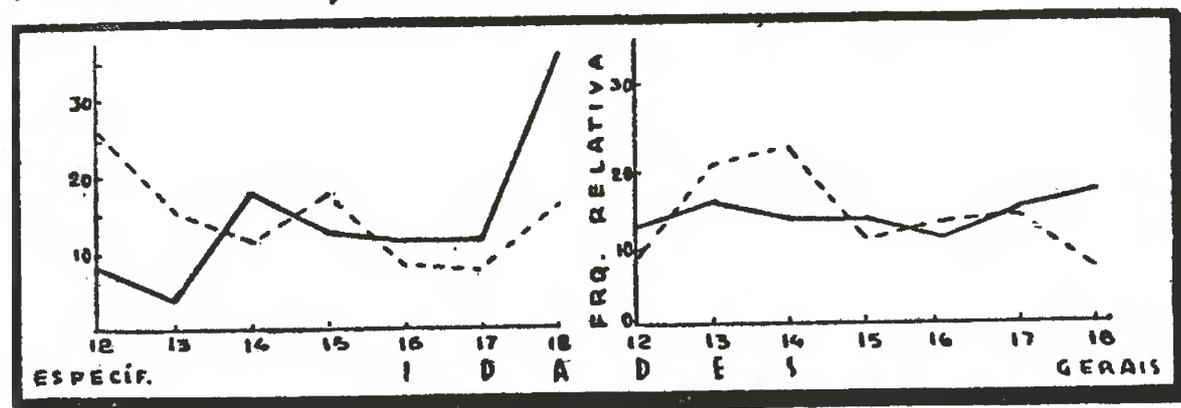


FIG. 40.- SANÇÕES NEGATIVAS

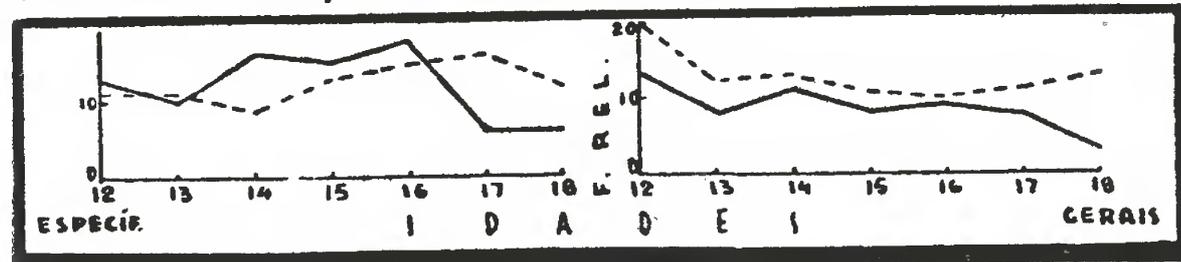


FIG. 41.- MORTE

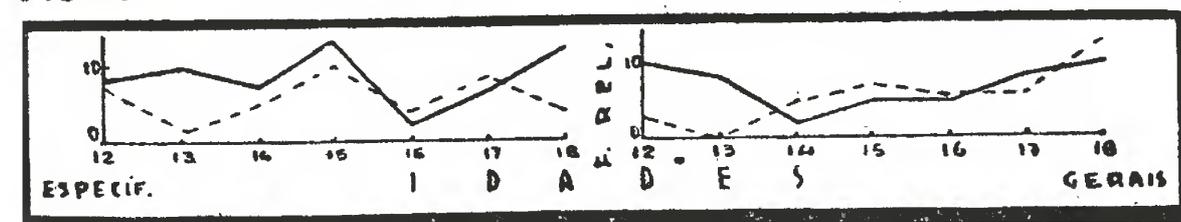
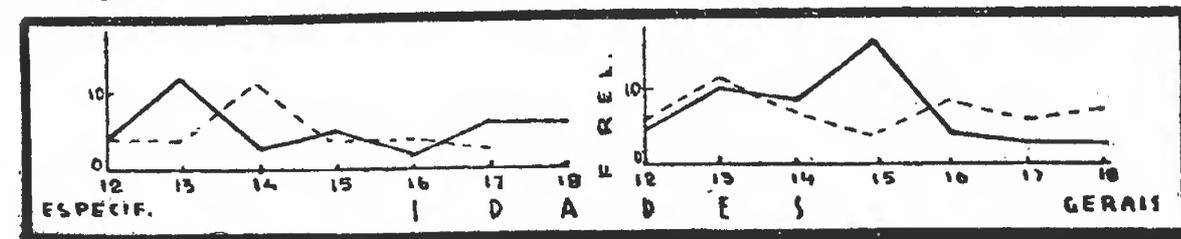


FIG. 42.- ANIMAIS



———— SEXO MASCULINO

----- SEXO FEMININO

Este medo não parece manter semelhança geral em seu traçado como o produzido por situações perigosas; deve ser então produzido por outras causas.

De novo aqui a expectativa dos fatores causais de medo manifesta-se com desenvolvimento diferente da causalidade real: o medo da morte aumenta com a idade para as moças e rapazes. A diferença entre os sexos se nota apenas nas idades iniciais da adolescência quando os indivíduos do sexo masculino se revelam mais medrosos. A partir dos 14 anos as duas curvas, feminina e masculina, são muito semelhantes. (vide fig. 41).

ANIMAIS

Esta causa de medo diminui com a idade; entretanto, em situações efetivas a maior frequência na curva masculina é aos 13 anos e na curva feminina aos 14; daí por diante nota-se decréscimo em ambas.

Como expectativa, embora haja também tendência à diminuição deste medo através das idades, os rapazes apresentam um cume pronunciado aos 15 anos; a curva feminina mostra nessa idade fenômeno contrário: o ponto de menor frequência.

Nas últimas idades, o medo de animais é mais citado por indivíduos do sexo feminino, o que já havia ocorrido também nas primeiras idades, embora a diferença entre os sexos seja um pouco mais acentuada na parte final da adolescência. (vide fig. 42).

O medo provocado por esta causa aumenta com a idade, sendo as frequências para os sexos masculino e feminino muito próximas, tanto em situações efetivas como em situações prováveis.

Trata-se de uma causa que não revelou ser muito significativa através da frequência geral que apenas se aproxima de cinco por cento (vide fig. 43).

IMPRESSÃO CAUSADA POR LEITURA, CINEMA, RÁDIO

É uma causa que provocou maior número de medos do que se espera que possa provocar de novo e é muito mais relatada pelas adolescentes.

Nota-se em ambos os sexos um declínio de frequência através das várias idades. É aos 13 anos que as mocinhas são real e possivelmente mais impressionáveis.

Os rapazes de mais de 15 anos não citam a impressão causada por leitura, filmes ou programas de rádio como causa efetiva de medo e os com mais de 16 anos não esperam atemorizar-se por isso (vide fig. 44).

AS SITUAÇÕES DE MEDO MAIS FREQUENTES, EM RELAÇÃO AO SEXO E IDADE

FIG. 43.- DOR, TRATAMENTO MÉDICO

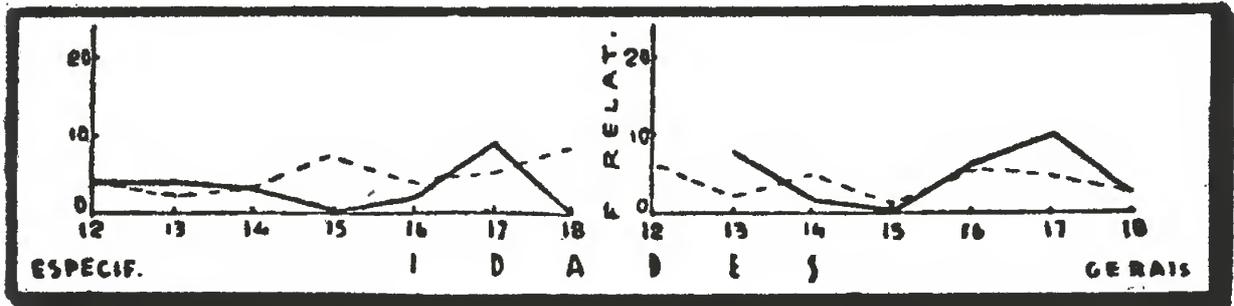


FIG 44.- IMPRESSÃO CAUSADA POR LEITURA

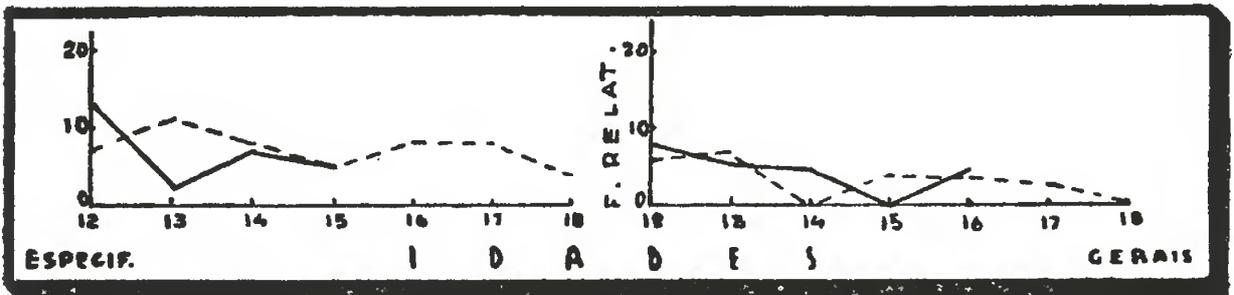


FIG. 45.- E S C U R O

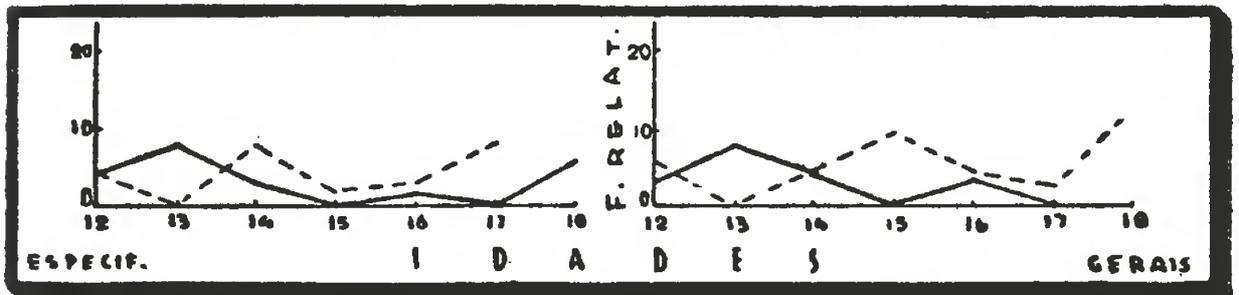


FIG. 46.- FICAR SÓ

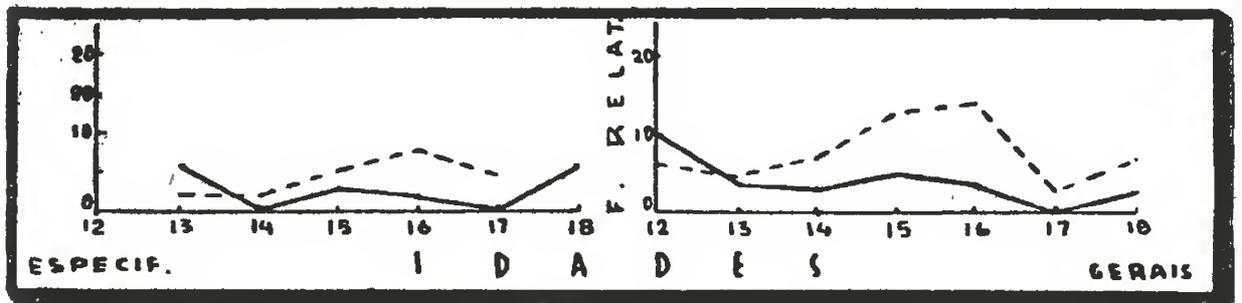
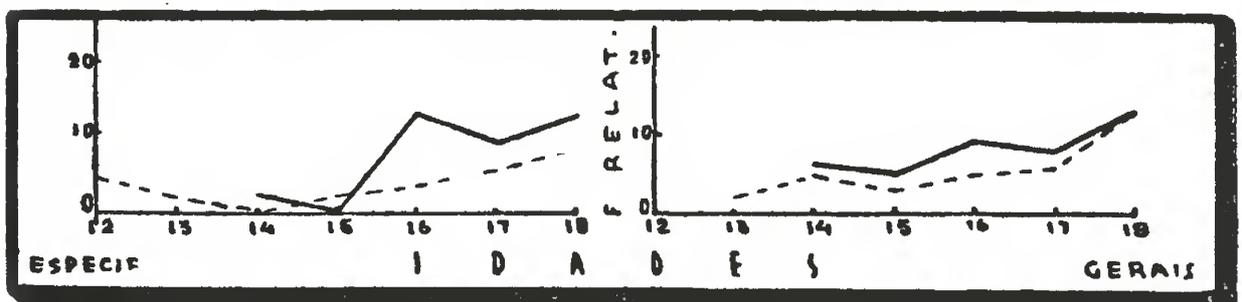


FIG. 43.- ACOMTECIMENTOS DESAGRADÁVEIS



————— SEXO MASCULINO - - - - - SEXO FEMININO

ESCURO

O medo de ficar no escuro é mais comum entre as moças, tanto em situações reais como esperadas.

As curvas masculinas revelam um declínio com a idade, embora como causa efetiva o medo do escuro aumente um pouco aos 18 anos.

É diferente a orientação das curvas que se obtêm com as adolescentes: em ambas, após um declínio dos 12 aos 13 anos há uma intensificação do medo do escuro após essa idade, com novo decréscimo e nova subida significativa. Parece pois que a tendência é para maior freqüência desta causa através das idades, principalmente em situações de ocorrência provável (vide fig. 45).

FICAR SÓ

O medo de ficar só, muito mais significativo para os indivíduos do sexo feminino, é citado preferentemente como causa possível do medo.

Enquanto para as moças este medo tende a acentuar-se com a idade até os 16 anos, para os rapazes vai diminuindo lentamente através dos anos de adolescência, em oscilações suaves (vide fig. 46).

ACONTECIMENTOS DESAGRADÁVEIS

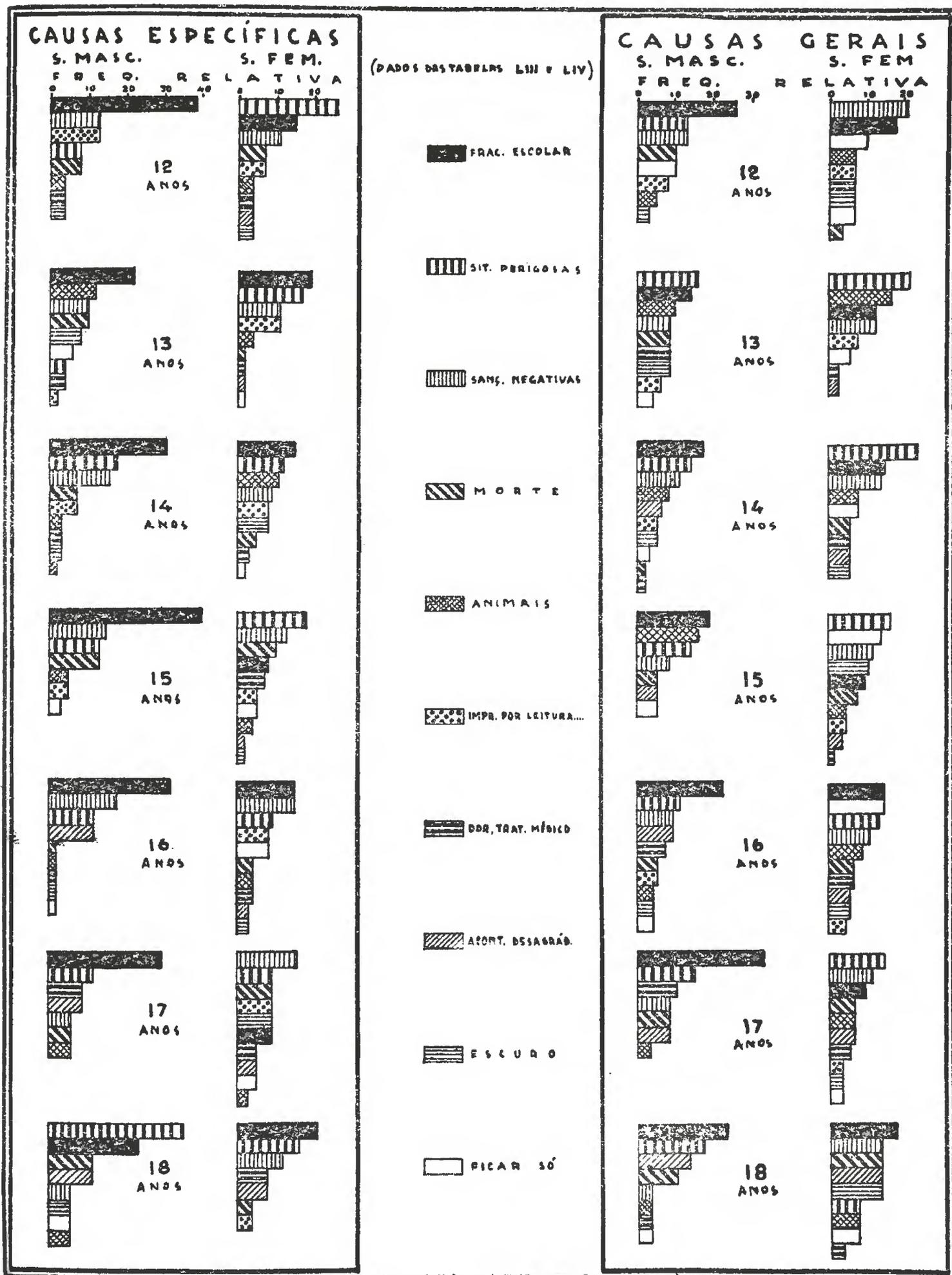
Aumentam visivelmente com a idade e são mais citados pelos rapazes, principalmente em situações efetivas, nas últimas idades. As moças não relatam muito esta causa em situações reais e recentes, mas fazem-no mais freqüentemente quando se referem a situações esperadas (vide fig. 47).

AS CAUSAS MAIS FREQUENTES DE MEDO EM CADA IDADE

O que mais freqüentemente é indicado pelos adolescentes sendo causa real ou provável de medo, apresenta variação se considerarmos a predominância das situações de medo em cada idade, como se verifica pela figura 48.

O fracasso escolar domina em tôdas as idades em situações efetivas relatadas pelos adolescentes do sexo masculino, exceto aos 18 anos em que é sobrepujado pelo medo provocado por situações perigosas. Em situações esperadas o fracasso na escola é igualmente causa principal de temor, com exceção da idade de 13 anos em que é superado levemente pelas situações perigosas.

FIG. 48.- AS CAUSAS MAIS-FREQUENTES DE MEDO EM CADA IDADE





Entre as adolescentes há maior variação quanto à causa predominante de medo em cada idade considerada.

Aos 12 anos, o fracasso na escola é causa que se destaca de todas as demais em situações efetivas para os rapazinhos e que apresenta menor frequência como medo provável; notam-se ainda como fatores de medo mais ou menos significativos, sanções negativas, impressão causada por leitura, rádio ou cinema, o primeiro dos quais é relatado com frequência semelhante como medo provável; as situações perigosas são mais causas esperadas do que efetivas. Para as mocinhas, esta última causa é a primeira entre as causas reais de medo, mas diminui sensivelmente como medo provável; o medo de sanções negativas e de fracasso na escola existem um pouco mais em expectativa do que como realidade.

Aos 13 anos, o fracasso na escola, diminuindo para o sexo masculino, aproxima-se da frequência que apresentam os indivíduos do sexo feminino como causa real, ocupando aí o primeiro lugar, colocação essa que não se mantém como causa possível de medo, cedendo a prioridade às situações perigosas, mais comum entre as mocinhas, porém. O medo de animais aparece mais em situações prováveis nos dois sexos e em situações reais no sexo masculino. O medo da morte diminui para as juvenzinhas e se mantém, como na idade anterior, para os mocinhos. Diminui para ambos os sexos o medo de sanções negativas em expectativa.

Aos 14 anos volta o fracasso escolar a se intensificar entre os adolescentes do sexo masculino, continuando, no entanto, mais como causa real do que esperada; para as adolescentes este medo se reduz em situações efetivas onde figura também em primeiro lugar, mas não muito significativamente. Ao contrário dos rapazes, as moças manifestam medo de situações perigosas, mais como causa provável do que real, o mesmo podendo afirmar-se quanto ao temor provocado por sanções negativas.

Aos 15 anos atinge o fracasso escolar o máximo de frequência em situações reais para os rapazes e se intensifica levemente em situações esperadas; para as moças o decréscimo é sensível em ambos. O medo de situações perigosas aumenta entre os indivíduos do sexo feminino como fator real e baixa levemente como expectativa de ansiedade. Eleva-se como o medo da morte e iguala-se ao medo ocasionado por sanções negativas, em situações efetivas, para os dois sexos. As jovens se atemorizam mais frequentemente com a expectativa de estarem ou ficarem sòzinhas.

Aos 16 anos o fracasso escolar continua predominando em situações reais e possíveis para os rapazes e se eleva um pouco também em ambas para as moças mas igualando-se em frequência às sanções negativas que efetivamente tiveram lugar recentemente à possibilidade de ficar só em situações que venham a ter lugar. Decresce para ambos os sexos o medo de situações perigosas e aumenta

o de sanções negativas, exceto como causa esperada pelas jovens. Evidenciam-se mais os acontecimentos desagradáveis como fator de medo, real ou provável.

Aos 17 anos intensifica-se de novo o medo do fracasso escolar entre os jovens e diminui sensivelmente entre as jovens. Para estas, as sanções negativas predominam em situações efetivas e as situações perigosas como causas em expectativa. Nesta idade, tal como se dá aos 15 anos, as moças apresentam maior variedade de medos mais frequentes do que os rapazes.

Aos 18 anos passam as situações perigosas a ser causa efetiva e predominante de medo para os moços, embora continui significativo o temor real e provável de fracasso na escola, que aumenta para as jovens em situações efetivas e prováveis. Continua para as moças o medo de sanções negativas que se torna pouco significativo entre os rapazes. Para êstes, entretanto, é mais elevado o temor de acontecimentos desagradáveis que ocupa lugar de destaque entre as jovens, apenas como possibilidade de medo. É interessante observar ainda que decresce muito a expectativa de situações perigosas para as adolescentes, sendo menos freqüente como causa esperada, do que em qualquer outra das idades anteriores.

Verifica-se, pois, que o medo se vai modificando através das idades e que tal variação assume feições particulares para os indivíduos de cada sexo: o fracasso escolar se destaca sempre mais como freqüência masculina e o medo de acontecimentos desagradáveis é mais intenso nas idades mais avançadas entre os rapazes. Entre as moças há maior variedade de causas que predominam nesta ou naquela idade, real ou provavelmente; há também menor intensidade na freqüência das causas predominantes de medo.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE AS CAUSAS DE MEDO ENTRE OS ADOLESCENTES

Não se conhece ainda muito a respeito do medo normal, como já se conhece sôbre a cólera normal, ainda que haja muitos estudos sôbre o medo anormal, comenta COLE (1942, p. 96).

Em investigações realizadas com adolescentes e adultos, tem-se verificado, entre outras coisas mais, que uma proporção relativamente grande de medos da infância persiste de uma ou outra forma na idade adulta, conforme a afirmação de JERSILD e HOLMES (1935, p. 365) ao se referirem aos resultados de tais estudos.

É JERSILD (1946, p. 764) ainda quem observa que entre os medos mais freqüentemente persistentes estão os relacionados com animais, escuro e perigos imaginários associados com o escuro, fracasso pessoal ou inadequação e perigos de acidentes ou danos físicos produzidos por afogamento, colisões, fogo, etc.

Bases mêdos coincidem com vários dos que encontramos na presente investigação, havendo apenas que omitir o medo de afogar-se e o medo do fogo ou de incêndios, que talvez não apareceram por serem poucas as oportunidades que facilitem afogamentos na cidade de São Paulo e também por ser bastante reduzido o número de incêndios, comparado com o que se verifica em algumas cidades norte-americanas.

O medo produzido por notas baixas e reprovações, na escola, destaca-se como uma das causas mais freqüentes entre o que atemoriza os adolescentes de ambos os sexos, assumindo lugar preponderante entre tôdas as demais causas, no caso dos indivíduos do sexo masculino. As jovens embora tenham bastante o fracasso escolar, apresentam com porcentagem bem elevada o medo de situações perigosas, principalmente desastres e assaltos; êste medo é maior, para elas, em expectativa do que na realidade se produziu, o que revela maior ansiedade por parte do sexo feminino. Justifica-se, porém, tal causa de temor, tratando-se de adolescentes que vivem na capital paulista onde os desastres de rua e assaltos a pessoas e residências assumem proporções desanimadoras.

Em adolescentes norte-americanos o medo de exames escolares e de acidentes de automóvel aparece freqüentemente (COLE 1942, p. 99).

Há diferenças, e por vêzes bem significativas, na porcentagem de freqüência de mêdos que realmente tiveram lugar em situações recentes e das causas de medo que existem em expectativa. Temos, portanto, que nem tudo o que já causou medo é esperado como causa possível de temor em novas situações e nem tudo o que se pensa que possa vir a provocar medo já atemorizou antes alguma vez. Essa diversidade entre o real e o provável não aparece citada em trabalhos publicados sôbre o assunto; há referências várias ao medo em expectativa, como por exemplo por LEY e WAUTHIER (1946, p. 9) mas não à possibilidade de existir variação entre o que o indivíduo relata como causa efetiva e como causa esperada de medo.

Outras diferenças aparecem claramente entre os sexos quanto àquilo que é ou se pensa que seja causa de temor. Embora as causas mais freqüentes de medo sejam idênticas para os adolescentes de ambos os sexos, já se pode notar perfeitamente variação entre êles. No caso do fracasso escolar, por exemplo, para os indivíduos do sexo masculino é a causa que se destaca de tôdas as outras causas relatadas; para os indivíduos do sexo feminino aparece com porcentagem igual à metade do que se verifica em situações reais entre os rapazes e se aproxima da porcentagem de citação de situações perigosas.

Encontram-se, entretanto, causas de medo em que os dois sexos revelam semelhanças, como o medo causado por sanções ne-

gativas, pela morte e por animais, em situações efetivas; já em situações em expectativa, as adolescentes superam os adolescentes do sexo masculino quanto ao medo que pensam ter de castigos e repreensões e também quanto ao medo que realmente tiveram ocasionado por leitura de revistas, jornais e livros, da audição de programas de rádio onde se destacam as “novelas”, da assistência de filmes tenebrosos ou trágicos. Esse medo é mais efetivo do que esperado, mostrando que o efeito dessa impressão é maior do que imaginam as jovens.

Trata-se aqui de estimulações substitutas, como diz JERSILD (1946, p. 766) e que muitas vezes podem evocar apreensões que de outra forma não surgiriam.

Cabe às jovens maior frequência no número e ocorrência de situações de medo relatadas, tanto efetiva como provavelmente.

Pode-se pois afirmar que embora os adolescentes do sexo masculino revelem maior porcentagem de medos devidos à situação escolar, real e em expectativa, as adolescentes demonstram ter maior número de medos diferentes e ser mais medrosas do que eles.

Quando não há menção à escola, como no caso do fracasso escolar, os medos são citados sem referência à pessoa ou local responsáveis pelos mesmos. Parece que as sanções negativas referem-se principalmente à família, mas não aparece nas respostas essa origem.

As causas predominantes de medo relatadas pelos adolescentes denotam desenvolvimento, embora persistam vários medos de tipo infantil, em porcentagens menos significativas, como o medo de ruídos, de acontecimentos inesperados, situações ou fisionomias estranhas. A permanência de medos infantis provou, como vimos anteriormente, ser comum segundo o que revelam investigações nesse campo.

Os adolescentes, diz COLE (1942, p. 100) atemorizam-se em situações sociais nas quais possam aparecer com desvantagem; também temem doenças ou violências acidentais e com menor extensão, crises morais... Os medos infantis são relativamente simples e pessoais; os dos adolescentes são principalmente sociais, os dos adultos são extremamente práticos.

COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS E GERAIS DE MEDO

AUSÊNCIA DE RESPOSTA

Na enumeração dos comportamentos de medo é maior a frequência de ausência de respostas do que na alegação das causas de medo, como se pode comprovar pela tabela LV.

MÉDIA DE RESPOSTAS POR INDIVÍDUO

Excluído o número de indivíduos correspondentes ao total de ausência de respostas, obtém-se para as respostas dadas a média de 1,22 para os indivíduos do sexo masculino e 1,17 para os do sexo feminino, em situações reais e recentes. Tratando-se de comportamentos esperados temos a média 1,18 para os adolescentes e de 1,25 para as adolescentes.

Há, portanto, maior número de respostas masculinas no relato de reações efetivas de medo, enquanto essa superioridade em número passa para o sexo feminino na alegação de comportamentos prováveis de medo.

COMPORTAMENTOS DE MEDO RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

A apresentação mais condensada das respostas obtidas encontra-se na tabela LVI.

Não é significativa a porcentagem de respostas sem nexos, absurdas ou incompreensíveis, encontradas nos comportamentos específicos e gerais de medo. São os adolescentes do sexo masculino que apresentam com porcentagem ligeiramente superior, respostas deste tipo.

A ausência de medo deve ser estudada dentro das respostas de causa e não de comportamento, já que o dizer que não tem medo ou não sente medo refere-se ao que amedronta e não ao que se faz quando amedrontado.

As adolescentes fornecem maior porcentagem de respostas cujo estudo se segue, embora se possa afirmar que essa predominância em porcentagem estabelece uma diferença mínima entre os dois sexos.

TABELA LV - AUSÊNCIA DE RESPOSTA NOS COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS E GERAIS DE MEDO

COMPORTAMENTOS DE MEDO	EM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS			EM SITUAÇÕES GERAIS		
	M	F	T	M	F	T
AUSÊNCIA DE RESPOSTAS	40	41	81	56	41	97
%	12.3	11.1	11.6	16.9	10.4	13.3
RESPOSTAS OBTIDAS	285	330	615	275	354	629
%	87.7	88.9	88.4	83.1	89.6	86.7
ABS.	325	371	696	331	395	726
%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
TOTAL						

TABELA LVI - OS COMPORTAMENTOS DE MEDO RELACIONADOS PELOS ADOLESCENTES

APRESENTAÇÃO GERAL DAS RESPOSTAS

RESPOSTAS OBTIDAS	EM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS			EM SITUAÇÕES GERAIS		
	M	F	T	M	F	T
AUSÊNCIA DE MEDO	22	22	44	15	20	35
%	7.7	7.7	7.2	5.5	5.6	5.6
RESPOSTAS SEM NEXO	15	14	29	13	13	26
%	5.3	4.2	4.7	4.7	3.7	4.1
TIVERAM OU PODERÃO TER MEDO	248	294	542	247	321	568
%	87.0	89.1	88.1	89.8	90.7	90.3
ABS.	285	330	615	275	354	629
%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
TOTAL						

TAB. LVII COMPORTAMENTOS REAIS DE MEDO RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

COMPORTAMENTOS ESPECIFICOS DE MEDO	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
CHORAR, GRITAR, TREMER	30	12.1	49	16.7	79	14.6
REZAR, PEDIR AUXILIO	20	8.1	59	20.1	79	14.6
AFASTAR-SE, FUGIR, POR-SE A SALVO	41	16.5	36	12.2	77	14.2
NAO SABER O QUE FAZER, NAO FAZER NADA	32	12.9	40	13.6	72	13.3
CONTROLE DE CAUSAS (prevenir)	42	16.9	17	5.8	59	10.9
PROCURAR ESQUECER-SE OU DISTRAIR-SE	19	7.7	14	4.8	33	6.1
OCULTAR-SE	14	5.6	16	5.4	30	5.5
ENFRENTAR A SITUACAO	18	7.3	11	3.7	29	5.4
CONTROLAR-SE, DOMINAR-SE	15	6.1	14	4.8	29	5.4
RACIONALIZAR (desculpar-se, mentir)	5	2.0	12	4.1	17	3.1
BUSCAR COMPANHIA	3	1.2	13	4.4	16	3.0
ROER UNHAS, APERTAR OS DEDOS	3	1.2	9	3.0	12	2.2
TOMAR CONHECIMENTO DA CAUSA (verificar)	2	0.8	2	0.7	4	0.7
RACIOCINAR	3	1.2	--	--	3	0.5
SENTIR-SE INFELIZ, ENVERGONHADO	1	0.4	2	0.7	3	0.5
TOTAL	248	100.0	294	100.0	542	100.0

COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS DE MÊDO

A distribuição por frequência dos comportamentos efetivos de medo entre os adolescentes de ambos os sexos encontra-se na tabela LVII.

Ainda que a relação de comportamentos de medo seja a mesma para os dois sexos, excluindo-se raciocinar que não é alegado como reação de medo pelos indivíduos do sexo feminino, a diferença entre moças e rapazes é bem notória.

Pode-se notar facilmente essa diferença apenas pela consideração da posição relativa que ocupam os comportamentos mais frequentes citados pelos adolescentes de cada sexo.

TABELA LVIII

Posição relativa dos comportamentos reais de medo, mais frequentes entre os adolescentes

COMPORTAMENTOS	SEXO	
	Masculino	Feminino
Contrôle de causas (prevenir) ..	1º	5º
Afastar-se, fugir	2º	4º
Não saber o que fazer	3º	3º
Chorar, gritar, tremer	4º	2º
Rezar, pedir auxílio	5º	1º
Procurar esquecer ou distrair-se	6º	
Enfrentar a situação	7º	
Controlar-se.....	8º	
Ocultar-se	9º	6º

Há ainda a considerar o significado da frequência de cada um desses tipos diferentes de reação em situações que despertaram medo.

Os rapazes apresentam com frequência quase idêntica: **contrôle de causas (16,9%) e afastar-se ou fugir (16,5%)**; essas frequências

são, porém, inferiores à porcentagem com que as moças citam o comportamento que entre elas ocupa o primeiro lugar: rezar ou pedir auxílio (20,1%).

Notamos já pelos comportamentos mais destacados que variam as manifestações de medo conforme o sexo: os jovens agindo mais por si mesmos perante a situação atemorizante e as jovens que não contando tanto consigo mesmas, preferem valer-se do auxílio de outrem, principalmente do auxílio divino solicitado por orações.

A reação que se manifesta como perplexidade, quando o indivíduo não sabe como agir, nem o que fazer é equivalente, em porcentagem, para os dois sexos, sendo ligeiramente mais elevada para o sexo feminino (13,6%).

Chorar, gritar, tremer, embora sendo comportamento predominante feminino (16,7%) aparece com frequência também não muito reduzida entre os rapazes (12,1%).

O auto-domínio, reprimindo a manifestação de temor e recorrendo a atividades substitutas ou compensatórias que façam esquecer o medo, manifestou-se como comportamento tipicamente masculino (7,7%) pois entre as jovens apareceu com frequência muito mais baixa (4,8%).

Enfrentar a situação é também reação mais comum entre os rapazes (7,3%) do que entre as moças (3,7%).

O controle de si mesmo surge com porcentagem não muito significativa entre os adolescentes do sexo masculino (6,1%) e diminui ainda mais entre as adolescentes (4,8%).

Há ainda diferenças entre os adolescentes de ambos os sexos nos comportamentos cuja frequência não atinge o mínimo de cinco por cento, convindo porém fazer referências sobre alguns:

Racionalizar buscando desculpas ou forjando mentiras, buscar companhia quando se está com medo e roer unhas, são manifestações predominantemente femininas em situações de medo.

CONCLUSÕES REFERENTES AOS COMPORTAMENTOS REAIS DE MEDO

1) Os comportamentos predominantes de medo para os indivíduos do sexo masculino são: controle de causas (16,9%) representado principalmente por estudo para evitar notas baixas ou reprovação e afastar-se, fugir (16,5%).

2) Os comportamentos principais de medo para os indivíduos do sexo feminino são: rezar, pedir auxílio (20,1%) e chorar, gritar, tremer, suar (16,7%).

3) Aparecem com frequência aproximada para ambos os sexos: não saber o que fazer, não fazer nada (12,9% e 13,6%), ocultar-se (5,6% e 5,4%).

4) Os indivíduos do sexo masculino superam os do sexo feminino em frequência nos comportamentos seguintes: controle de causas,

TABELA LIX - COMPORTAMENTOS PROVÁVEIS DE MEDO RELATADOS PELOS ADOLESCENTES

COMPORTAMENTOS GERAIS DE MEDO	Masculino		Feminino		TOTAL	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
REZAR, PEDIR AUXÍLIO	19	7.7	72	22.5	91	16.0
CHORAR, GRITAR, TREMER, SUAR	24	9.7	46	14.4	70	12.3
PROCURAR ESQUECER-SE OU DESTRAIR-SE	23	9.3	42	13.1	65	11.5
CONTROLE DE CAUSAS, (PREVENIR)	35	14.1	19	5.9	54	9.5
NÃO SABER O QUE FAZER, NÃO FAZER NADA	23	9.3	29	9.1	52	9.2
CONTROLAR-SE, DOMINAR-SE	29	11.7	18	5.6	47	8.3
AFASTAR-SE, FUGIR	23	9.3	24	7.5	47	8.3
OCULTAR-SE	23	9.3	13	4.1	36	6.3
ENFRENTAR A SITUAÇÃO	21	8.5	11	3.4	32	5.6
BUSCAR COMPANHIA	6	2.4	18	5.6	24	4.2
RACIONALIZAR (MENTIR, DESCULPAR-SE)	7	2.8	10	3.1	17	2.9
ROER UNHAS, APERTAR DEDOS	8	3.2	7	2.2	15	2.7
TOMAR CONHECIMENTO DA CAUSA (VERIFICAR)	3	1.2	5	1.6	8	1.3
RACIOCINAR	-	-	6	1.9	6	1.0
BUSCAR DELIBERADAMENTE OCASIÕES DE MEDO	3	1.2	-	-	3	0.4
SENTIR-SE ENVERGONHADO, INFELIZ	3	1.2	-	-	3	0.4
TOTAL	247	100.0	321	100.0	568	100.0

afastar-se ou fugir, procurar esquecer-se ou distrair-se, enfrentar a situação, controlar-se.

5) Os indivíduos do sexo feminino superam os do masculino na frequência dos seguintes comportamentos: rezar ou pedir auxílio, chorar, gritar, tremer, suar.

6) As adolescentes apresentam maior porcentagem de respostas relatando reações de medo, que os adolescentes.

COMPORTAMENTOS GERAIS DE MEDO

A relação dos comportamentos prováveis de medo apresentados pelos adolescentes de ambos os sexos encontra-se na tabela LIX.

Os adolescentes do sexo masculino apresentam, tal como nos comportamentos efetivos, maior porcentagem de respostas referentes a **contrôle de causas** (14,1%) ou seja prevenir, principalmente no sentido de evitar notas baixas na escola; as adolescentes também citam, em primeiro lugar, o mesmo comportamento mais freqüente em situações reais: **rezar, pedir auxílio** (22,5%).

É a seguinte a apresentação dos comportamentos mais freqüentes de medo entre os adolescentes.

TABELA LX

Posição relativa dos comportamentos prováveis de medo, mais freqüentes, entre os adolescentes

COMPORTAMENTOS	SEXO	
	Masculino	Feminino
Contrôle de causas (prevenir) ..	1º	6º
Controlar-se, dominar-se.....	2º	7º
Chorar, gritar, tremer	3º	2º
Não saber o que fazer	4º	4º
Afastar-se, fugir	4º	5º
Procurar esquecer ou distrair-se	4º	3º
Ocultar-se	4º	
Enfrentar a situação	5º	
Rezar, pedir auxílio	6º	1º
Buscar companhia		8º

Controlar-se, dominando o próprio medo, passa como comportamento esperado, a obter lugar muito destacado entre os adolescentes do sexo masculino (11,7%), não sendo tão significativo entre as jovens (5,6%).

Diminuem como expectativas de reação o chorar, gritar, não saber o que fazer e afastar-se ou fugir por parte dos rapazes e das moças; diminui também apenas entre os indivíduos do sexo masculino, rezar ou pedir auxílio cuja porcentagem de frequência como comportamento real de medo é superior.

Aumentam como reação provável entre os jovens: procurar esquecer ou distrair-se, ocultar-se e enfrentar a situação; entre as jovens só se registra aumento em rezar ou pedir auxílio.

Surge entre os comportamentos prováveis de medo um novo tipo que não havia antes aparecido entre os comportamentos efetivos: buscar deliberadamente ocasiões de medo, cuja frequência só aparece entre os adolescentes do sexo masculino e bem reduzida afinal.

As moças relatam raciocinar como reação possível em situações de medo, sendo que este comportamento aqui apenas com frequência feminina foi, em situações reais, empregado unicamente por rapazes.

Os comportamentos mais ativos, tais como controle de causas, prevenindo situações de temor, enfrentar a situação que causa medo, parecem ser mais comuns ao sexo masculino, pois aí aparecem com maior frequência e porcentagem, tanto em situações reais como em situações esperadas.

Os adolescentes também se dominam mais do que as adolescentes, ao sentir medo. Estas, choram, tremem ou gritam mais, buscam companhia também mais do que eles, e ficam sem saber o que fazer, maior número de vezes, igualmente.

CONCLUSÕES REFERENTES AOS COMPORTAMENTOS PROVÁVEIS DE MEDO

1) O comportamento mais freqüente entre os indivíduos do sexo masculino é o de controle de causas (14,1%).

2) Para os indivíduos do sexo feminino o comportamento mais freqüente é rezar, pedir auxílio (22,5%).

3) Os adolescentes do sexo masculino superam os do feminino nos seguintes comportamentos de medo: controle de causas, controlar-se ou dominar-se, afastar-se ou fugir, ocultar-se, enfrentar a situação.

4) Os indivíduos do sexo feminino manifestam com porcentagem mais elevada que os do sexo masculino os comportamentos seguintes: rezar ou pedir auxílio, chorar, gritar, tremer, suar, procurar esquecer ou distrair-se, buscar companhia.

5) Não saber o que fazer ou não fazer nada é comportamento que apresenta frequência aproximada em ambos os sexos (9,3% e 9,1%).

6) As adolescentes apresentam maior porcentagem de respostas relatando comportamentos de medo, que os adolescentes.

COMPARAÇÃO ENTRE OS COMPORTAMENTOS ESPECÍFICOS E OS COMPORTAMENTOS GERAIS DE MEDO

As respostas que relatam expectativas de medo em prováveis situações que venham a atemorizar são em número ligeiramente superior às que referem manifestações reais de medo em situações que se deram recentemente.

São as jovens, que tanto em situações efetivas como em situações esperadas, apresentam maior número de reações de medo, verificando-se ainda que seus comportamentos de medo são de tipo menos ativo que os manifestados por rapazes.

Quando amedrontadas, as adolescentes preferem principalmente rezar ou solicitar o auxílio de outrem, enquanto os adolescentes mais freqüentemente tratam de controlar as causas que possam vir a ser causa de medo para eles. Isto é verdade tanto para situações que ocorreram verdadeiramente, como para situações que talvez ocorram algum dia.

A comparação entre as manifestações efetivas e prováveis de medo pode ser estabelecida mais claramente pela figura 49.

Se os comportamentos cuja frequência se destaca sobre as demais em situações reais, repetem-se com frequência maior também como expectativa de reação, as demais manifestações mostram muita diversidade.

Afastar-se, fugir ou pôr-se a salvo é comportamento que se verifica significativamente entre os rapazes em situações efetivas e recentes de medo, mas diminui muito como reação masculina esperada; entre as moças essa reação é também mais efetiva do que provável.

Em situações reais os adolescentes de ambos os sexos choram um pouco mais do que pensam fazê-lo futuramente, sendo, porém, que esse comportamento é predominantemente feminino.

Procurar esquecer ou tratar de distrair-se quando sob a ação de algum temor é reação altamente desejada pelas jovens mas muito pouco posta em prática quando a ocasião para isso se deparou; os rapazes também pensam esquecer o medo ou distrair-se quando atemorizados, um pouco mais do que o fazem na realidade.

Os adolescentes de cada sexo revelam-se diferentes quando real e provavelmente ocultam-se ao ter medo: entre rapazes, essa reação é muito mais esperada do que real e entre as moças dá-se fenômeno contrário.

Quando se trata de enfrentar a situação atemorizante temos preponderância de reações masculinas que são, no entanto, mais esperadas do que efetivas; as adolescentes manifestam pouco frequentemente este comportamento, relatando-o porém, maior número de vezes em situações que realmente se deram.

Como expectativa de reação em situações que venham a ser causa de medo, controlar-se, dominando o próprio temor é característico dos adolescentes do sexo masculino; as adolescentes esperam muito menos que eles ter tal reação, embora a esperança sobrepuje um pouco a realidade.

A busca de companhia é muito mais um característico das jovens, sendo mais reação provável do que real, o que também acontece com os rapazes.

Em manifestações pouco numerosas, com porcentagem de ocorrência inferior a cinco por cento, também há muito de interessante, porém, a reduzida frequência não garante resultados significativos.

As diferenças mais acentuadas entre comportamentos efetivos e possíveis, notam-se nas reações de afastar-se e não saber o que fazer, manifestada pelos adolescentes de ambos os sexos, de buscar esquecer ou distrair-se, relatadas pelas jovens, de controlar-se, citada pelos rapazes.

Nota-se ainda uma diversidade entre os adolescentes do sexo masculino e feminino quanto à predominância de tipos de comportamento real e provável: são os jovens os que apresentam maior número de tipos de reações que existem como expectativa apenas e não como manifestação que já ocorreu alguma vez.

OS COMPORTAMENTOS REAIS E PROVÁVEIS DE MEDO EM RELAÇÃO A IDADE

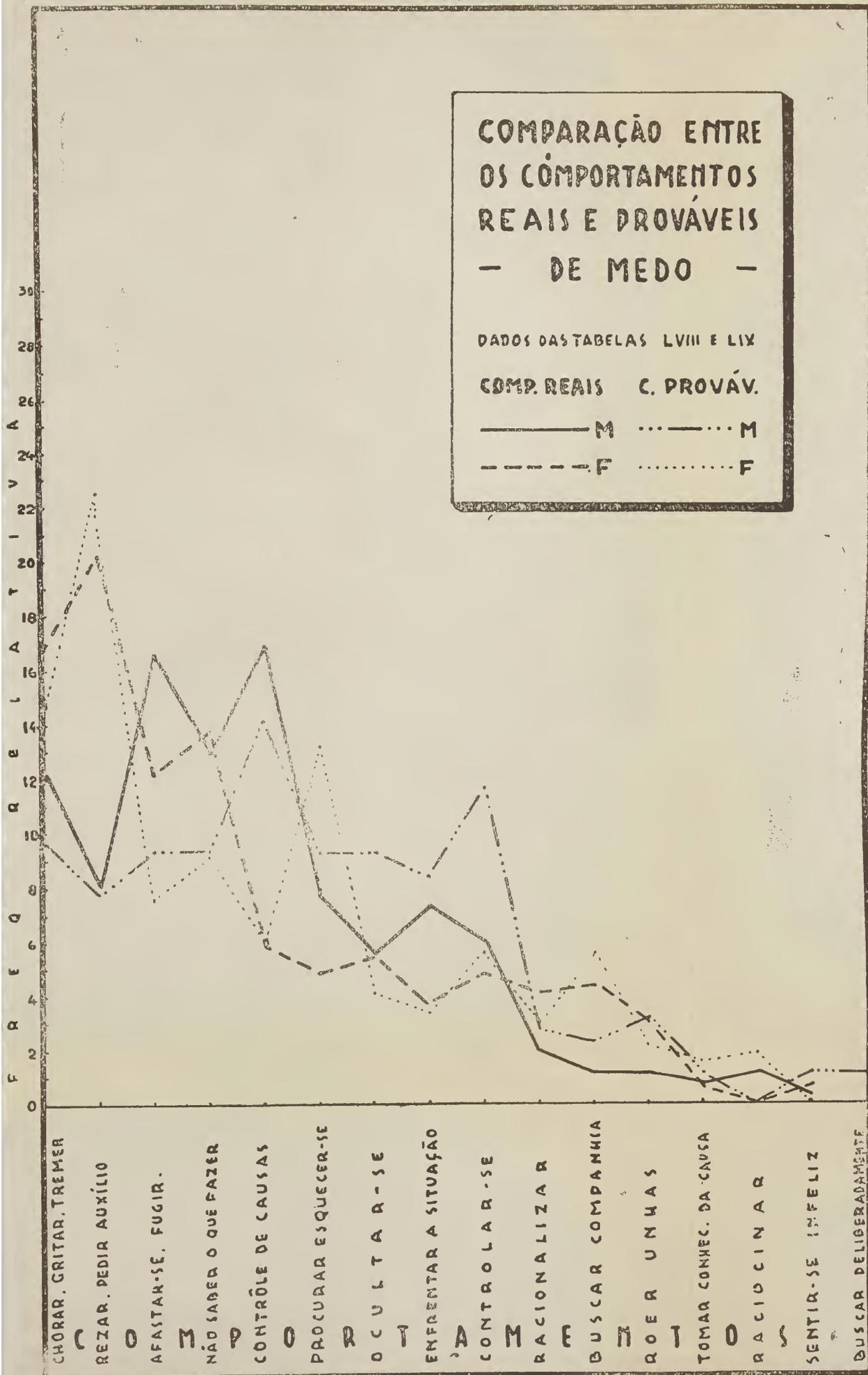
A reações mais frequentes de medo apresentadas pelos adolescentes de ambos os sexos, nas várias idades desse período, em situações reais e esperadas, encontram-se agrupadas para comparação nas tabelas LXI e LXII.

CHORAR, GRITAR, TREMER, ETC.

Chorar, como reação real entre os adolescentes do sexo masculino e feminino investigados é, conforme qualquer expectativa, ajustamento predominantemente feminino. Há porém, através das idades, uma apreciável porcentagem de rapazinhos que choram: sua maior frequência encontra-se aos 12 e 15 anos, para decrescer bastante após essa idade.

Entre as mocinhas, ainda que tendendo a decrescer levemente com a idade, o choro como reação real de medo manifestou-se mais frequente aos 12 e 14 anos.

FIGURA 49



Como expectativa geral de conduta por medo, revela-se o chorar como comportamento muito mais comum para o sexo feminino. Entre os rapazes, as maiores frequências encontram-se entre 13 e 14 anos, para decrescer daí por diante.

Já entre as mocinhas apresenta-se sempre com frequência significativa, alcançando cumes bem pronunciados aos 14 e 17 anos, decrescendo bastante após esta idade (vide fig. 50).

REZAR, PEDIR AUXÍLIO

As curvas do desenvolvimento do rezar e pedir auxílio como reações de medo — seja como reações reais ou como reações prováveis — apresentam um traçado semelhante no caso dos dois sexos. São, num caso como no outro, reações tipicamente femininas como era de esperar-se: recorrer a outrem, quer divindade ou pessoa poderosa, é justamente mais feminino que masculino. A auto-segurança, traço viril, como era de expectativa, revela-se aqui como traço mais dos rapazes que das mocinhas.

Como reações esperadas de medo diminuem visivelmente com a idade, embora para os rapazes note-se uma intensificação após os 16 anos (vide fig. 51).

AFASTAR-SE, FUGIR

Fugir ou afastar-se, reações mais dinâmicas de medo, são no caso de comportamentos reais, mais frequentes entre os rapazes que entre as moças.

É mais freqüente nas idades iniciais e vai decrescendo através da adolescência.

Parece, pois, que o crescimento do comportamento no medo caracteriza-se pela diminuição da conduta de fuga à situação que atemoriza, exceto aos 17 anos entre os rapazes, em que há uma intensificação desse comportamento.

Como reações esperadas, o afastar-se e o fugir da situação que causa ou que pode causar medo, diminuem sensivelmente através das idades, após o cume que se observa aos 13 anos para os dois sexos; apenas se nota dos 16 anos em diante uma leve intensificação na curva feminina (vide fig. 52).

NÃO SABER O QUE FAZER

Esta reação que em realidade é ausência de reação, deriva, talvez da perplexidade que sente o indivíduo perante o que o atemoriza, impossibilitando-o de reagir.

Nas situações efetivas, não saber o que fazer, como resposta de medo, predomina entre os indivíduos do sexo masculino, dos 14 aos

OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE MEDO, EM RELAÇÃO AO SEXO E IDADE
(DADOS DA TABELA LXI)

FIG. 50 CHORAR, GRITAR, TREMER

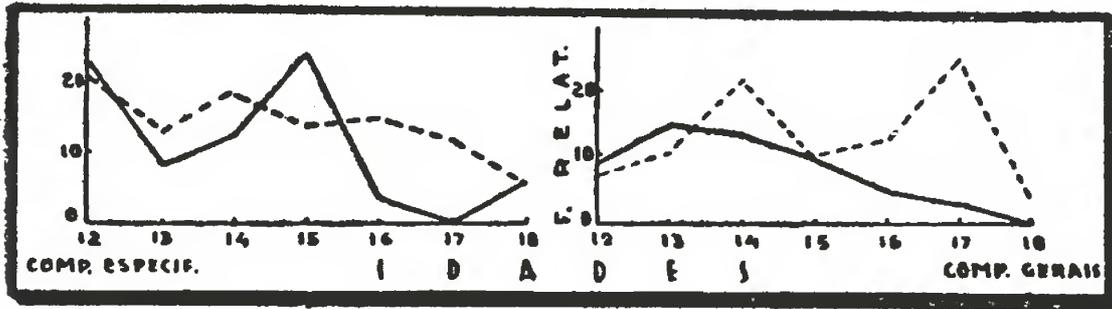


FIG. 51 REZAR, PEDIR AUXILIO

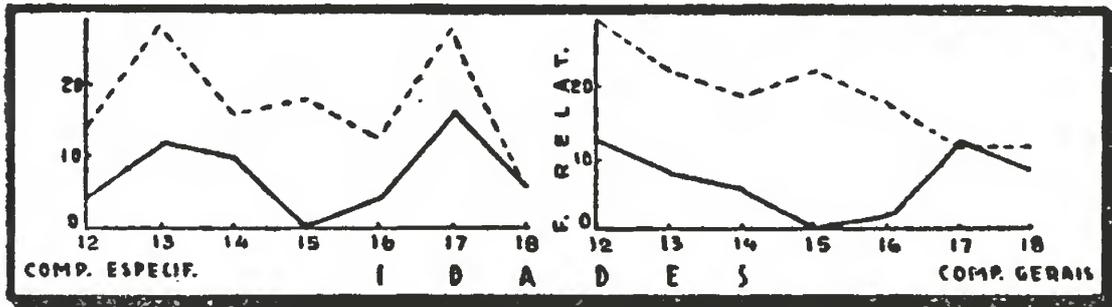


FIG. 52 FUGIR, AFASTAR-SE

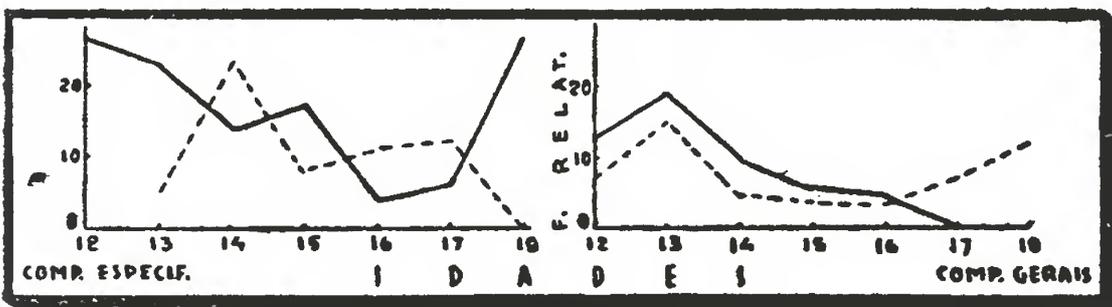


FIG. 53 NÃO SABER O QUE FAZER

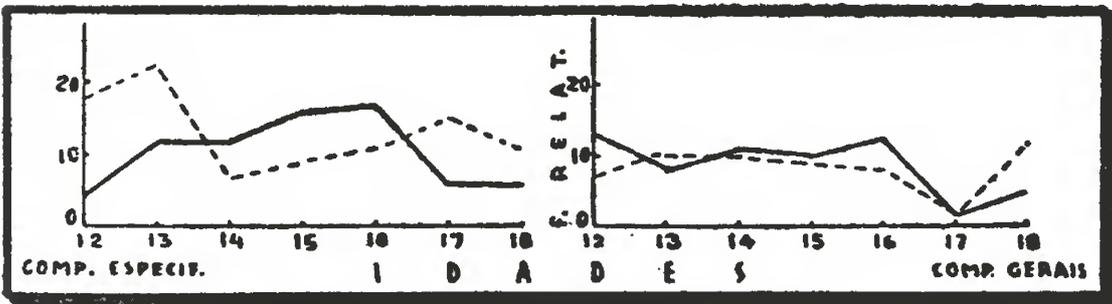
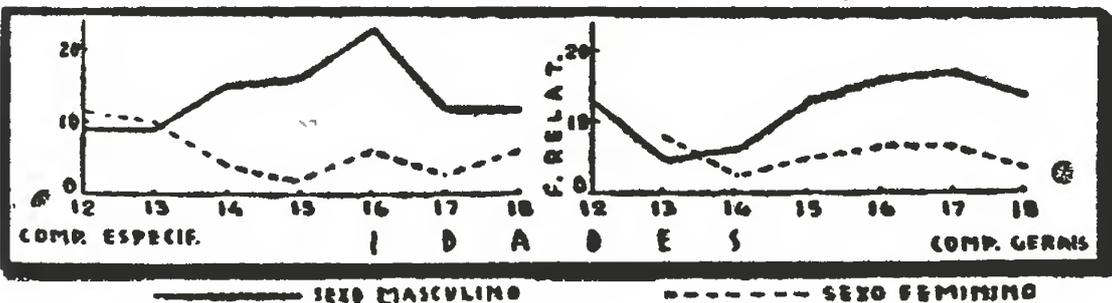


FIG. 54 CONTRÔLE DE CAUSAS (PREVENIR)



————— SEXO MASCULINO

- - - - - SEXO FEMININO

16 anos. Antes dos 14 e depois dos 17 anos, as mocinhas alegam mais esta resposta do que os rapazes.

A expectativa de não saber o que fazer quando em situações que produzam medo é mais acentuadamente masculina. A curva feminina revela-se menos oscilante e com tendência a decréscimo através das idades, exceto a partir dos 17 anos, em que começa a ascender.

São os adolescentes os que tanto em situações recentes como em situações de ocorrência provável, menos sabem o que fazer quando atemorizados. As moças revelam menor perplexidade e a predominância dessa resposta de medo acentua-se um pouco na parte final do período estudado (Vide fig. 53).

CONTRÔLE DE CAUSAS: PREVENIR

Aparece como um traço viril a capacidade de auto-segurança: os rapazes, quer nas respostas efetivas, quer nas esperadas, manifestam maior contrôle de causas que as jovens.

Ora, se o conhecimento das causas e o desenvolvimento emocional geral é que produzem tal contrôle, será de esperar que a resposta aludida cresça com a idade: é o que se verifica no caso do sexo masculino mais pronunciadamente e no caso do sexo feminino mais levemente.

Em geral, o contrôle de causas refere-se ao estudo para garantir notas boas e aprovação na escola, e são os rapazes os que mais aludem a êsse tipo de reação (vide fig. 54).

ESQUECER-SE OU DISTRAIR-SE

Aqui se revela superioridade masculina no emprêgo efetivo desse ajustamento em situações de medo; como expectativa de conduta de medo, porém, é mais lembrado pelos indivíduos do sexo feminino, embora seja também muito significativa a freqüência apresentada pelos rapazes.

Num como noutro sexo, o crescimento abrange aumento de freqüência com a idade. Ganha-se maior capacidade de auto-repressão e com isso se pode esquivar-se ao medo pelo esquecimento ou pela recreação (vide fig. 55).

OCULTAR-SE

É resposta tipicamente masculina e em decréscimo com a idade em se tratando de respostas que referem situações de ocorrência provável.

As mocinhas relatam poucas destas reações e em situações reais só aparecem até os 16 anos, predominando aos 15 anos; em situações

OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE MEDO, EM RELAÇÃO AO SEXO E IDADE
(DADOS DA TABELA LXI)

FIG. 55.- ESQUECER, DISTRAIR-SE

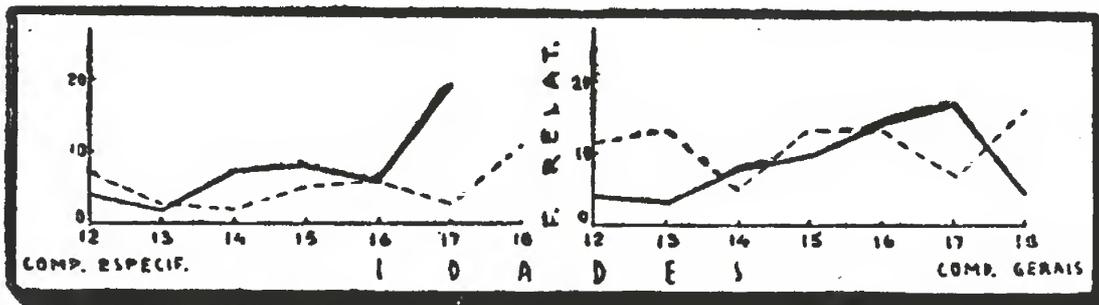


FIG. 56.- OCULTAR-SE

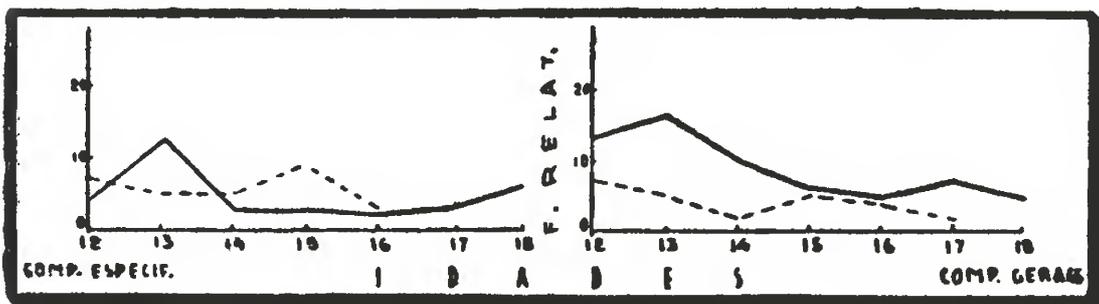


FIG. 57.- ENFRENTAR A SITUAÇÃO

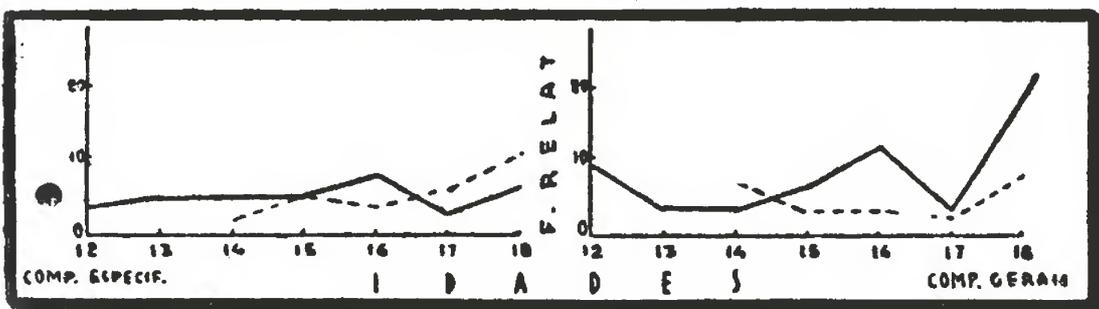


FIG. 58.- CONTROLAR-SE

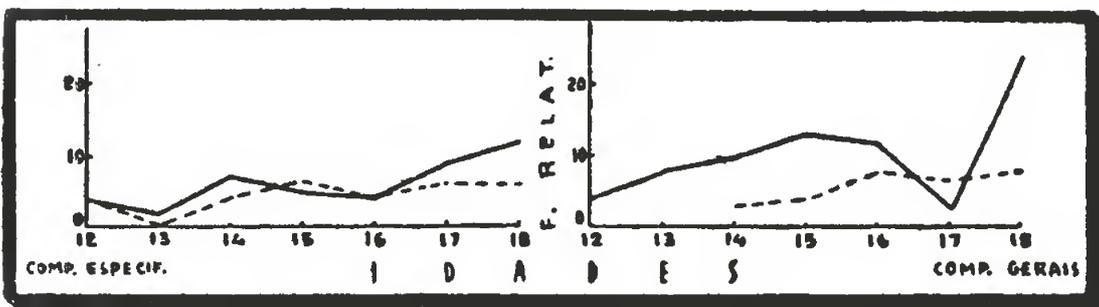
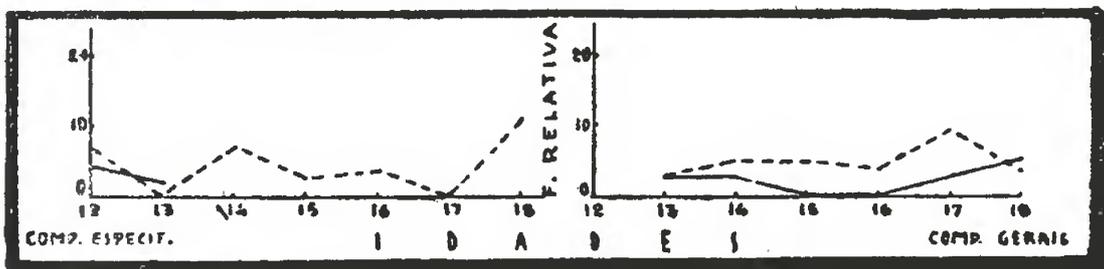


FIG. 59.- BUSCAR COMPANHIA



esperadas são lembradas até aos 17 anos, mas sempre com frequência muito reduzida (vide fig. 56).

ENFRENTAR A SITUAÇÃO

Cresce com a idade a frequência desta reação em situações de medo e é resposta mais masculina do que feminina.

Em situações efetivas, as moças só a empregam dos 14 anos em diante; os rapazes citam-na em tôdas as idades e com predominância aos 16 anos.

Como expectativa de comportamento quando sintam medo, os rapazes apresentam um cume aos 16 anos e novo cume ainda mais elevado aos 18 anos; as moças que só citam essa reação dos 14 anos em diante, apresentam uma leve diminuição até os 17 anos, com subida imediata dessa idade em diante (vide fig. 57).

CONTROLAR-SE

O auto-contrôle em situações de medo também aumenta com a idade e revela ser uma resposta predominantemente masculina.

É mais lembrado como resposta esperada em situações prováveis do que foi citado em situações que tiveram lugar recentemente (vide fig. 58).

BUSCAR COMPANHIA

É comportamento predominantemente feminino e mesmo assim em situações prováveis, já que se revelou muito pouco frequente em situações reais e quase inexistente entre os indivíduos do sexo masculino. (vide fig. 59).

OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE MEDO EM CADA IDADE

A preponderância das diversas manifestações de medo em cada idade, reveladas pelos adolescentes de ambos os sexos tanto efetiva como provavelmente aprecia-se na figura 60.

Aos 12 anos, a reação de fugir ou afastar-se da situação que causa realmente medo predomina entre os rapazinhos, sendo também frequente o choro como comportamento de medo. As mocinhas manifestam seu temor principalmente através do choro e muitas vezes também ficam sem fazer nada quando atemorizadas. Nota-se ainda que é significativa a frequência de rezar ou pedir auxílio quando sob o domínio de algum medo, e o contrôle das causas é mais utilizado por elas do que pelos adolescentes do sexo mas-

culino. São diversos, porém, os comportamentos em expectativa: enquanto elas pretendem muito mais rezar ou pedir auxílio, êles apresentam várias reações possíveis com igual freqüência: rezar ou pedir auxílio, afastar-se ou fugir, não saber o que fazer, contrôle de causas e ocultar-se.

Aos 13 anos, afastar-se ou fugir prepondera como reação efetiva e esperada para os mocinhos, enquanto as jovencinhas relatam principalmente rezar ou pedir auxílio em situações recentes ou apenas possíveis de medo. Após estas manifestações mais freqüentes temos ainda a considerar o aumento, em situações verdadeiras, da conduta de perplexidade como reação feminina e da probabilidade de ocultar-se ou chorar relatada pelos rapazes, em situações vindouras.

Aos 14 anos, temos outra apresentação das reações de medo: aumenta o contrôle de causas como manifestação real de medo, e chorar passa a ocupar o primeiro lugar como expectativa de reação entre os rapazes; chorar é o comportamento feminino mais provável, mas aparece também significativamente como causa efetiva ainda que superado pela reação de afastar-se ou fugir. Rezar ou pedir auxílio, ainda que menos freqüentemente, aparecem mais citados pelas jovencinhas.

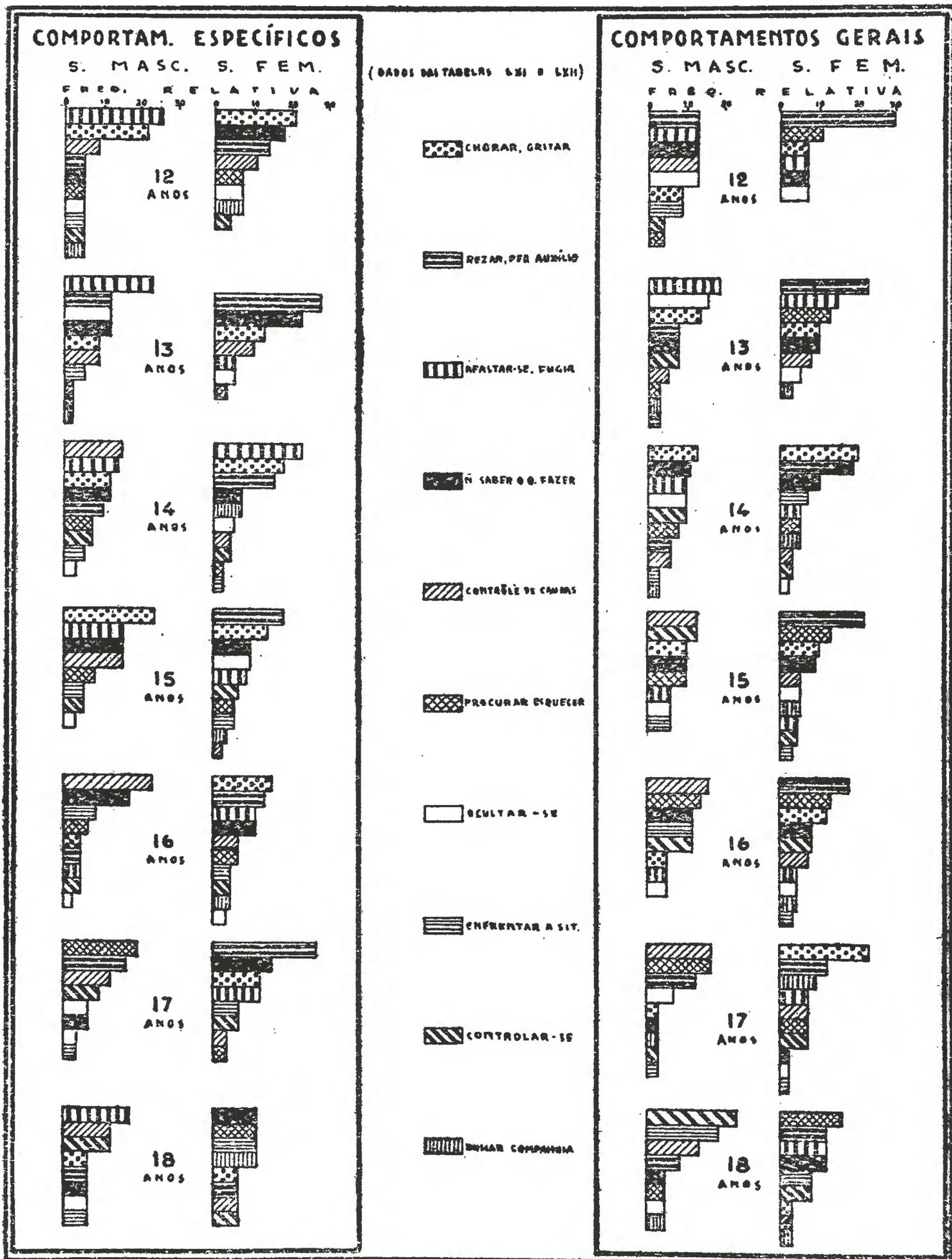
Aos 15 anos, os jovens choram bastante sendo que rezar ou pedir auxílio é a reação freqüente que esperam ter quando venham a sentir-se atemorizados. As adolescentes já choraram e esperam chorar menos do que em idade anteriores, havendo mais freqüentemente rezado ou solicitado auxílio e esperando principalmente utilizar-se do contrôle de causas ou controlar-se em possíveis ocasiões de medo.

Aos 16 anos, o contrôle de causas aumenta sensivelmente como manifestação que realmente teve lugar entre os jovens e se repete como reação esperada ainda que com menor intensidade. As jovens apresentam de novo a possibilidade de rezar ou pedir auxílio quando amedrontadas, mas o que fizeram efetivamente com maior freqüência foi chorar, ainda que tivessem também rezado ou pedido auxílio não poucas vezes.

Aos 17 anos, intensifica-se a reação de procurar esquecer o medo ou distrair-se, que é a mais citada pelos moços em situações recentemente ocorridas; em expectativa, esta mesma reação iguala-se ao contrôle de causas, sendo ambas as manifestações que mais esperam ter em situações que tenham lugar algum dia.

Aos 18 anos, ampliam-se as manifestações esperadas, por parte dos rapazes, predominando aí o desejo de controlar-se se atemorizados e seguindo-se o comportamento de enfrentar a situação, também bastante significativo; é diferente, porém, a realidade: êles comumente fugiram ou se afastaram do que lhes causou medo, ainda que tivessem também buscado controlar as causas de medo e dominado o próprio temor, com certa freqüência. As moças revelam menor freqüência nas manifestações reais de medo, havendo igualmente

FIG. 60.- OS COMPORTAMENTOS MAIS FREQUENTES DE MEDO EM CADA IDADE



procurado esquecer ou distrair-se, buscando companhia, enfrentando a situação ou simplesmente tendo permanecido sem saber o que fazer. Em expectativa, citam maior número e variedade de manifestações, sendo mais frequentes a de buscar esquecer ou distrair-se.

Em cada idade temos quadro diverso segundo a maior ou menor frequência das várias reações de medo, ocorridas realmente ou existentes apenas como possibilidade em situações prováveis de medo.

Variam os dois sexos se comparados sob o ponto de vista de suas manifestações de temor, e variam os adolescentes do sexo masculino ou feminino se compararmos os medos reais e esperados que relatam predominantemente em cada idade.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE OS COMPORTAMENTOS DE MEDO ENTRE OS ADOLESCENTES

As reações de medo, diz COLE (1942, p. 100) não são variadas. O principal comportamento é uma rigidez de todo o corpo. O comportamento de fuga é usualmente secundário em relação a esta imobilidade. As reações manifestadas por pessoas de tôdas as idades são, em larga escala, variações mais ou menos sutis dêstes dois padrões centrais. À medida que as crianças crescem e suas capacidades intelectuais amadurecem, elas aprendem a fugir antes que o estímulo apareça, isto é, aprendem a evitar situações que possam causar ansiedade.

Êstes dois tipos de reação encontram-se nas manifestações de medo relatadas pelos adolescentes paulistas: a imobilidade inicial perante a causa de temor é citada várias vêzes quando se faz menção de “ficar imóvel”, “ficar sem saber o que fazer”, “não fazer nada”, que nem sempre correspondem a contrôle ou repressão da manifestação; o comportamento de fuga, de afastamento da situação que provocou medo é também citado com certa frequência. O comportamento que visa evitar situações de medo existe também quando os adolescentes buscam controlar as causas de temor, prevenindo o seu aparecimento e é manifestado principalmente pelos adolescentes do sexo masculino, quando estudam para não tirar notas baixas na escola.

Há diferenças fàcilmente observáveis entre o que se fêz em situações recentes sob a ação do medo e o que se pretende fazer quando surgir alguma causa de terror. Nota-se tal variação na reação de buscar esquecer ou distrair-se, por exemplo, que é muito citada como comportamento desejado pelas moças, mas que na realidade ocorreu bem pouco.

Notam-se também diferenças acentuadas entre os sexos, quanto à frequência nas manifestações de medo. Aliás, devemos aqui, levar em consideração a influência da cultura sôbre a expressão

emocional permitida, ainda que como observa KLINEBERG (1940, p. 188) é possível que no caso do medo as expressões sejam muito mais diretamente controladas pelos processos fisiológicos, e que os padrões culturais tenham pouca ou nenhuma participação. Outra possibilidade é a de que o medo seja uma emoção com um caráter associal e, portanto, menos sujeita ao controle de fatores sociais.

Nota-se que é diferente, porém, o que a sociedade permite ou aceita em nosso meio, com referência à manifestação de medo por parte de homens e de mulheres. Do homem espera-se mais coragem, mais domínio de si mesmo; a mulher pode ser medrosa e revelar mais abertamente seu medo.

Isto se evidenciou nos resultados obtidos nesta investigação: os indivíduos do sexo masculino buscam real e provavelmente, com maior frequência, resolver a situação por si mesmos, tratando de controlar as causas de medo; as adolescentes, preferentemente, solicitam o auxílio divino ou humano para livrar-se da situação atemorizante. E ainda: enquanto as jovens choram mais, os rapazes tratam mais do que elas de afastar-se ou pôr-se a salvo quando com medo. Enfrentar a situação que amedronta é reação muito mais masculina, o mesmo podendo-se dizer do controle de si mesmo. A busca de companhia é mais característica das moças.

Temos, portanto, diferenças entre os sexos quanto à manifestação do medo.

O maior ou menor número de reações de medo exibidas parece estar relacionado, segundo um estudo realizado por STRATTON (1929, p. 242), com as várias doenças tidas na infância: os indivíduos que tiveram distúrbios sérios em pequenos, tendem a manifestar maior número de reações de medo.

Somente uma investigação nesse sentido poderia comprovar os resultados acima indicados; o maior número de reações de medo cabe, segundo os resultados que obtivemos neste estudo, às adolescentes, tanto em situações reais como em situações em expectativa.

As reações de medo também são índice de desenvolvimento, pois como nota JERSILD (1942, p. 264) à medida que as crianças crescem tendem a mostrar um decréscimo no número de ocasiões por dia ou por semana em que exibem sinais visíveis de medo, tais como chorar, tremer, encolher-se, retirar-se ou apegar-se a um adulto. Todavia, isso não significa que haja uma diminuição correspondente na soma de medos na vida diária da criança. O declínio na expressão evidente ocorre, em parte, como uma feição da tendência geral da criança à expressão menos manifestada da emoção à medida que vai crescendo.

Aí tem lugar, pois, o auto-domínio reprimindo as manifestações que a criança evidencia facilmente. Esse controle de si mesmo revelou-se mais acentuadamente entre os rapazes do que entre as

moças, o que talvez signifique que os jovens conseguem maior domínio emocional do que as jovens.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A INVESTIGAÇÃO DAS EMOÇÕES DE AFETO, CÓLERA E MEDO ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLA SECUNDÁRIA

Os resultados a que chegamos neste trabalho de investigação sobre três aspectos fundamentais da vida emocional na adolescência, permitem-nos afirmar que nesse período a emoção tem um grande significado dentro da personalidade. Não quer isto dizer que sub-estimemos a importância das emoções em outras fases da vida. Longe disso; no entanto, é na adolescência que a vida se torna emocionalmente intensa: tudo assume um valor afetivo, antes desconhecido.

A nossa abordagem, na parte de AFETO estendeu-se até o início da vida, buscando saber de quem gostou mais cada adolescente desde pequeno até agora, e de que afetos se viu privado.

A afeição, que tanta significação assume para o indivíduo em toda sua vida e cujas bases têm na infância um valor incalculável, revelou-se principalmente no lar através do amor dedicado aos progenitores, cuja intensificação se nota nas primeiras idades da existência.

Se os pais foram os seres mais amados, os familiares, com predominância de irmãos e avós, foram as pessoas cujo afeto mais se desejou ou deseja porque faz falta também ter o carinho e ternura de outros que não apenas o pai ou a mãe.

No estudo sobre CÓLERA e sobre MEDO solicitamos dos adolescentes relatassem experiências recentes em situações que encolerizaram ou que amedrontaram e que contassem também tudo aquilo que podia ser causa de raiva ou temor para eles, mesmo que nunca tivesse acontecido. O mesmo foi feito com relação aos comportamentos de cólera e de medo manifestados há pouco tempo ou que existissem apenas em expectativa para situações prováveis.

Ao estudar, pois, que cóleras e medos tiveram efetivamente os adolescentes, estamos perante fenômeno de realidade, na medida em que a realidade consciente pode ser levada em linha de conta.

Quando estudamos que situações geralmente fazem encolerizar ou temer, estamos diante de padrões de expectativa de situações determinadas.

Por mais que se imagine haver identidade entre situações que realmente produzem cólera ou medo e situações que se pensa produzirem medo ou cólera, tal não se verificou. O mesmo se pode dizer com respeito às reações reais e esperadas em situações de raiva e de temor: agir efetivamente por cólera ou por medo é diferente de agir imaginativamente nesses dois padrões de conduta emotiva.

Embora tratando-se de três pesquisas isoladas, ainda que realizadas ao mesmo tempo, e com os mesmos indivíduos, os resultados de uma vêm esclarecer ou completar os resultados obtidos nas outras.

Na investigação sobre AFEIÇÃO, verificamos que a família — e preferentemente os pais — foram, com predominância nos primeiros anos de vida, as pessoas a quem mais se quis. Esse afeto que vai decrescendo com o passar dos anos, cede lugar ou se acompanha de outras afeições à medida que o indivíduo caminha para a maturidade.

No início da adolescência começa a surgir a preferência pelo namorado, citado muitas vezes juntamente com a família. É então um afeto que se soma freqüentemente aos que já existem, sem necessidade de destruí-los.

Não é, porém — quando se trata de afetos dos quais o adolescente ou a adolescente se viram privados, antes ou agora — a afeição de namorados que os adolescentes em geral relatam com mais freqüência. É a de familiares, ainda que estes tenham sido comumente objeto de afeto não só há muito tempo, mas também presentemente.

E os professôres? Estes, mesmo consideradas apenas as últimas idades em que têm com o adolescente convívio diário, aparecem citados como pessoas a quem se quis ou se quer bem, com freqüência irrisória. Os adolescentes de ambos os sexos não parecem sentir afeto por seus mestres.

Qual seria a razão por que quase não tenham eles aparecido como objeto de afeição? Todos os adolescentes que responderam aos questionários são estudantes de escola secundária e portanto, indivíduos que estiveram e estão em contacto com vários professôres. Verifica-se, porém, que não só não gostam de seus professôres de agora, como não gostaram também dos que tiveram antes.

Este fato, em cuja interpretação não entramos, decorre dos resultados obtidos nos questionários respondidos pelos adolescentes, alunos de ginásio e colégio.

No entanto, parece que o estudo sobre cólera e medo pode esclarecer algo sobre essa questão. O que mais causa cólera são notas baixas e reprovações. E a quem se deve isto? Ao professor, é claro, pois é ele quem dá a nota e quem através da nota baixa pode reprovar o aluno. E que atemoriza aos adolescentes? É também a nota baixa, a reprovação, principalmente tratando-se de adolescentes do sexo masculino. Na presente investigação cremos estar revelado que a escola é mais frustradora para os adolescentes do que para as adolescentes.

Aliás o problema não é apenas brasileiro. COLE (1942, p. 133) falando sobre as EMOÇÕES e a ESCOLA, afirma que a escola em geral é responsável por um grande número de distúrbios.

Não esqueçamos, porém, que o aluno está atravessando uma fase tormentosa e “o professor, nessa época, irá provavelmente defrontar-se com problemas algo difíceis na conduta e atitude de seus alunos” (Secondary education 1938, p. 132).

Os adolescentes estão numa idade em que já não querem dar à autoridade o mesmo prestígio que lhe concediam antes, quando crianças, quando meninos. Muitos rebelam-se contra a autoridade do professor, mantida muitas vezes através da nota usada como castigo para os indisciplinados, na falta de outro meio mais eficaz.

Seria preciso que os professôres estivessem preparados suficientemente para a tarefa que têm a desempenhar: educar e compreender para então ensinar. E é possível que o professor seja êle próprio uma personalidade desajustada, cujos complexos e repressões se reflitam na sua tarefa de ensinar e avaliar depois o aprendizado dos alunos.

A principal causa de mêdo refere-se também a notas baixas ou a ser reprovados. Talvez aqui pudéssemos levantar a hipótese de que êsse mêdo dos alunos seja consequência de um sentimento de insegurança, por perceberem que não sabem a matéria e que não estudaram suficientemente. Isso vale mais para os indivíduos do sexo masculino pois “parece que as alunas reagem melhor que os alunos à situação escolar” (SILVA RODRIGUES 1948, p. 17).

Seja dito que êste nosso ponto de vista baseia-se nas nossas observações fundamentadas neste trabalho, cujos dados foram colhidos em determinado tipo de adolescentes.

É muito possível que estudos efetuados em adolescentes que freqüentem outro tipo de escola ou outras escolas — particulares, por exemplo — dêem resultados diferentes. É questão que poderá ser elucidada em futuros trabalhos.

É possível que também aí entre em jôgo aquilo que se espera de um indivíduo, expectativa essa confirmada freqüentemente pela atitude e pelos desejos dos pais e familiares, desejosos muitas vezes de ver o filho doutor. Nem sempre pode o rapazinho corresponder ao que se espera dêle e isso pode influir desfavoravelmente sôbre suas atividades, seu estudo, sua vida em geral, desanimando-o ou fazendo-o crer que é inferior aos outros.

Deve-se levar ainda em consideração, como frisam ENGLISH e PEARSON (1945, p. 294), o fato bem conhecido de que o comêço da adolescência tem um efeito desfavorável definido, ainda que temporário sôbre a capacidade de aprender de muitos indivíduos, se bem que, como nota SORENSON (1940, p. 59) o efeito do fracasso existe em todos os níveis escolares.

A escola, no nosso caso a escola acessível a tôdos os indivíduos de qualquer camada social, ou sejam, os estabelecimentos oficiais, manifesta-se como causa de frustração, encolerizando ou atemorizando os alunos, e neste caso especial, os alunos adolescentes, através das notas dadas pelos professôres.

Quais seriam porém os fatores determinantes da existência dêste estado de coisas?

Parece-nos que poderíamos considerar, pelo menos nos casos por nós investigados, como possíveis as seguintes causas:

— no ensino secundário, predominam as aulas de tipo acadêmico: o professor dá a aula e os alunos a assistem, apenas ouvindo ou tomando notas.

— Havendo muitas matérias, muitas aulas e muitos professores, não há tempo e nem oportunidade para uma aproximação entre mestres e discípulos. Não pode então haver conhecimento, amizade, compreensão de parte a parte.

— Atualmente o orientador educacional, que é um elemento novo nas escolas, pode fazer muito no sentido de um melhor convívio e compreensão entre professores e alunos.

— O ensino não é adaptado ao aluno, pois que não se baseia nos interesses e preferências próprios da idade, e o professor raramente busca ou tem oportunidade de procurar despertar o interesse do aluno pela matéria.

— O ensino efetua-se geralmente com pouca ou nenhuma objetividade.

— O atual sistema de exames e sabatinas apela principalmente, se não unicamente, para a memória. Não há lugar para aplicação ou uso do que se aprende, não há facilidade para a realização de exercícios práticos.

— O divórcio entre o que se ensina na escola, e o que de fato acontece na vida real é completo.

— O professor pode usar a nota como arma, quando sentindo-se inseguro ou mesmo atemorizado, por não ter vocação ou preparo a fim de manter sua autoridade e disciplina na classe.

— O professor pode não estar interessado no seu trabalho, e dar aulas apenas para ter maior rendimento.

Estas considerações vêm revelar que a escola parece não oferecer aos alunos, e principalmente aos adolescentes, um ambiente adequado às suas necessidades e interesses.

Seria preciso que se pudesse tornar mais real e mais agradável o ambiente escolar, que o estudo significasse um motivo de prazer, que as aulas despertassem o interesse ou satisfizessem a curiosidade do aluno, que os mestres fôsem mais amigos de seus alunos.

Tudo isto, tão importante na “escola nova” é geralmente considerado apenas quando se trata de crianças. Na escola secundária continua o ensino tradicional: expositivo e memorizado. Aliás é difícil romper com a tradição e perigoso também usar abruptamente sistemas novos, desprezando a modificação lenta e progressiva. Mas mesmo dentro do nosso sistema escolar, muito poderia ser feito sem usar métodos revolucionários.

Quais então os recursos disponíveis?

As aulas deveriam ser mais claras e interessantes, preparadas com cuidado, objetivando o mais possível o ensino, dando ao aluno oportunidade de participar ativamente do trabalho do professor. O professor ou os professores poderiam propiciar reuniões entre os alunos da mesma classe ou de várias classes para discussão de assuntos que lhes houvessem despertado a curiosidade.

Os professores e alunos poderiam aproximar-se mais e entender-se melhor se não se limitassem ao encontro diário nas salas de aulas: a participação de ambos em reuniões de caráter esportivo ou comemorações festivas seria um meio muito mais eficaz e natural de se conhecerem, não como superior e subordinado, mas como amigos, não anulando isto o respeito e consideração que o mestre merece por parte do aluno.

A família é também responsável por um grande número de frustrações e conseqüentes enraivecimentos dos adolescentes.

Os pais, freqüentemente, diz BROWN (1942, p. 99) não querem que seus filhos cresçam. Querem que eles continuem sempre sob sua supervisão e recusam-se a tratá-los como adultos... É este processo normal de emancipação tão freqüentemente mal compreendido, que leva à crença de que o período da adolescência é uma época de tormenta e desajustamento. A criança freqüentemente usa grosseria, desobediência, intolerância e conduta de segrêdo para mostrar que está crescendo. O processo de emancipação é normal, mas o comportamento que se reflete na situação social não é afortunado. Imagina-se que o indivíduo age dessa forma porque é um adolescente, mas a explicação está na situação social e nas experiências da infância... A adolescência tem sido culpada, quando a falta, na realidade, está na educação inadequada na infância. A sensibilidade do adolescente às condições do lar e da escola podem ser uma reação acumulativa que começou nos princípios da infância. Além disso, os dois sexos recebem no lar tratamento diverso: não é a mesma coisa ser menino ou menina, ser rapaz ou moça, na família. Isso pode-se notar nos resultados que obtivemos neste estudo, pois, as adolescentes indicam como causa mais freqüente das cóleras ocorridas recentemente em casa, o impedimento de fazer ou obter aquilo que desejam, e os adolescentes apontam como razão principal de cólera dentro de casa, nestes últimos tempos, aborrecimentos e amolações. E existe tal diferença não apenas no meio brasileiro mas é universal. ZACHRY (1940, p. 80) e ANASTASI (1937, p. 390) além de outros autores referem-se a essas diferenças existentes no tratamento que se dá às crianças de acôrdo com o sexo a que pertencem. Aí se nota, evidentemente, a influência da cultura que estabelece padrões diferentes de ação, atitudes, ideais, etc. para cada sexo.

Daí se origina, portanto, uma grande parte dos ressentimentos das jovens que indicam o lar como causa de frustrações e conse-

qüentemente de cólera, pois os pais ou os familiares, não permitindo às meninas e mocinhas a mesma liberdade e autonomia de que desfrutam os meninos e rapazes em nossa sociedade, estão apenas agindo segundo os ditames da cultura, que influi poderosamente em nossos ajustamentos emocionais e em nossa maneira de encarar os fatos quotidianos.

A mulher, em nossa sociedade, tende a ser mais frustrada e mais reprimida do que o homem, pois a ela se impõe maior número e extensão de restrições e proibições que deixam de existir quando se trata de um homem. Não deixam, porém, os indivíduos do sexo masculino de ter uma boa dose de frustrações em sua vida.

As frustrações ocasionam cólera e sendo todos nós criaturas mais ou menos frustradas, tem-se verificado que usualmente, como nota JERSILD (1942, p. 282) a cólera é muito mais comum do que o medo.

Isto concorda com a investigação que realizamos, pois verdadeiramente as situações efetivas de cólera relatadas pelos adolescentes em geral, superam em número as situações reais de medo.

As maiores frustrações têm lugar em casa e na escola, sendo êsses ambientes responsáveis por um grande número de cóleras citadas pelos adolescentes.

Tanto as causas que levam o indivíduo à raiva ou zanga, como as causas de medo mais freqüentes encontradas, revelam crescimento dos adolescentes, pois já não são de tipo infantil, mas predominantemente sociais, o que se aproxima do tipo adulto, revelando já maturidade.

O estudo das causas de cólera e de medo através das idades do período adolescente revela, em muitos aspectos, crescimento, além da variação que se observa entre os dois sexos.

Notam-se, tal como já se havia observado ao estudar as curvas determinantes de cólera e de medo, que os adolescentes de cada sexo apresentam manifestações diversas quando zangados ou atemorizados.

Em situações que tiveram lugar recentemente, as adolescentes quando irritadas, tinham como reação mais freqüente chorar, enquanto os adolescentes do sexo masculino mais comumente inibiam a manifestação de cólera, nada fazendo; em situações de ocorrência provável, a expectativa de comportamento é idêntica, sendo que aqui os rapazes se referem mais diretamente à repressão da reação de cólera, por auto-centrôle.

Há, porém, variação que se nota em ambos os sexos em vários dos comportamentos ocorridos realmente e os que possivelmente virão a ocorrer.

Quando atemorizados, há pouco tempo, os jovens trataram freqüentemente de afastar-se, fugir ou pôr-se a salvo, enquanto as jovens rezaram ou pediram o auxílio de outrem. As reações prová-

veis de medo imaginadas pelas moças são muitas vezes idênticas às que já manifestaram em situações reais; os rapazes já pensam mais em um possível controle de causas, no sentido de prevenir o advento de novas ocasiões de medo.

Há variação entre as reações de cólera e de medo, tanto efetivas como possíveis através das idades, na adolescência, notando-se em muitos aspectos um desenvolvimento que se aproxima bastante da maturidade do adulto em suas manifestações emotivas.

Assim se apresentaram, de maneira geral, os resultados a que chegamos nesta investigação de aspectos da vida emocional do adolescente que estuda, resultados esses que podem ser sumariados nas seguintes conclusões:

1) Os progenitores são, destacadamente nos primeiros anos de vida, o principal objeto de afeição.

2) Os afetos de que se viram privados mais comumente os adolescentes de ambos os sexos, antes ou presentemente, são os afetos por parte de familiares, notadamente irmãos e avós.

3) Existe diferença entre o que é relatado como causa real e recente de cólera ou de medo, e o que é indicado como causa provável de cólera ou de medo.

4) Existe diferença entre os comportamentos que de fato tiveram lugar em situações de cólera ou de medo, e as expectativas de comportamento em situações prováveis.

5) As frustrações são causas muito frequentes de cólera e de medo.

6) O lar e a escola são responsáveis por uma grande porcentagem de cólera no período da adolescência.

7) O fracasso, principalmente escolar, revelado por notas baixas e reprovação é causa mais frequente de cólera entre as situações reais relatadas por adolescentes de ambos os sexos.

8) O medo provocado pelo fracasso escolar — notas baixas e reprovação — é a causa mais frequente de temor em situações reais relatadas por adolescentes de ambos os sexos.

9) Os jovens revelam-se mais frustrados e desajustados, do que as jovens, à situação escolar.

10) As jovens revelam-se mais frustradas, em geral, do que os jovens.

11) As causas mais frequentes de cólera e de medo são principalmente causas sociais.

12) Os adolescentes do sexo masculino revelam maior capacidade de se dominar quando encolerizados.

13) Os adolescentes do sexo masculino são mais dinâmicos e ativos ao reagir, quando em situações de medo, do que as adolescentes.

14) Há variação entre os sexos no que se refere a causas e manifestações de cólera e de medo durante o período da adolescência.

15) Em muitos aspectos, tanto no que se refere à cólera como ao medo, observa-se desenvolvimento através dos anos de adolescência, não só quanto àquilo que é relatado como causa de zanga, raiva ou temor, como também ao que é apresentado como manifestação de cólera ou de medo.

R E S U M O

A presente investigação trata de alguns aspectos da vida emocional (Afeição, Cólera e Medo) de adolescentes de curso secundário principal de cólera é o fracasso determinado por notas baixas e reprovação, mais comum entre os adolescentes do sexo masculino. Quanto aos comportamentos, notam-se diferenças bem grandes entre os sexos, predominando a reação de chorar, quando com raiva, entre as moças e de inibir a reação de cólera, quando se trata dos rapazes.

A pesquisa sobre Afeição revelou que os adolescentes relatam como objeto principal de amor os progenitores, afeto esse que existe predominantemente nos primeiros anos de vida. Quando um só progenitor é citado é a mãe a preferida tanto pelos indivíduos de um como de outro sexo. Quando se trata de afetos de que se viram privados, os adolescentes indicam mais freqüentemente a familiares, destacando-se aí irmãos e avós.

Na pesquisa sobre Cólera verifica-se que há diferença entre o que efetivamente causou cólera e o que provavelmente poderá ser causa de cólera algum dia; o mesmo se aplica aos comportamentos de cólera relatados: nem tudo o que se fez quando encolerizado é o que se pensa fazer em novas ocasiões de cólera.

Na escola, a causa principal de cólera é o fracasso determinado por notas baixas e reprovação, mais comum entre os adolescentes do sexo masculino. Quanto aos comportamentos, notam-se diferenças bem grandes entre os sexos, predominando a reação de chorar, quando com raiva, entre as moças e de inibir a reação de cólera, quando se trata dos rapazes.

Na pesquisa sobre Medo observa-se também que é diferente o que realmente já causou medo e o que é esperado como causa provável de temor; os comportamentos que se manifestaram efetivamente apresentam igualmente diversidade em relação aos comportamentos que existem como expectativa apenas. O fracasso na escola é uma séria causa de medo para os adolescentes em geral, e em particular para os adolescentes do sexo masculino. Há grandes diferenças entre as manifestações de medo relatadas por jovens

de um é outro sexo, sendo rezar ou pedir auxílio o comportamento mais indicado pelas jovens, e prevenir por contróle de causas as situações atemorizantes, o que mais freqüentemente relatam os rapazes.

A idade determina variações, notando-se desenvolvimento em muitos dos aspectos estudados, tanto nas causas como nas reações de cólera e de medo, sendo que existem também grandes diferenças entre ambos os sexos, observados através dos anos de adolescência.

BIBLIOGRAFIA

(Referente apenas às obras citadas)

- ALLPORT, F. H. — 1924 — *Social Psychology*. XIV + 453 pp. Houghton Mifflin. Boston.
- ANASTASI, Anne — 1937 — *Differential Psychology (Individual and Group Differences in behavior)*. XVII + 615 pp. The MacMillan Co. N. Y.
- BOLTON, F. E. — 1931 — *Adolescent education*. XV + 506. The MacMillan Co. N. Y.
- BRIDGES, K. M. B. — 1932 — “Emotional Development in Early Infancy”. In *Child Development*, 3.
- BRIQUET, R. — 1933 — *Psicologia educativa do adolescente*. In “*Revista da Educação*” vol. 1, n. I, Março de 1933.
- BROOKS, F. D. — 1937 — *Child Psychology*. XXX + 600 pp. Houghton Mifflin Co. Boston.
- 1948 — *Psicologia de la adolescencia (tradução)*. XLIII + 643 pp. Editorial Kapelusz & Cia. Buenos Aires.
- BROWN, L. G. — 1942 — *Social Pathology*. XII + 595 pp. F. S. Crofts & Co. N. Y.
- BÜHLER, Ch. — 1937 — *La vida psíquica del adolescente (tradução)* 206 pp. Espasa. — Calpe Argentina, S. A. Buenos Aires.
- CHADDOCK, R. E. — 1925 — *Principles and Methods of Statistics* XVI + 471 pp. Houghton Mifflin Co. Boston.
- CHESTERTON, G. K. — 1936 — *The Autobiography of G. K. Chesterton*. VII + 360 pp. Sheed & Ward. N. Y.
- COLE, L. — 1942 — *Psychology of adolescence*. 4.^a ed. rev. XVI + 660 pp. Farrar & Rinehart, Inc. N. Y.
- CORRÊA, J. M. — 1931 — *A puberdade feminina em São Paulo em suas relações médico-legais*. 48 pp. Tese de doutoramento Fac. Med. São Paulo.
- CROW, L. D. & CROW, A. — 1945 — *Our teen-age boys and girls*. 1.^a ed. 3.^a impres. XI + 366 pp. Mc Graw-Hill Book Co. Inc. N. Y.
- DEBESSE, M. — 1936 — *La crise d'originalité juvenile*. XVI + 327 pp. Felix Alcan. Paris.
- DEBESSE, M. — 1948 — *L'Adolescence*. 118 pp. Presses Universitaires de France. Paris.

- DENNIS, W. — 1946 — "The adolescent". In: Carmichael, L. — Manual of Child Psychology. VIII + 1.068 pp. John Wiley & Sons, Inc. N. Y.
- DOLLARD, J. e outros — 1945 — Frustration and Agression. 5.^a impr. VIII + 209 pp. University Press. New Haven.
- DUNBAR, F. — 1946 — Emotions and bodily changes. 3.^a ed. LIX + 604 pp. Columbia University Press. N. Y.
- ENGLISH, O. S. & PEARSON, G. H. I. — 1945 — Emotional problems of living. 438 pp. W. W. Norton & Co. Inc. N. Y.
- FISHER, R. A. & YATES, F. — 1943 — Statistical Tables for biological agricultural and medical researches. 2.^a ed. rev. and enlarged. Oliver. London.
- GARRISON, K. C. — 1941 — The psychology of adolescence. Revised edition. XIX + 477 pp. Prentice-Hall Inc. N. Y.
- GATES, G. S. — 1926 — An observational study of anger. In J. Exp. Psychol., 9. pp. 325-336.
- GOODENOUGH, F. L. — 1932 — "Expression of the Emotions in a Blind Deaf Child". In J. Abn. and Soc. Psychol., 27.
- HILLERY, M. P. — 1937 — The religious life of Adolescent Girls. X + 123 pp. The Catholic University of America. Washington.
- HOLLINGWORTH, L. S. — 1928 — The psychology of the adolescent. XIII + 259 pp. D. Appleton — Century C. N. Y.
- JERSILD, A. T. & HOLMES, F. B. — 1935 — Children's. In Child Development Monogr., n. 20.
- 1942 — Child Psychology. XIII + 592 pp. Prentice-Hall, Inc. N. Y.
- 1946 — Emotional Development. In Carmichael, L. Manual of Child Psychology. VIII + 1.068 pp. John Wiley & Sons. Inc. N. Y.
- JONES, M. C. — 1935 — Desarrollo emocional. In Murchison, C. — Manual de Psicología del niño. XV + 1.163 pp. Francisco Seix, Editor. Barcelona.
- KLINEBERG, O. — 1940 — Social Psychology. XII + 570 pp. Henry Holt and Co. N. Y.
- 1946 — Introdução à Psicologia Social. Psicologia n. 1, Boletim LXXV. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- LANDIS, C. — 1924 — Studies of emotional reactions: II. General behavior and facial expression. In J. Com. Psychol.
- LEY, A. & WAUTHIER, M. L. — 1946 — Etudes de Psychologie instinctive et affective. 188 pp. Presses Universitaires de France. Belgique.
- MEAD, M. — 1945 — Adolescencia y cultura en Samoa (tradução). 268 pp. Editorial Abril. Buenos Aires.
- MIRA y LOPES, E. — 1945 — Psicología evolutiva del niño y del adolescente. XVI + 279 pp. Libreria y Editorial "El Ateneu"

- PIGA, A. — 1946 — *Adolescencia y cultura*. 337 pp. Empresa Editora Zig Zag S. A. Santiago de Chile.
- PINTLER, M. H. e outros — 1946 — “Sex differences in the projective doll play of preschool children”. In *Journal of Psychology*, 21.
- RICHARDSON, R. F. — 1918 — *The psychology and pedagogy of anger*. (Educ. Psychol. Monogr. n. 19) Warwck & York. Baltimore. p. 100 —
- SAUL, L. J. — 1947 — *Emotional Maturity*. XII + 338 pp. J. B. Lippincott Co. Philadelphia.
- SECONDARY Education — 1938 — Reprinted 1947. XXXVIII + 477 pp. His Majesty's Stationery Office. London.
- SILVA RODRIGUES, M. — 1948 — *Contribuição para o estudo de algumas características sociais e biométricas de adolescentes da cidade de São Paulo*. Boletim LXXXI, Estatística n. 2 Fac. Fil. Cienc. Letr. Univ. S. Paulo.
- SORENSEN, H. 1940 — *Psychology in education*. 1.^a ed. 5.^a impr, XIV + 489 pp. McGraw Hill Book Co., Inc. N. Y.
- STANLEY HALL, G. S. — 1904 — *Adolescence*. 2 vol. XX + 589 e VI + 784 pp. D. Appleton Century, Co. N. Y.
- STARBUCK, E. D. 1899 — *Psychology of Religion*. Scribner's ed. N. Y.
- STRATTON, G. N. — 1929 — *Emotion and the incidence of disease: The influence of the number of diseases and of the age at which they occur*. *Psychol. Rev.*, 36.
- SYMONDS, P. M. — 1931 — *Diagnosing personality and conduct*. XVI + 602 pp. D. Appleton-Century Co. N. Y.
- THOM, D. A. — 1935 — *Normal youth and its everyday problems*. XIII + 350 pp. D. Appleton- Century C. N. Y.
- TING, L. C. — 1949 — *Les reactions chez les nouveau-nés avant et après le repas*. 72 pp. E. Nauwelaerts. Louvain.
- WATSON, J. B. & MORGAN, J. J. B. — 1917 — *Emotional reactions and psychological experimentation*. *Amer. J. Psychol.* 28.
- WHEELER, OLIVE A. — 1945 — *The adventure of youth*. IX + 212 pp. University of London Ltd. Malhan House, Bickley, Kent.
- WILLEMS, E. — 1938 — *Posição social e educação dos imaturos entre os povos naturais*. In *Rev. do Arq.* ano V, vol. XLIX.
- YOUNG, P. T. — 1946 — *La emoción en el hombre y en el animal*. 532 pp. Editorial Nova. Buenos Aires.
- YOUNG, K. — 1946 — *Personality and Problems of adjustment*. X + 868 pp. S. Crofts & Co. N. Y.
- ZACHRY, C. — 1940 — *Emotion and conduct in Adolescence*. XV + 563 pp. D. Appleton-Century, C. N. Y.

**FÔLHAS DE CLASSIFICAÇÃO USADAS PARA O ESTUDO
DAS RESPOSTAS, NAS PESQUISAS DE AFEIÇÃO, CÓLERA
E MÊDO**

RELAÇÃO DOS AFETOS MANIFESTADOS

1. Pais
 - a. Pai
 - b. Mãe
2. Pais e outros familiares (tios, primos, etc.)
 - a. Pais e irmãos
 - b. Pais e avós
3. Familiares
 - a. Avós
 - b. Tios
 - c. Irmãos
 - d. Primos
4. Familiares e outras pessoas (amizades, vizinhança, etc.)
5. Familiares e namorado (a)
6. Familiares e noivo (a)
7. Amigos
8. Colegas
9. Vizinhos
10. Professôres
11. Namorado (a), Garoto (a)
12. Noivo
13. Empregados
14. Pessoas já falecidas
15. Eu mesmo
16. De todos
17. De ninguém
18. De animais
19. De objetos, de brinquedos
20. Não sei, não me lembro
21. Respostas sem nexos ou incompreensíveis
22. Ausência de resposta.

RELAÇÃO DOS AFETOS DESEJADOS

1. Pais
 - a) Pai
 - b) Mãe

4. Tios
5. Familiares em geral
6. Amigos, amizades
7. Colegas
8. Pessoas eminentes, cultas, artistas de cinema
9. Compreensão
10. Correspondência
11. Namorado, amor, paixão
12. Objetos, brinquedos, dinheiro
13. Animais
14. Teve todos os que podia desejar
15. Respostas sem nexos ou incompreensíveis
16. Ausência de resposta.

RELAÇÃO DAS CAUSAS DE CÓLERA

1. Injustiças
 - a) na família
 - b) na escola
2. Caçoadas, desprezo, indiretas, humilhações
3. Aborrecimentos, amolações, indelicadezas, críticas
 - a) na família
 - b) na escola
 - c) com o namorado
4. Mentiras, falsidades, traição, cinismo, intriga
 - a) de familiares
 - b) na escola
 - c) do namorado
5. Falta de correspondência ou de consideração
 - a) familiares
 - b) na escola, de colegas
 - c) do namorado
6. Intromissão de outras pessoas na vida
 - a) familiares
 - b) na escola
7. Não cumprimento do prometido
 - a) familiares
 - b) na escola
 - c) do namorado
8. Ordens, imposições
 - a) na família
 - b) na escola
 - c) do namorado
9. Impedimento de fazer ou obter o desejado
 - a) na família
 - b) na escola

10. Acusações
 - a) por familiares
 - b) na escola
11. Fracasso
 - a) na escola: nota baixa, reprovação
 - b) de clubes favoritos, futebol
12. Brigas, conflitos
 - a) na família
 - b) na escola
 - c) com o namorado
13. Incompreensão
 - a) na família
 - b) na escola
 - c) do namorado
14. Pessoas que causaram cólera
 - a) familiares
 - b) professores e colegas
 - c) namorado
15. Imperfeições, realizações mal feitas, incompetência
16. Corrupção moral, imoralidades
17. Aulas, estudo (cacetes)
18. Interferência em atividade
 - a) por familiares
 - b) na escola
19. Interferência em objetos
 - a) por familiares
 - b) na escola
20. Aparência física (cabelo, indumentária, etc.)
21. Motivos fúteis, à tôa ("qualquer coisa", "à tôa", "por causas sem importância", etc.)
22. Atividades desagradáveis (responder a êste questionário, lavar a louça em casa, fazer compras para a casa, etc.)
23. Esbarrões, pisões
24. Perda ou danificação de objetos.
25. Impedimentos materiais (chuva, vento, calor, barulho, falta de condução, etc.)
26. Alimentação desagradável (fria, requentada)
27. Não ter tido ou não ter cólera
28. Respostas sem nexos ou incompreensíveis
29. Ausência de resposta.

RELAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE CÓLERA

1. Reprimir-se ou controlar-se (dissimular, calar-se, dominar-se)

2. Atividades substitutas ou compensatórias (ler, passear, ouvir música, cantar, rezar, etc.)
3. Atitude filosófica ou ética: conformar-se, resignar-se.
4. Comportamentos implícitos: pessimismo, angústia, tristeza, raiva, etc.
5. Incapacidade confessada de reagir: não fazer nada, esperar, ficar quieto, etc.
6. Comportamento de recusa ou negativismo (greve de fome, de silêncio, isolar-se dos demais, etc.)
7. Comportamento vingativo ou de desforra.
8. Desejo de vingar-se.
9. Agressões verbais (gritar, responder, ameaçar, dizer tudo o que quer, etc.).
10. Comportamento verbal não agressivo (pedir explicação, explicar, comentar, etc.)
11. Auto-agressão não física: desejo de morrer.
12. Chorar
13. Ruborizar-se ou empalidecer
14. Perturbações digestivas
15. Manifestações motoras (cara feia ou emburrada, pular, espernear).
16. Explodir, brigar, estourar, reagir.
17. Agressões físicas: contra outrem, contra si mesmo, contra objetos, contra animais.
18. Não ter tido ou não ter cólera
19. Respostas sem nexos ou incompreensíveis
20. Ausência de resposta.

RELAÇÃO DAS CAUSAS DE MEDO

1. Animais
 - a) domésticos
 - b) nocivos
 - c) selvagens
2. Ruídos
3. Acontecimentos desagradáveis (engano, mentira, aborrecimentos).
4. Acontecimentos inesperados (sustos)
5. Cair
6. Dor, tratamento médico, doenças
7. Morte
 - a) morrer
 - b) perder pessoas queridas
 - c) cadáveres, necrotério, funerais
8. Perda de pessoas queridas por abandono ou afastamento
9. Perda de emprêgo, de propriedade, de segurança.

10. Situações perigosas
 - a) assaltos, roubos, ladrões
 - b) desastres, acidentes
 - c) guerra, lutas, agressões
 - d) tempestade, raios, trovoadas
11. Sanções negativas (repreensões, castigos)
12. Criaturas ou acontecimentos imaginários
13. Impressão causada por cinema, leitura, rádio, histórias.
14. Solidão.
15. Escuro.
16. Situações ou pessoas desconhecidas, deformadas, esquisitas.
17. Fracasso
 - a) escolar
18. Sonhos, pesadelos
19. Assuntos, situações sexuais (ficar só com um rapaz, etc.)
20. Não ter medo, não ter tido medo de nada.
21. Respostas sem nexos ou incompreensíveis
22. Ausência de resposta

RELAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE MEDO

1. Enfrentar a situação
2. Controlar-se, dominar-se
3. Contrôles de causas, prevenir (estudar para os exames)
4. Tomar conhecimento da causa (ir ver o que é que fazia barulho)
5. Procurar esquecer ou distrair-se (ler, ouvir rádio, etc.)
6. Raciocinar, pensar em como resolver
7. Raciocinar (mentir, desculpar-se)
8. Ocultar-se (dar uma volta por outro lugar, esconder-se, cobrir a cabeça, fechar os olhos).
9. Fugir, afastar-se, colocar-se a salvo (sair correndo, sair de perto, ir embora).
10. Buscar companhia
11. Rezar ou pedir auxílio
12. Não fazer nada, ficar imóvel, não saber o que fazer
13. Comportamentos de difícil controle (tremor, gritar, ficar sem fala, chorar, rir, ter calafrios, desmaiar, arrepiar-se)
14. Buscar deliberadamente situações que causam medo
15. Sentir-se envergonhado, infeliz, triste
16. Roer unhas, apertar os dedos, assobiar
17. Não ter medo ou não ter tido medo de nada
18. Respostas sem nexos ou incompreensíveis
19. Ausência de resposta.

INSTRUÇÕES: Esta é uma pesquisa sobre Emoções, que já tem sido feita em anos anteriores, com pessoas da mesma idade e do mesmo preparo de vocês. Para terminá-la é necessária a sua colaboração. A fim de que vocês tenham inteira liberdade, não escrevam o seu nome, e até modifiquem a letra se quiserem.

<p>DATA DO NASCIMENTO</p> <p>.....</p> <p>dia mês ano</p> <p>SEXO:</p> <p>CURSO:</p> <p>SERIE:</p> <p>PAI</p> <p>PROFISSÃO:</p> <p>MÃE</p>	<p>POSIÇÃO NA SÉRIE DE IRMÃOS:</p> <p>Marque nos quadradinhos, o sexo e a idade de seus irmãos, e faça um X no quadradinho que corresponde a você.</p> <p>Exemplo: Um aluno de 16 anos tem um irmão de 18 anos, outro de 14 anos e uma irmã de 11 anos. A colocação seria esta:</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">M 18</td> <td style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center; font-size: 2em;">X</td> <td style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">M 14</td> <td style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">F 11</td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> </tr> <tr> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> <td style="border: 1px solid black; width: 30px; height: 30px;"></td> </tr> </table>	M 18	X	M 14	F 11										
M 18	X	M 14	F 11												

De que pessoas você gostou mais em sua vida (citar o grau de parentesco):

- De 0 a 2 anos
- De 2 a 4 anos
- De 4 a 6 anos
- De 7 a 10 anos
- De 11 a 14 ou 15 anos
- De 15 a 18 anos
- 2. Irmãos
- 3. Avós
- De 18 anos em diante

Que afeições você desejaria ter tido em sua vida e não teve?

Nestes últimos 3 meses (Junho, Julho, Agosto):

Que fez você ficar zangado ou com raiva?	Por que você ficou zangado ou com raiva?	Que fez você quando estava zangado ou com raiva?
--	--	--

--	--	--

E agora diga:

Tudo que faz você ter ou sentir
mêdo

Que faz você sempre que está
com mêdo?

NESTES ÚLTIMOS 3 MESES (Junho, Julho, Agosto):

Que fez você ficar com medo?	Por que você ficou com medo?	Que fez você quando estava com medo?

E agora diga:

Tudo que faz você ter ou sentir
medo

Que faz você sempre que está
com medo?

Composto e impresso na
Indústria Gráfica José Magalhães Ltda.
Rua Spartaco, 215
São Paulo

TRABALHOS DA CADEIRA DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL

- ARRUDA, CELISA RIBEIRO de — Como estudar com eficiência. In Arquivos do Instituto de Educação, J, J, pags. 160-184, 1935.
- CARVALHO, MANOEL MARQUES de — Aquilo que você precisa saber sobre o ginásio — Monografia para uso da orientação profissional, Revista dos Tribunais, São Paulo, 1936.
- CARVALHO, MANOEL MARQUES de — Como organizar monografias para a orientação profissional, in Idort, V, 58, 227-239 e 59, 245-247, São Paulo, 1936.
- CORRÊA, CARMEN — Modernas teorias de aprendizagem, in Idort, Vol. IV, n.º 39, pgs. 52-57 e 40, 83-88, S. Paulo, 1935.
- FREITAS, BEATRIZ e KATZENSTEIN, B. — Algo de que as crianças gostam de ler, in Revista do Arquivo Municipal, LXXVII, 5-96, 1941.
- HALLIER, J. e KATZENSTEIN, B. — A criança como colaboradora em jornal infantil, in Arquivos do Instituto de Educação, III, 4, 24-157, 1937.
- RUDOLFER, NOEMY da SILVEIRA — Aferição do teste Dearborn, Série I, Exame A, in Arquivos do Instituto de Educação, I, 1, 74-159, 1935.
- RUDOLFER, NOEMY da SILVEIRA — Ensáio de um método ativo no ensino superior — Relatório geral de três anos de prática de grupos de discussão, in Arquivos do Instituto de Educação, II, 2, 47-107, 1936.
- RUDOLFER, NOEMY da SILVEIRA — Esboço histórico da Psicologia nos Estados Unidos da América do Norte, in Aspectos da cultura norte-americana, publicado pela Associação Brasileira de Educação, 281-339, Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1937.
- RUDÓLFER, NOEMY da SILVEIRA, — A Psicologia que vi nos Estados Unidos da América do Norte, in Revista Bibliográfica, da Universidade de S. Paulo, I, 3, 7-19, 1941.
- RUDOLFER, BRUNO e RUDOLFER, NOEMY S. — Ensáio de um método de investigação de nível social de S. Paulo pela distribuição da profissão dos pais dos alunos das escolas primárias públicas, in Revista do Arquivo Municipal, Vol. XXIII, pgs. 189-206, S. Paulo, 1935.
- RUDOLFER, BRUNO e RUDOLFER, NOEMY S. — Ensáio de método para estudo da distribuição da nacionalidade dos pais das crianças escolares, in Revista do Arquivo Municipal, XXV, 197-237, S. Paulo, 1936.
- SILVA, CECÍLIA de CASTRO — Adaptação paulista da Escala de Valores de Allport e Vernon, com autorização dos editores: 1943.
- SIQUEIRA, EULÁLIA ALVES de — Adaptação brasileira do teste de Dearborn, Formas A e B; com autorização do autor; publicação da Universidade de S. Paulo, 1934.
- SIQUEIRA, EULÁLIA ALVES de — Adaptação da escala Army Alpha; edição da Universidade de São Paulo, 1934.
- SIQUEIRA, EULÁLIA ALVES de — A medida objetiva do trabalho escolar, in Idort, IV, 41, 108-112; 42, 131-133; 43, 158-160; 45, 206-210; 46, 235-237; 48, 273-274; 49, 7-8; S. Paulo, 1936.
- SIQUEIRA, EULÁLIA ALVES de — Adaptação brasileira dos testes Kuhlmann-Anderson (escala completa), com autorização dos publicadores; edição da Universidade de S. Paulo, 1937.
- STREHLNECK, OLGA — Estudo comparativo de cinco cartilhas mais em uso nas escolas primárias de S. Paulo, in Revista do Arquivo Municipal, LXXIV, 83-216, S. Paulo, 1941.
- HALLIER, J. e MACEDO, J. GUEDES de — Jogos do Escolar de São Paulo. Boletim n.º 1, São Paulo, 1946.